

UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE – UNIVILLE
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PATRIMÔNIO CULTURAL E SOCIEDADE

QUANDO A FESTA É A RESISTÊNCIA: O MOVIMENTO NEGRO E A FESTA DO
ROSÁRIO EM ITAJAÍ, SC (1992–2022)

MOACIR DA COSTA

JOINVILLE

2023

MOACIR DA COSTA

QUANDO A FESTA É A RESISTÊNCIA: O MOVIMENTO NEGRO E A FESTA DO
ROSÁRIO EM ITAJAÍ, SC (1992–2022)

WHEN THE PARTY IS RESISTANCE: THE BLACK MOVEMENT AND THE ROSARY
FESTIVAL IN ITAJAÍ, SC (1992–2022)

CUANDO LA FIESTA ES RESISTENCIA: EL MOVIMIENTO NEGRO Y LA FIESTA
DEL ROSARIO EN ITAJAÍ, SC (1992–2022)

Dissertação de mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Patrimônio
Cultural e Sociedade da Universidade da
Região de Joinville (Univille), como requisito
parcial para obtenção do título de mestre.

Orientadora: professora doutora Roberta Barros
Meira.

Coorientadores: professor doutor José Bento
Rosa da Silva; professora doutora Mariluci
Neis Carelli.

JOINVILLE

2023

Catalogação na publicação pela Biblioteca Universitária da Univille

C837q	Costa, Moacir da Quando a festa é a resistência: o movimento negro e a Festa do Rosário em Itajaí (1992-2022) / Moacir da Costa; orientação Dra. Roberta de Barros Meira; coorientação Dr. José Bento Rosa da Silva e Dra. Mariluci Neis Carelli. – Joinville: UNIVILLE, 2023. 100 p.: il. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural – Universidade da Região de Joinville) 1. Rosário, Nossa Senhora do, Festa de – Itajaí (SC). 2. Patrimônio cultural. 3. Festas religiosas. 4. Cultura afro-brasileira. 5. Movimentos sociais. I. Meira, Roberta de Barros (orient.). II. Silva, José Bento Rosa da (coorient.). III. Carelli, Mariluci Neis (coorient.). IV. Título. CDD 383.69
-------	---



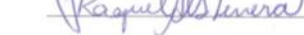
UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE - UNIVILLE
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PRPPG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PATRIMÔNIO CULTURAL E SOCIEDADE

ATA DA 205ª SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM
PATRIMÔNIO CULTURAL E SOCIEDADE.

Aos sete dias do mês de agosto de dois mil e vinte e três (2023), no Salão Nobre do Museu Histórico de Itajaí, às 19 horas, reuniu-se em Sessão Pública de Defesa, a Banca Examinadora instituída pela portaria nº 19/2023 – PPGPCS e composta pelos seguintes membros: Profa. Dra. Roberta Barros Meira (Orientadora/UNIVILLE), Profa. Dra. Mariluci Neis Carelli (Coorientadora/UNIVILLE), como presidente da banca; Prof. Dr. José Bento Rosa da Silva (Coorientador/UFPE), Profa. Dra. Cleusa Maria Gomes Graebin (UNILASALLE), Profa. Dra. Ilanil Coelho (UNIVILLE) e Profa. Dra. Sirlei de Souza (UNIVILLE) para examinar a Dissertação de Mestrado do aluno **Moacir da Costa**, como um dos requisitos à concessão do grau de MESTRE EM PATRIMÔNIO CULTURAL E SOCIEDADE, na área de concentração de Patrimônio cultural, identidade e cidadania. Devido as condições de saúde do aluno, a orientadora o representou na apresentação da dissertação. Após, os membros da banca apresentaram seus pareceres. A Professora Cleusa participou utilizando tecnologia de comunicação à distância. A Banca Examinadora reunida em caráter sigiloso emitiu o parecer APROVADO da dissertação intitulada “Quando a Festa é a Resistência: O Movimento Negro e a Festa do Rosário em Itajaí (1992-2022)”. A presidente deu conhecimento do resultado e esclareceu que deverão ser providenciadas as correções solicitadas pelos examinadores, anexas à presente ata, e a entrega da versão definitiva, devidamente corrigida e assinada conforme as normas do curso, para ter direito aos seis (6) créditos relativos à dissertação, conforme prazos estabelecidos no Regimento do Curso. A presidente encerrou a sessão agradecendo aos demais membros da Banca Examinadora pela presença e colaboração recebida. Nada mais havendo a tratar, a sessão foi encerrada da qual foi lavrada a presente ata, que uma vez aprovada, é assinada pela presidente, pela orientadora, pelo coorientador e excepcionalmente pela coordenadora do PPGPCS, pois o aluno encontra-se hospitalizado sob cuidados paliativos.

Joinville, 07 de agosto de 2023.

Assinatura:

 (Coorientadora)
 (Orientadora)
 (Coorientador)
 (Coordenadora do PPGPCS)

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Pessoal (Capes), o financiamento do projeto de pesquisa e a oportunidade dada a mim de cursar o mestrado.

Resumo

A Festa de Nossa Senhora do Rosário imbrica tanto elementos da cultura como da resistência negra, criando uma paisagem *sui generis* para discutir a riqueza do patrimônio afro-brasileiro. Nesse sentido, esta dissertação procurou compreender o processo de organização do movimento social negro no fim do século XX e nas primeiras décadas do século XXI, bem como sua articulação com a Festa de Nossa Senhora do Rosário e sua ressignificação, na cidade de Itajaí (SC), entre o período de 1992 a 2022. O ano de 1988 foi um marco para a organização dos movimentos sociais negros no Brasil, em Santa Catarina e na cidade de Itajaí. Desse momento em diante, os movimentos sociais reorganizaram-se e deram início a uma nova fase na luta antirracista, que passava a congregar as lutas tradicionais das comunidades negras. A resistência secular pela manutenção da cultura e da religiosidade negra agregou novas frentes pela necessidade de fortalecer as lutas pela demarcação das terras quilombolas e pelos direitos sociais fundamentais, como moradia, educação, segurança, trabalho, emprego e renda. A pesquisa, de cunho qualitativa, apoiou-se em fontes primárias e iconográficas, consultadas no Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí, bem como em 12 entrevistas com militantes antirracistas e do movimento social negro organizado e festeiros de primeira e de segunda geração da festa em homenagem à Nossa Senhora do Rosário. As entrevistas foram balizadas pela ferramenta de análise da história oral, sendo utilizados como principal referencial teórico e metodológico para a análise das memórias os trabalhos de Lucilia Almeida Neves Delgado e Paul Thompson (1998). As abordagens e interpretação das fontes tanto oral quanto das diversas fontes primárias estão orientadas pela metodologia da nova história cultural, dialogando com Pierre Nora e Peter Burke. Quanto aos autores que ajudaram a pensar o processo de resistência da comunidade negra, utilizamos: Florestan Fernandes (1974), José Bento Rosa da Silva (1996; 2004), João José Reis (1997), Luiz Antônio Simas (2022), Richard Sennett, Sidney Chalhoub, Michel de Certeau, Frantz Fanon e Stuart Hall. Esta pesquisa está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade, na linha de pesquisa Patrimônio, Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, bem como ao Núcleo de Estudos Afro-brasileiros.

Palavras-chave: Festa de Nossa Senhora do Rosário; resistência; patrimônio cultural; religiosidade; Itajaí.

Abstract

The Festa de Nossa Senhora do Rosário intertwines both elements of culture and black resistance, creating a *sui generis* landscape to discuss the richness of the Afro-Brazilian heritage. In this sense, this dissertation sought to understand the organization process of the black social movement at the end of the 20th century and in the first decades of the 21st century, as well as its articulation with the Festa de Nossa Senhora do Rosário and its re-signification, in the city of Itajaí (SC), Brazil, from 1992 to 2022. The year 1988 was a milestone for the organization of black social movements in Brazil, in Santa Catarina and in the city of Itajaí. From that moment on, social movements reorganized and began a new phase in the anti-racist struggle, which began to bring together the traditional struggles of black communities. The secular resistance for the maintenance of black culture and religiosity added new fronts due to the need to strengthen the struggles for the demarcation of *quilombola* lands and for fundamental social rights, such as housing, education, security, work, employment, and income. The research, of a qualitative nature, was based on primary and iconographic sources, consulted at the Center for Documentation and Historical Memory of Itajaí, as well as on 12 interviews with anti-racist and organized black social movement activists and first and second generations party planners of the feast in honor of Our Lady of the Rosary. The interviews were guided by the oral history analysis tool, using the works of Lucilia Almeida Neves Delgado and Paul Thompson (1998) as the main theoretical and methodological reference for the analysis of memories. The approaches and interpretation of both oral sources and the various primary sources are guided by the methodology of the new cultural history, dialoguing with Pierre Nora and Peter Burke. As for the authors who helped to think about the resistance process of the black community, we used: Florestan Fernandes (1974), José Bento Rosa da Silva (1996; 2004), João José Reis (1997), Luiz Antônio Simas (2022), Richard Sennett, Sidney Chalhoub, Michel de Certeau, Frantz Fanon, and Stuart Hall. This research is linked to the Graduate Program in Cultural Heritage and Society, in the Heritage, Environment and Sustainable Development research line, as well as to the Nucleus of Afro-Brazilian Studies.

Keywords: Nossa Senhora do Rosário celebration; resistance; cultural heritage, religiosity; Itajaí.

Resumen

La Festa de Nossa Senhora do Rosário entrelaza elementos de la cultura y la resistencia negra, creando un paisaje sui generis para discutir la riqueza de la herencia afrobrasileña. En este sentido, esta disertación buscó comprender el proceso de organización del movimiento social negro a finales del siglo XX y en las primeras décadas del siglo XXI, así como su articulación con la Festa de Nossa Senhora do Rosário y su re-significación, en la ciudad de Itajaí (SC), de 1992 a 2022. El año 1988 fue un hito para la organización de los movimientos sociales negros en Brasil, en Santa Catarina y en la ciudad de Itajaí. A partir de ese momento, los movimientos sociales se reorganizaron y comenzaron una nueva etapa en la lucha antirracista, que comenzó a aglutinar las luchas tradicionales de las comunidades negras. La resistencia secular por el mantenimiento de la cultura y la religiosidad negra sumó nuevos frentes debido a la necesidad de fortalecer las luchas por la demarcación de las tierras quilombolas y por derechos sociales fundamentales, como la vivienda, la educación, la seguridad, el trabajo, el empleo y los ingresos. La investigación, de carácter cualitativo, se basó en fuentes primarias e iconográficas, consultadas en el Centro de Documentación y Memoria Histórica de Itajaí, así como en 12 entrevistas con activistas antirracistas y organizados de movimientos sociales negros y partidos de primera y segunda generación. planificadores fiesta en honor a Nuestra Señora del Rosario. Las entrevistas fueron guiadas por la herramienta de análisis de la historia oral, utilizando los trabajos de Lucilia Almeida Neves Delgado y Paul Thompson (1998) como principal referente teórico y metodológico para el análisis de las memorias. Los enfoques e interpretación tanto de las fuentes orales como de las diversas fuentes primarias se guían por la metodología de la nueva historia cultural, dialogando con Pierre Nora y Peter Burke. En cuanto a los autores que ayudaron a pensar el proceso de resistencia de la comunidad negra, utilizamos: Florestan Fernandes (1974), José Bento Rosa da Silva (1996; 2004), João José Reis (1997), Luiz Antônio Simas (2022). , Richard Sennett, Sidney Chalhoub, Michel de Certeau, Frantz Fanon y Stuart Hall. Esta investigación está vinculada al Programa de Posgrado en Patrimonio Cultural y Sociedad, en la línea de investigación Patrimonio, Medio Ambiente y Desarrollo Sostenible, así como al Núcleo de Estudios Afrobrasileños.

Palabras clave: Fiesta de Nuestra Señora del Rosario; resistencia; patrimonio cultural; religiosidad; Itajaí.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 A RESISTÊNCIA NEGRA E POPULAR E A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE NEGRA	23
1.1 PATRIMÔNIO IMATERIAL DA POPULAÇÃO NEGRA: A FESTA ENQUANTO SABERES E FAZERES, TÁTICAS E ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA.....	35
2 O CARÁTER TRANSFORMADOR E AGREGADOR DA FESTA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO.....	40
2.1 ENTRE TAMBORES E PROCISSÕES: PRETOS E PRETAS DO ROSÁRIO, CULTURAS, CANÇÕES E LUGARES DE MEMÓRIA	45
2.2 OS CANTOS, O REPERTÓRIO E O SIMBOLISMO DOS VALORES DA COLETIVIDADE NEGRA E POPULAR	67
3 REIS E RAINHAS DO ROSÁRIO: PATRIMÔNIO, FÉ, PODER E RESISTÊNCIA	74
3.1 “DEUS FEZ, O VENTO ESPALHA E ELES POR SI SE ENCONTRAM”: QUANDO O COMER SE TORNA UM ATO POLÍTICO, AS PRÁTICAS ALIMENTARES E O PATRIMÔNIO CULTURAL NA FESTA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	79
3.2 QUANDO A FESTA É A RESISTÊNCIA: RACISMO E ANTIRRACISMO.....	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	89
REFERÊNCIAS	94
ANEXO.....	99
ANEXO 1 – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA.....	100
APÊNDICE	101
APÊNDICE 1 – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS	101

INTRODUÇÃO

Desde que iniciei minha trajetória acadêmica no curso de História, ainda no fim da década de 1990, escolhi por influência do rigor acadêmico pesquisar sobre o culto ao corpo na *belle époque* brasileira. Tentei dissociar minha vida acadêmica e intelectual da vida de militante do movimento social negro, porém ao longo dos anos fui afastando-me de uma observação distante do sujeito/objeto de pesquisa e assumindo uma postura mais gramsciana de intelectual orgânico. A união da pressão dos meus pares do movimento social negro e da vida política institucional resultou no projeto de pesquisa apresentado ao mestrado do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville (Univille), no ano de 2021.

Nesse contexto de formação intelectual com a formação de militante orgânico do movimento social negro surgiu a construção desta dissertação de mestrado, que tem a tarefa de dialogar com a base do movimento social negro e com os militantes antirracistas para tentar compreender os caminhos táticos e estratégicos da organização do movimento social negro e da Festa de Nossa Senhora do Rosário na cidade de Itajaí (SC), bem como as formas de organização da comunidade negra. O objetivo foi analisar o processo mais recente de reorganização da festa em Itajaí no período de 1992 a 2022, momento que coincide com o processo de recomposição do movimento social negro¹ e de consolidação das instituições da República do pós-regime militar.

Quanto aos objetivos específicos, buscamos analisar o processo de reorganização da comunidade negra durante a reabertura política e a luta pela valorização do patrimônio afro-brasileiro e o seu impacto na Festa de Nossa Senhora do Rosário da cidade de Itajaí e em que medida o movimento negro incorporou as funções das irmandades dos séculos XVIII e XIX. Outro ponto importante foi compreender o papel das festas da comunidade negra no processo de organização e de reorganização de africanos e seus descendentes. Para entender a festa e como ela opera traços de ancestralidade fazendo uma ponte entre o presente e o passado escondido na memória dos mais velhos, foi importante pensar o patrimônio alimentar e os espaços femininos na Festa do Rosário.

¹ O processo de reorganização dos movimentos negros de 1988, bem como as demandas da comunidade negra, levou ao surgimento de uma série de movimentos sociais, inspirados pela fundação do Movimento Negro Unificado em 1978.

Ao longo da elaboração do projeto de pesquisa apresentado ao programa de pós-graduação da Univille, escolhemos que o problema de pesquisa seria se as festas tradicionais religiosas, como a Festa do Rosário, poderiam indicar novas formas de resistência e de eixos aglutinadores entre militantes antirracistas e comunidade negra para fazer frente aos problemas historicamente enfrentados pela comunidade negra.

A Festa de Nossa Senhora do Rosário é uma manifestação da cultura afro-brasileira e tem suas origens nos séculos XVII e XVIII, de norte a sul do Brasil, com o nome de congadas, embaixadas ou moçambiques (LUPI, 1988). Em Santa Catarina as congadas têm a denominação de catumbi, ticumbi, cacumbi ou moçambique. Originalmente, a festa traz como figura central a batalha hipotética entre dois monarcas africanos recém-convertidos ao cristianismo e que desejam fazer uma homenagem, cada um a seu modo, ao padroeiro cristão. Nesse momento, os dois regentes enviam um grupo de homens que são denominados de embaixadas, cuja orientação de seus soberanos é fazer um desafio ao grupo adversário, mostrando quem é o melhor grupo para realizar a homenagem ao santo padroeiro. Por não ser possível um acordo ou uma conciliação, é declarada a guerra, e começam as batalhas entre os grupos de embaixadas. Esses conflitos em tese têm o intuito de converter povos pagãos em cristãos (ALVES, 1990).

As festas de devoção a Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Nossa Senhora da Conceição, São Sebastião, entre outros santos padroeiros adotados pelas irmandades de negros e negras, são festejos cíclicos que ocorrem em diversas regiões do Brasil desde o início da colonização, intensificadas no século XVIII e que reverberam até os dias atuais (QUINTÃO 2002).

No caso específico do litoral norte de Santa Catarina, há relatos orais das festas em Itapema, Camboriú e Itajaí, com sua culminância no município de Penha, com a Festa de Nossa Senhora do Rosário. Nesse momento, os diversos grupos de dançantes de catumbi/ticumbi/cacumbi se encontravam em uma espécie de batalha final, e os membros das diversas comunidades negras, em júbilo e reencontro. Em outras regiões catarinenses há relatos do catumbi e de festas em devoção aos santos padroeiros da comunidade negra em Florianópolis, o catumbi do Capitão Amaro; em Biguaçu, na Grande Florianópolis, Matias Sartiro Senhorinho; em Jaraguá do Sul; e em Araquari o ainda em atuação grupo de catumbi, que remonta ao século XIX e hoje executa suas coreografias rituais em Itajaí, Piçarras e Araquari.

As festas de devoção ao padroeiro organizadas pelas irmandades eram momentos de confraternização, de culto à ancestralidade e de expressão da cultura. Nelas, negros e negras colocavam-se em pé de igualdade entre seus senhores e suas senhoras, quando se coroavam

seus reis e suas rainhas. Nesse momento a comunidade negra se igualava ao nível dos demais membros da sociedade, demonstrando que também coroavam seus reis e suas rainhas e expressavam sua cultura. Ou seja, cultuavam o ser africano sem deixar de ser brasileiros, juntavam o ser africano com o ser brasileiro, ou, como é entoado em um dos cantos rituais dos dançantes de catumbi de Araquari:

Salve Rainha; – Ladainha
 Capelão: Salve Rainha mãe de misericórdia;
 Resposta: Ó mãe de Deus, senhora minha, peço socorro, salve rainha;
 Vida esperança nossa salve!
 Ó mãe de Deus, senhora minha peço socorro, salve rainha.
 A vós bradamos os degredados, filhos de Eva. Ó mãe de Deus Senhora Rainha
 minha;
 Peço socorro salve Rainha (COSTA, 2010, p. 44).

Ao coroar seus reis e rainhas durante as homenagens à santa do Rosário conforme as hostes eclesiásticas, a comunidade torna-se protagonista, pois até o fim do Império a religião oficial do Brasil era o catolicismo. Nesse sentido, não bastava sentir-se brasileiro, e sim parecer brasileiro. Portanto, a Festa de Nossa Senhora do Rosário representa a possibilidade de demonstrar ser brasileiro/cristão sem deixar de ser negro no passado, enquanto escravizado ou livre. Na atualidade, o caráter transformador da festa passa pelo ato de tornar as populações negras as protagonistas do passado e do presente (QUINTÃO, 2002, p. 122).

A cidade de Itajaí possui um arquivo público (Centro de Documentação e Memória Histórica), cuja mantenedora é a Fundação Genésio Miranda Lins, com um rico e diversificado acervo. Nesse acervo há um fundo privado da comunidade negra da cidade de Itajaí e região, em que encontramos um acervo iconográfico, documental e jornalístico acerca da história da comunidade negra. Nessas fontes primárias há uma série de documentos que nos ajudam a refletir sobre o papel do negro na construção da cidade, documentos estes pouco explorados, que foram fundamentais para pensar a dissertação de mestrado e nos dão indícios da presença de negros e negras no processo de organização da cidade. Nesse acervo existem escrituras de compra e venda de escravos, atas de reuniões da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, correspondências entre a comunidade negra e os poderes públicos, tais como Câmara de Vereadores, a Prefeitura de Itajaí e a Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina.

Esses documentos históricos ajudaram-nos a pensar a leitura de uma Itajaí adormecida do século XIX, com seus 27% de escravizados em 1840 – a Vila do Santíssimo Sacramento de Itajahy, do negro Simeão, construtor e escravizado de Agostinho Ramos, o construtor da Igreja Velha, a Vila do Santíssimo Sacramento de Itajahy, do Tio Silvério –, uma Itajaí muito

diferente da Itajaí do século XXI, com suas ruas, casarões e clubes com nomes alemães e italianos e certo apagamento da presença negra e popular da escrita oficial da história.

Quando pensamos no processo formativo da cidade de Itajaí, a historiografia mais tradicional nos traz à mente a construção de uma identidade luso-açoriana, porém, ao caminhar pelo centro da cidade e seus espaços públicos como hospitais, escolas, museus, suas praças, ruas principais e avenidas, deparamos com a preponderância da comunidade teuto-itajaiense e suas relações de poder, como trata o livro do professor José Roberto Severino (1998) *Itajaí e a identidade açoriana: a maquiagem possível*, que aborda a opção por parte de uma elite local de construir a partir da década de 1940 uma identidade luso-açoriana e de ocultar as demais etnias no processo formativo da sociedade itajaiense.

Esse cenário tem se alterado nas últimas décadas, com pesquisas apontando para a participação de vários autores no processo de construção de uma cidade diversa e plural, sob a pressão dos movimentos sociais negros da cidade, e que aos poucos vai descortinando e revelando uma Itajaí negra, os territórios negros da cidade, seus clubes desportivos e beneficentes e suas festas, que estão dando visibilidade às personalidades da comunidade negra. A Itajaí multicultural e multiétnica construída a várias mãos têm dado voz e visibilidade à escravizada Gerônima e seu filho de 3 meses Jorge, ao escravizado Simeão, ao Tio Silvério, ao Clube de Regatas Cruz e Souza, ao Humaitá Futebol Clube, ao Sebastião Lucas e posteriormente ao Clube Beneficente Sebastião Lucas. Enfim, a comunidade negra tem conquistado o direito de ter seu nome no panteão da história (COSTA, 2010).

Para refletir sobre a situação da comunidade negra na sociedade brasileira na atualidade, foi necessário consultar dados oficiais acerca da condição de negros e negras em relação a emprego, trabalho e renda, assim como os índices de desenvolvimento humano, tendo em vista serem eles fundamentados na Constituição Federal Brasileira de 1988, em seu art. 3, incisos I, II, III e IV, e art. 21, inciso IX. Para tanto, o Relatório de Desenvolvimento Humano: Racismo, Pobreza e Violência, publicado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) em 2005, trouxe subsídios para pensar a evolução histórica da comunidade negra e balizou-nos na análise da situação atual dessa parcela da comunidade em comparação aos demais grupos étnicos.

Para compreender como se operou e de certo modo como ainda se opera o processo de construção de nossa sociedade em relação à comunidade negra, os dados da publicação do PNUD/Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada escrita com apoio da Fundação João Pinheiro, do governo de Minas Gerais, *Desenvolvimento humano para além das médias*, permitiu interpretar esse processo de construção do desenvolvimento humano entre brancos,

pardos, pretos, asiáticos e indígenas. Observando a definição do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, essa obra possibilitou pensar um referencial teórico-metodológico para entender uma sensível diferença no desenvolvimento do país nas questões étnico-raciais no Brasil, em Santa Catarina e também na cidade de Itajaí.

A publicação do Ministério da Justiça e da Cidadania de 2016, o *Mapa da Violência 2016: homicídios por armas de fogo*, atentou para a situação de negros e negras no país e proporcionou subsídios para pensar o processo de violência a que negros e negras, assim como os não negros, estão sujeitos nas primeiras décadas do século XXI. Tal publicação forneceu as informações oficiais sobre a violência em nossa sociedade e como se operam as várias formas de violência sofridas nos diversos grupos sociais, étnicos, econômicos, etários e de gênero. Tais informações são necessárias para a compreensão de como se consolidaram a introdução da comunidade negra no atual sistema econômico e a sua relação com os demais membros da sociedade (WAISELFISZ, 2016).

Ao pensar a Festa de Nossa Senhora do Rosário enquanto patrimônio cultural imaterial, é imperativo refletir sobre o artigo 216 da Constituição Federal, que delimita o conceito de patrimônio material e imaterial cultural brasileiro, bem como o Decreto Federal nº 3.551/2000, que institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial, constitui o patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências, e o Decreto Estadual nº 2.504/2004, que institui as formas de Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial ou Intangível que constituem o patrimônio cultural de Santa Catarina.

Analizamos, igualmente, fontes iconográficas e fontes primárias e secundárias que foram pesquisadas no Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí e no arquivo do Núcleo de Estudos Afro-Negros no município de Itajaí, sob a guarda do professor José Bento Rosa da Silva.

No acervo sobre a população negra da cidade de Itajaí, do Centro de Documentação e Memória de Itajaí, podem-se encontrar algumas transcrições de escrituras de compra e venda de escravos do século XIX. A consulta a esse acervo nos proporcionou descobrir a presença indelével da comunidade negra no processo de construção coletiva de uma cultura material da cidade nas construções históricas, como a Igreja da Imaculada Conceição (Igrejinha Velha), pelo escravizado Simeão, o trabalho na zona portuária da cidade, ou a cultura imaterial, como a Festa de Nossa Senhora do Rosário.

Na documentação que fez parte da exposição em comemoração ao centenário da abolição formal da escravidão no Brasil², um documento específico chama a atenção: a escritura de compra e venda de Jorge, uma criança recém-nascida escravizada de 3 meses de idade.

Era 3 de outubro de 1862. Na Vila do Santíssimo Sacramento de Itajahy, a senhora Anna Maria Coelho dirigiu-se ao Cartório Almeida com a intenção de vender o escravo Jorge, recém-nascido de 3 meses de idade, filho da escrava Gerônima, pela quantia de 100 mil réis, para Manoel Adriano da Silva. Essas poucas informações fazem refletir sobre os motivos da compra e venda de uma criança escravizada de 3 meses de idade em um momento histórico cuja mortalidade infantil³ atingia níveis elevados (RIBEIRO, 2006, p. 30). Quais foram os motivos da venda? Quais foram os motivos de alguém comprar um bem, uma propriedade, com essas características? São questionamentos para os quais talvez não tenhamos respostas, a não ser mais do que possibilidades históricas:

Saibam quantos este público instrumento de escritura de compra e venda de um escravo recém-nascido virem que sendo no ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de oitocentos de sessenta e dois, aos três dias do mês de outubro do dito ano nesta Vila do Santíssimo Sacramento de Itajaí em meu cartório compareceram os outorgantes deste instrumento, a saber de uma parte como vendedora Anna Maria Coelho e de outra como Comprador Manoel Adriano da Silva⁴.

As poucas informações que essa escritura nos revela fazem pensar em algumas questões. Quem era a senhora Anna Maria Coelho? Seria ela viúva? Solteira, tendo em vista ter ido sozinha ao cartório sem a presença de um homem para oficializar a venda do recém-nascido e já escravizado Jorge? Qual era o motivo para que Manoel Adriano adquirisse um escravo de 3 meses de idade? Qual era a relação entre Gerônima, Manoel Adriano e Anna Maria? Qual era a relação entre o escravizado Jorge e o seu novo proprietário, Manoel Adriano? Teria havido alguma relação entre Gerônima e Manoel Adriano?

Releva notar que o documento traz dados importantes para pensar um fragmento da história que de certo modo é invisível, ou invisibilizado, em Itajaí, nos séculos XVIII e XIX,

² Precisamos aqui lembrar que o Brasil foi o último país das Américas a pôr fim à escravidão legalizada em seu território.

³ De acordo com o livro de Paulo Rennes Marçal Ribeiro (2006, p. 30), a mortalidade infantil no Brasil no fim do século XIX nunca foi inferior a 45%. As doenças que costumavam afligir e dizimar as crianças eram: sarampo, varíola, verminoses, dermatoses, tênia, sarna, além da infecção chamada mal-de-sete-dias, resultante da inflamação do umbigo do recém-nascido.

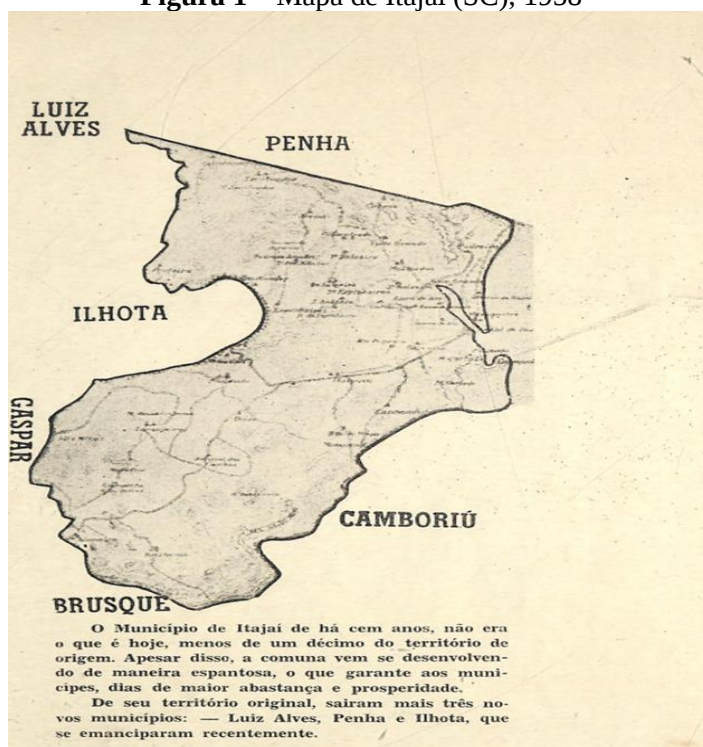
⁴ Transcrito do livro de notas nº 2, página 48v, do Cartório Almeida, de Itajaí, do Centro de Documentação e Memória de Itajaí.

ou seja, o processo de escravidão e a sua relação com a comunidade negra do estado de Santa Catarina, uma região que advoga para si um estatuto de branquitude, de Europa encrustada no sul do Brasil, cuja historiografia tradicional afirmava que a escravidão inexistiu em terras catarinenses ou, se existiu, fora mais branda em relação a como ocorreu nas demais províncias.

Essas discussões acerca da importância da comunidade negra no processo de construção histórica do estado de Santa Catarina ganharam força e consistência nas últimas décadas do século XX. O ano de 1988 é um marco para as discussões étnico-raciais, pois, com os festejos dos 100 anos de abolição formal da escravatura no Brasil, houve uma enorme movimentação em torno do tema. Um dos acontecimentos de suma importância foi a Campanha da Fraternidade Ouvi o Clamor desse Povo, capitaneada pela Confederação dos Bispos Brasileiros, além da nova constituinte.

Nesse contexto de efervescência política e social se viu uma mudança na abordagem histórica e sociológica das questões étnico-raciais no Brasil e, consequentemente, em Santa Catarina, e discute-se o papel de negros e negras na construção tanto econômica quanto social da sociedade. Para tanto, faz-se importante pensar a escravidão na Santa Catarina distante e se de longe lembra a Santa Catarina atual, mais precisamente em um fragmento da história de Itajaí, na época do recém-nascido, cativo e escravizado Jorge, em 1862 (Figura 1).

Figura 1 – Mapa de Itajaí (SC), 1958



Fonte: Anuário de Itajaí (1960).

Para tanto, sugerimos voltarmos à recém-criada Vila do Santíssimo Sacramento de Itajahy, em 15 de junho de 1860, ou seja, dois anos antes do recém-nascido e cativo Jorge vir ao mundo. Trata-se do cenário em que o escravizado recém-nascido Jorge e a recém-nascida vila tiveram imbricados seus destinos, um enquanto cativo e outro enquanto porto de chegada e de partida de escravizados, assim como de imigrantes europeus – tendo em vista a cidade de Itajaí ser portuária e de certo modo porta de entrada para o interior do estado de mercadorias, bens de consumo, a todo o vale do Rio Itajaí (BARRETO, 2003, p. 178).

Os primeiros habitantes do que hoje é a cidade de Itajaí foram os povos sambaquianos, que deixaram seus registros de passagem em alguns pontos da cidade, como os sambaquis⁵ de Cabeçudas e da Itaipava. Outros povos que aqui pisaram foram os diversos povos indígenas, tais quais os guaranis, os xoclengues e os caingangues. Ou seja, outras pessoas pisaram em terras itajaienses mesmo antes de existir Itajaí (AMORIM, 2002). O primeiro europeu a aportar nas margens do Rio Itajaí-Açu que se tem registro no que viria a ser Itajaí⁶ foi o vicentista João Dias de Arzão, em 1648. Ele veio para Santa Catarina com o grupo de colonizadores vicentistas liderados por Manoel Lourenço de Andrade, fundando São Francisco do Sul (SC) e sendo considerado por muitos o primeiro homem branco proprietário de terra no Vale do Itajaí ao requerer uma sesmaria na barra do Rio Itajaí-Açu (FGML, 2002).

Outra contribuição para a construção da vila e posteriormente cidade foi Antônio Menezes Vasconcelos Drumond, que foi enviado a Santa Catarina como contratador dos reais cortes de madeira. Ele solicitou o apoio governamental para a fundação de uma colônia nas terras de Itajaí. Em 5 de janeiro de 1820, o rei D. João VI autorizou Drumond a estabelecer uma colônia em duas sesmarias reais junto ao Rio-Itajaí Mirim onde hoje se encontra o bairro Itaipava sentido Brusque (SC). Com a ajuda de soldados dispensados de um batalhão da sede do nascente estado de Santa Catarina, Drumond iniciou a derrubada das florestas para começar as plantações e a alocação de colonos. Em fins de 1823, fixou-se na Colônia de Itajaí Agostinho Alves Ramos, reconhecido pela historiografia oficial como um dos fundadores do município de Itajaí, pois colaborou para a construção da primeira capela de Itajaí, capela esta erguida por seu escravizado conhecido como Simeão (FGML, 2002, p. 29).

⁵ Locais em que homens e mulheres anteriores aos povos indígenas depositavam restos de conchas, animais e ferramentas. Eventualmente ao seu redor havia fósseis humanos desses povos. São verdadeiras cápsulas do tempo.

⁶ João Dias de Arzão optou por montar acampamento e posteriormente sua residência onde hoje é o município de Navegantes (SC), que se emancipou em 26 de agosto de 1962.

A Tabela 1 leva a perceber a presença da população escravizada e liberta em Itajaí entre 1840 e 1872. Ou seja, mesmo no início do Segundo Reinado havia presença considerável da população escravizada na freguesia, que tinha uma enorme participação na economia da cidade. O caso mais notório é o do escravizado negro Simeão, pedreiro de Agostinho Alves Ramos, responsável por construir a Igrejinha da Imaculada Conceição, que fez com que a cidade passasse à condição de curato (FGML, 2002).

Tabela 1 – População escravizada e população livre, século XIX

Ano	Escravizados	Livres	Total
1840*	190	500	690
1856**	822	3.563	4.395
1872***	830	20.542	21.372

*Charles Van Lede, de la Colonization Au Brésil; **Leonce Aubé, la Province de Sant Catarina;

***recenseamento oficial de 1872.

Fonte: Centro de Documentação e Memória de Itajaí, exposição em comemoração ao centenário da abolição formal da escravidão no Brasil, maio de 1988

Por iniciativa de Agostinho, em 15 de abril de 1835, foi aprovada a Lei nº 9, posteriormente sancionada pelo presidente da província Feliciano Nunes Pires, e criou-se a primeira escola pública de Itajaí. A lei determinava que o professor teria o ordenado anual de 180 mil réis e, seguindo método individual, ensinaria os estudantes a ler, escrever, fazer as quatro operações de aritmética, gramática portuguesa e ortografia e a doutrina cristã. Agostinho, um próspero comerciante (possuía armazém e depósito, secos e molhados, na barra do Itajaí-Açu), era sócio de Anacleto José da Silva, também deputado provincial catarinense em vários mandatos, integrante da antiga Guarda Nacional, tenente-coronel e coronel comandante do 7º batalhão dessa guarda (D'AVILA, 1982).

A cidade de Itajaí foi desmembrada de Porto Belo no ano de 1859, pela Resolução nº 464, de 4 de abril de 1859, e elevada de paróquia (freguesia) à categoria de vila, passando a ter a seguinte denominação: Vila da Paróquia do Santíssimo Sacramento de Itajaí⁷. Para a elevação à qualidade de município, os munícipes obrigaram-se a construir às suas custas a Câmara Municipal, bem como a organizar as eleições legislativas. Esse momento mostrou-se muito complexo, tendo em vista a organização do pleito eleitoral e as sessões propriamente ditas (FGML, 2002, p. 35). O município de Itajaí teve sua emancipação em 15 de junho de 1860 e

⁷ Disponível em: <https://arquivln.org.br/igrejas/parouquia-santissimo-sacramento/>. Acesso em: 28 fev. 2022.

compreendia toda a região norte do Rio Itapocu, hoje município de Piçarras, ao sul com o Morro do Boi, então Camboriú/Balneário Camboriú, e ao oeste até a região de Blumenau.

Era nessa cidade que viviam a escravizada Gerônima e seu filho, a criança Jorge, sua proprietária, Anna Maria Coelho, e o comprador, Manoel Adriano da Silva. O fato é que a escritura de compra e venda do menino Jorge e a condição de mulher negra e escravizada de Gerônima nos dá indícios indeléveis da vida na Villa do Santíssimo Sacramento de Itajahy, abre caminhos para pensar as relações humanas entre os escravizados e seus senhores/proprietários. Como era a relação entre homem livre e mulher livre? Como poderiam ser as relações de poder entre um homem livre e uma mulher escravizada? Como era a relação entre uma mulher livre e uma mulher escravizada? À medida que se lê com atenção a escritura de compra e venda do recém-nascido Jorge, descortina-se uma face da história de Itajaí do século XIX pouco conhecida.

Tal fragmento da história da cidade faz pensar também no papel dos africanos e seus descendentes nesse processo construtivo, pois ao aportarem no continente americano na condição de escravizados trouxeram consigo a sua própria África. O que chama a atenção é a falta de registros de tantos Jorges e Gerônimas que ajudaram a construir a história de Itajaí, ou seja, um apagamento da comunidade negra no processo de construção de uma multiculturalidade que a cidade de Itajaí evoca para si. Nesse sentido a história é contada, pelo olhar do tabelião do Cartório Almeida, da proprietária da criança Jorge e de sua mãe, Gerônima, Anna Maria Coelho, e do comprador, Manoel Adriano da Silva:

Vendedora Anna Maria Coelho e de outra como Comprador Manoel Adriano da Silva reconhecidos de mim Tabelião pelos próprios de que dou fé e logo pela vendedora me foi dito perante as testemunhas abaixo assinadas que ela outorgante era senhora e possuidora de um escravo recém-nascido de uma escrava de sua propriedade de nome Gerônima, o qual vende como de fato vendido tem na pessoa do comprador Manoel Adriano da Silva pela quantia de Cem Mil Réis que cuja quantia recebeu ao fazer d'esta em moeda corrente deste nosso Império e *em virtude do bom pagamento cedia toda a posse do dito escravo de hoje para todo o sempre* (AUTOR, ano, p. xx, grifo meu).

Ao analisar mais atentamente a escritura de compra e venda do escravizado menino Jorge, vem à mente uma série de questionamentos, abre-se uma lacuna a ser preenchida que faz refletir sobre as duas últimas linhas da escritura, que destacam o bom pagamento de Manoel Adriano da Silva para Anna Maria Coelho e “que ela cedia todos os direitos do dito escravizado menino Jorge para todo o sempre”. As poucas informações acerca do menino escravizado ou do escravizado menino Jorge não permitem chegar a uma conclusão, mas levam a pensar na

violência que a escravidão representou para a formação social do Brasil e sobre o impacto social da Lei do Ventre Livre, sancionada em 1871, momento em que o menino Jorge teria 9 anos de idade se tivesse sobrevivido ao martírio da escravidão formal. O que se deu de Gerônima? O que se deu do menino Jorge? Qual foi o destino do jovem escravizado Jorge em 13 de maio de 1888, aos seus 26 anos, com a promulgação da Lei Áurea?

O ato de pensar nas Gerônimas e nos Jorges é dar voz a silêncios ensurdecedores que nos fazem compreender o processo organizativo em que foi alicerçada a nossa sociedade, é perceber que homens e mulheres que foram escravizados e escravizadas eram pessoas que tinham sonhos, dores, amores, é pensar sem maniqueísmo de bem ou de mal, sem romantizar esse ou aquele ator social. Jorge e Gerônima, embora coisificados pelo sistema escravista do Brasil, enquanto colônia de Portugal, e do Brasil Império, reverberam na República brasileira. É nesse sentido que repensar o papel de negras e negros na sociedade não enquanto escravizados e seus descendentes, mas enquanto pessoas, é compreender como se operou e opera o processo de construção de nossa sociedade.

Muitos dos descendentes de Gerônimas e de Jorges são os negros e as negras que deram origem à comunidade negra de Itajaí. De acordo com relatos orais e conversas com os sexagenários e sobretudo septuagenários, a comunidade negra de Itajaí é formada basicamente por dois polos escravagistas das cidades de Penha e Piçarras – importantes centros de captura e de processamento de óleo de baleia⁸ –, da região da Pedra de Amolar, hoje parte do município de Ilhota (SC), e do interior de Itajaí, na fazenda do Coronel José Henrique Flores. Esses escravizados trabalhavam no plantio de cana-de-açúcar, bem como na produção de açúcar e extração de madeira (FGML, 2002, p. 98).

Para interpretar o processo de organização do movimento social negro e a Festa de Nossa Senhora do Rosário, foi utilizada a metodologia da nova história cultural (THOMPSON, 1987). A história do tempo presente forneceu as ferramentas necessárias para refletir sobre as rupturas e as permanências do passado no presente entre a comunidade negra e os não negros. A Festa de Nossa Senhora do Rosário, o movimento negro e os militantes antirracistas estão vivendo o momento histórico atual, porém com memórias de um tempo que já viveram com o tempo do presente e o tempo da memória. Esse método de interpretação propõe compreender

⁸ As armações baleeiras representaram uma importante atividade econômica para o Brasil em meados do século XVIII e início do século XIX, e as atuais cidades de Penha e de Balneário Piçarras eram importantes centros de captura e processamento de óleo de baleia (SAINT-HILAIRE, 1936).

do presente a constituição de permanências e rupturas temporais que, de algum modo, possuem eco ou reverberação na atualidade (CHAUVEAU, 1999).

A contribuição da história cultural ajudou a explicitar as ressignificações da Festa de Nossa Senhora do Rosário, assim como os papéis dos movimentos negros e a cultura produzida pela comunidade negra não somente pelo exótico, mas pelo que ela representa aos seus participantes, um processo de construção de uma identidade e um senso de pertencimento. Essa concepção teórico-metodológica possibilitou a percepção e compreensão da reorganização das manifestações culturais afro-brasileiras na localidade de Itajaí e da relação entre a comunidade negra da cidade, por vezes invisibilizada por ser minoria tanto de poder quanto numérica.

Ao pensar as questões étnico-raciais, é de fundamental importância refletir sobre o processo de organização da sociedade brasileira. No caso da história de Santa Catarina e mais ainda de Itajaí, precisam ser ampliados os estudos acerca da contribuição da comunidade negra nesse processo nas diversas áreas do conhecimento.

A dissertação ora exposta está dividida em três capítulos. O primeiro procura traçar o processo de resistência e de organização da comunidade negra e da construção de uma identidade negra brasileira e sobretudo catarinense. O capítulo também dialoga com as fontes encontradas no arquivo de Itajaí que retratam uma cidade escravista marcada pela violência.

O segundo capítulo trata do caráter revolucionário enquanto elemento agregador da comunidade negra e da transferência da festa de Penha para Itajaí. Nesse segundo capítulo analisamos a primeira fase de organização da Festa de Nossa Senhora do Rosário, como a comunidade negra se organizou principalmente na visão da primeira geração de militantes que trouxeram a festa para a cidade. Pensamos ainda em discutir a organização da festa atual e seu impacto no processo de construção e organização da militância negra e popular, tendo em vista que a cidade de Itajaí foi celeiro de militantes antirracistas e de propostas de promoção da igualdade racial, sugerindo leis, políticas públicas de combate ao racismo e de igualdade racial.

Já o terceiro capítulo tem o intuito de compreender a construção da reinvenção da Festa de Nossa Senhora do Rosário sobretudo conforme a visão da segunda geração de festeiros e de militantes antirracistas negros e não negros. Além disso, discutimos como essa manifestação da cultura negra e popular impactou na visibilidade da comunidade negra da cidade de Itajaí e como a comunidade não negra percebe e interpreta a Festa de Nossa Senhora do Rosário enquanto manifestação cultural da população negra da cidade. A pesquisa volta-se, igualmente, para a história das mulheres do Rosário e a importância da atuação feminina para a consolidação das redes de resistência, solidariedade, sociabilidade e transmissão de saberes e fazeres alimentares ligados às religiosidades afro-brasileiras. Nesse capítulo pensamos a festa enquanto

táticas e estratégias de manifestação cultural de negros e de negras, de manifestação e de protagonismo social. Ou seja, um dia de coroamento de seus reis e de suas rainhas e de todo o seu séquito, um dia de equivalência aos demais membros da sociedade.

Enfim, analisamos a festa enquanto elemento de resistência e de expressão de cultura patrimonial material e imaterial da comunidade negra da cidade de Itajaí, nos termos dos artigos 215 e 216 da Constituição Federal de 1988, bem como do Decreto federal nº 3.551/2000, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), que cria o Programa Nacional de Patrimônio Imaterial, e do Decreto estadual nº 2.504/2004, que institui as formas de registro de bens culturais de natureza imaterial ou intangível que constituem o patrimônio cultural de Santa Catarina.

1 A RESISTÊNCIA NEGRA E POPULAR E A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE NEGRA

Existem aproximadamente 200 milhões de mulheres e homens nas Américas que se identificam como afrodescendentes. O Brasil é o país com o maior número de negros e de negras¹ fora do continente africano, ficando atrás somente da Nigéria². O tráfico atlântico de africanos escravizados marcou profundamente as relações étnico-raciais em toda a América e no Caribe, sobretudo no Brasil, em que as relações sociais entre indígenas, europeus e africanos deixaram marcas indeléveis na construção de uma identidade brasileira.

As pessoas de origem africana constituem alguns dos grupos mais vulneráveis, marginalizados e socialmente excluídos da sociedade. Estudos e pesquisas de órgãos internacionais, nacionais e regionais demonstram que elas estão mais sujeitas ao processo de exclusão econômica e social. Nesse sentido, o Relatório de Desenvolvimento Humano: Racismo, Pobreza e Violência, publicado pelo PNUD³, revela dados acerca da situação de negros e negras no Brasil, ressaltando que inexiste região geográfica brasileira na qual o peso de negros e de negras no conjunto de sua população abaixo da linha de pobreza não seja maior que seu peso percentual numérico em seu respectivo grupo étnico (PNUD, 2005).

Os dados das Tabelas 2 e 3 expostos ainda que do início dos anos 2000⁴ nos fazem pensar sobre o longo processo de construção histórica da sociedade brasileira e a formação do Brasil enquanto Estado, de que maneira negros e negras foram incluídos na sociedade brasileira. Nesse sentido, observando a situação da comunidade negra em nível nacional, podemos refletir acerca da situação no estado de Santa Catarina e de como se deu essa relação na cidade de Itajaí. Importa lembrar que tanto Santa Catarina quanto a cidade de Itajaí advogam para si uma identidade alemã e luso-açoriana, respectivamente⁵, invisibilizando as demais etnias que contribuíram no processo de construção tanto da cidade quanto do estado (SEVERINO, 1998).

¹ É importante aqui apontar que para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística a categoria negra é a soma de pretos e de pardos, termo/categoria que vamos abordar muito ao longo deste trabalho.

² De acordo com o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados, o Brasil possui a maior população de negros e de negras fora da África. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/campanhas-e-advocacy/decada-afro/>. Acesso em: 22 ago. 2023.

³ PNUD hoje está representado em mais de 170 países e contribui há mais de 50 anos para o crescimento inclusivo e sustentável, de forma contínua e em bases democráticas.

⁴ A opção de usar dados da primeira década dos anos 2000 se deu para termos maior percepção do cenário do momento histórico em que ocorreu a reorganização da Festa de Nossa Senhora do Rosário, em 1992.

⁵ O professor José Roberto Severino (1998) trabalha o processo de construção de uma identidade europeia em seu livro *Itajaí e a identidade açoriana: a maquiagem possível*.

Tabela 2 – Percentual de pobres, por cor/raça autodeclarada, Brasil e grandes regiões, 2001

	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-oeste	Brasil
Branca	33,6	46,9	15,6	20,4	20	22,4
Negra	48,4	61,9	32,1	38,9	33,6	46,8
Total	44,3	57,4	21,5	23,3	27,6	33,6

Fonte: PNUD (2005, p. 63)

Tabela 3 – Perfil da população pobre, por cor/raça autodeclarada (%), Brasil e grandes regiões, 2005

	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-oeste	Brasil
Branca	21	24,1	46	73,6	30,9	35,5
Negra	78,8	75,6	53,5	25,9	67,9	64,1
Total	44,3	49	27,6	10,5	5,2	100

Fonte: PNUD (2005, p. 63)

Além dos índices econômicos, o impacto social dos séculos de escravidão se reflete em vários outros indicadores, tais como educação, segurança, emprego, trabalho e renda. Para se ter uma ideia, de acordo com o *Mapa da violência 2016: homicídios por armas de fogo*, do total de 42.291 pessoas mortas por armas de fogo, 29.813 eram pardas e pretas, enquanto brancos, amarelos e indígenas representavam o total de 9.876 (WAISELFISZ, 2016).

Os dados da Tabela 4 nos ajudam a pensar o processo de inclusão de escravizados e seus descendentes na sociedade do pós-abolição. Não se trata simplesmente de vitimismo ou de banalizar a morte de uma ou outra pessoa, e sim pensar esse processo enquanto eixo balizador para planejar caminhos táticos e estratégicos de combate ao racismo e ao mal que este faz à sociedade.

Tabela 4 – Número e percentual de óbitos por arma de fogo, por raça/cor

Raça/cor	Homicídio por arma de fogo	%
Branca	9.766	23,1
Preta	3.459	8,2
Amarela	61	0,1
Parda	26.354	62,3
Indígena	59	0,1
Ignorado	2.592	6,1
Total	42.291	
Total de pretos/pardos	29.813	70,05

Fonte: Waiselfisz (2016, p. 55)

A presença da comunidade negra em Itajaí remonta ao período colonial. Esses africanos e seus descendentes deixaram suas contribuições no processo de construção econômica, social e política da cidade. O livro *O escravo numa economia mini fundiária* (PIAZZA, 1975) revela que na freguesia de Itajaí em 1840 existiam 690 moradores. Destes, 190 eram escravizados e 500 livres, ou seja, 27,6% da população dessa freguesia era de escravizados. Esses escravizados e seus descendentes deixaram traços na construção social do município, que mesmo ocultos da historiografia tradicional nos dão indícios da contribuição da comunidade negra no processo de construção coletiva da sociedade itajaiense tanto econômica quanto culturalmente. Um exemplo ilustrativo é a participação da comunidade negra no trabalho no porto de Itajaí⁶, uma vez que a contribuição de negros e negras ainda que pouco estudada foi uma constante, fosse na Estiva, fosse na Terrestre⁷ (SILVA, 2004).

Outro exemplo das marcas da presença das populações negras na construção da cultura catarinense são as festas da comunidade negra, que de norte a sul do estado eram comuns: as Festas dos Pretos ou o Natal dos Pretos, como eram conhecidas no século XIX. Nesse sentido, é necessário fazer uma reflexão crítica sobre a Festa de Nossa Senhora do Rosário da cidade de Itajaí. Discutir o papel da festividade enquanto patrimônio cultural imaterial e eixo aglutinador da comunidade negra do município é transformar em protagonistas da história homens e mulheres que foram silenciados e apagados pela historiografia tradicional, destacando os impactos social, cultural, político e econômico das populações negras em Santa Catarina.

As festas da comunidade negra eram organizadas em diversas regiões do estado. Em Tijucas era conhecida como cacumbi (GIACOMOSSI, 2006). Em Camboriú a festa da comunidade negra era em homenagem à Nossa Senhora da Conceição (FAQUETI, 2003). Já no município de Penha havia grande concentração da comunidade negra, e na década de 1990 esta seria transferida para Itajaí por lideranças da comunidade que organizavam a festa em homenagem à Nossa Senhora do Rosário na Penha (SEBASTIÃO, 2000).

⁶ A presença de homens negros trabalhando na orla portuária de Itajaí foi constatada no livro *Estiva Papa Siri: mãos e pés do Porto de Itajaí*, do professor José Bento Rosa da Silva (2004). Ainda que não se debruce acerca da comunidade negra, dá indícios de maioria da força de trabalho.

⁷ A Estiva e a Terrestre são “associações” dos trabalhadores portuários do início do século XX. Os estivadores são responsáveis por trabalhos dentro das embarcações, e os terrestres, pelos trabalhos em terra.

Por meio de relatos orais, chegaram dados de outras festas do município de Itajaí, no Beco do Quilombo⁸, mas que necessitam de maior investigação. Em Itajaí, a festa da comunidade foi ressignificada pela Festa de Nossa Senhora do Rosário da Penha em 1992 (SILVA, 1996). Há na atualidade outras duas festas da comunidade negra além da de Itajaí: a de Balneário Piçarras e a de Araquari – ativa desde o século XIX.

A Festa de Nossa Senhora do Rosário, de acordo com fontes orais, constantes da dissertação de mestrado do professor José Bento Rosa da Silva (1996), remonta ao século XIX. Além dessa dissertação, temos as monografias de conclusão de curso das professoras Maristela Vieira Faqueti (2003), cujo título é *Esquecimento ou apagamento da memória: Festa de Nossa Senhora da Conceição em Camboriú*, e o trabalho monográfico da professora Wanessa Giacomossi (2006), com o título *Do Cacumbi ao Divino: a inserção afro na Festa do Divino em Tijucas nos anos de 1994 e 1997*, ambas apresentadas ao curso de Bacharelado em História da Universidade do Vale do Itajaí. Há também a reportagem do jornalista Rafael Sizino Sebastião (2000) apresentada ao curso de Comunicação Social/Jornalismo da mesma instituição, com o seguinte título: *O rosto afro da Penha, revelações de uma alma histórica*.

As reinvenções do modo de vida de africanos e de seus descendentes no Brasil resultam na criação de uma identidade negra⁹ ou afro-brasileira. A fundação das irmandades foi uma dessas táticas e estratégias de negociação. As irmandades (MOURA, 1988, p. 61), como a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, tiveram papel fundamental na introdução de negros e negras na sociedade de classes brasileira (FERNANDES, 1974, p. 17) e, sobretudo, na transmissão de valores civilizatórios da cultura africana e afro-brasileira, e por que não dizer de uma cultura afro-catarinense¹⁰ (TINHORÃO, 2000).

É inegável a presença de pessoas negras escravizadas e libertas no processo de construção da riqueza e cultura da sociedade catarinense no século XIX. Essas pessoas deram seu sangue, suor e lágrimas à construção de espaços públicos e privados da cidade. Desde a vida portuária até o processo de construção de riquezas individuais, tudo passava pelas mãos e cérebros dos trabalhadores escravizados. Se considerarmos como baliza o processo de

⁸ Território negro onde hoje se encontra a zona administrativa (bairro) do Imaruí, território este que por causa da especulação imobiliária não existe mais.

⁹ O termo negro foi uma forma utilizada por africanos escravizados, seus descendentes e seus senhores para unificar a grande massa amalgamada de indivíduos sequestrados da África sem diferenciar o grupo étnico a que cada um pertencia.

¹⁰ As diversas irmandades tiveram papel fundamental no processo de interação entre escravos e seus descendentes e a cultura brasileira, que estava em processo de formação, pois faziam a mediação entre libertos e escravizados e as diversas instâncias de poder.

independência, em 1822, até o fim do tráfico de pessoas escravizadas – somente em 1850¹¹ se dificultou o tráfico negreiro –, é imperativo pensar que o percentual de escravizados oscilou entre 23,99% em 1831 e 18,89% em 1840, números significativos.

As fontes oficiais do estado, então Província de Santa Catarina, deixam explícito o número de pessoas escravizadas em 1819, que passou de 9.100, ou 20,68% da população do estado, para 18.187 em 1857. Ao analisar a Tabela 5, percebemos que até 1831 o percentual de negros e de negras escravizados aumentou em relação aos livres ou libertos, exceto em 1820. Ou seja, os dados demonstram que quase um quarto da população catarinense era formado por pessoas escravizadas.

Tabela 5 – População total e população escrava da Província de Santa Catarina, 1797–1872

Ano	População total	População escravizada	Escravos (%)
1797	24.892	5.191	20,85
1810	31.511	7.153	22,70
1812	33.049	7.578	22,92
1819	44.000	9.100	20,68
1831	49.949	11.984	23,99
1840	66.213	12.511	18,89
1844	-	14.382	-
1853	-	15.025	-
1857	92.912	18.187	19,57
1872	159.802	14.984	9,37

Fonte: adaptada de Pedro (1988, p. 19)¹²

Esses homens e mulheres ao aportarem em Santa Catarina na condição de escravizados trouxeram consigo a sua própria África, composta de lembranças e desejos, bem como uma infinidade de patrimônios material e imaterial, inscritos nos objetos, folguedos, jogos,

¹¹ Vale aqui lembrar que a Lei nº 581, de 4 de setembro de 1850, mais conhecida como Lei Eusébio de Queirós, estabeleceu medidas para pôr fim ao tráfico internacional de africanos no Império brasileiro sob a pressão do Império britânico.

¹² O livro organizado por Joana Maria Pedro (1988) *Negro em Terra de Branco: escravidão e preconceito em Santa Catarina no século XIX* apresenta dados e informações importantes para compreender como era a relação entre escravizados e os demais habitantes da Província de Santa Catarina. Relevar notar que o trabalho de Pedro (1988) foi uma das primeiras publicações a retratar a comunidade negra em Santa Catarina, no centenário da abolição formal da escravidão no Brasil.

tecnologias, memórias, entre outros saberes e fazeres. Nesse sentido, os africanos e seus descendentes escravizados, libertos ou livres, foram construídos e ao mesmo tempo construtores de um fenômeno sem igual, no processo de formação da sociedade brasileira e também catarinense, ressignificando e reinventando o seu dia a dia, em um processo dialético de resistência e de negociações de estruturação e de reestruturação de relações sociais complexas.

Esse longo processo de reorganização social das pessoas escravizadas, assim como das pessoas livres e de seus descendentes no Brasil e em Santa Catarina, também ocorreu em Itajaí, contribuindo para a expressão de seus valores civilizatórios africanos e sua cosmovisão de mundo. Além de todo esse processo de resistência e de ressignificação de valores africanos e afro-brasileiros no período em que vigorou o sistema escravagista brasileiro, no pós-abolição percebemos outra forma de resistência, a formação de grupos de intelectuais negros, muito deles autodidatas. Membros da comunidade negra que durante as décadas de 20, 30 e 50 do século XX se organizaram de forma a denunciar as práticas racistas e excludentes a que negros e negras estavam sujeitos em uma sociedade de classes. Como projetos exponenciais desse momento histórico, podemos citar: a Frente Negra Brasileira, uma das primeiras experiências no campo político institucional¹³; e o Teatro Experimental do Negro, com Abdias do Nascimento e Ruth de Souza¹⁴ – esta teve grande atuação política e antirracista.

No caso específico de Itajaí, é possível destacar o Clube Náutico Cruz e Sousa, criado em 13 de junho de 1919 (COSTA, 2002, p. 190), um clube de regatas formado por negras e negros. A diretoria do clube era composta basicamente de mulheres que ocupavam cargos como a presidência e a tesouraria; o único cargo ocupado por homem era o de orador. Esse clube foi fundado por portuários que, impossibilitados de participar de outros clubes¹⁵, resolveram montar seu próprio espaço para poder disputar as competições náuticas do município e do estado.

Pela primeira vez, na história de Santa Catarina, a 21 de abril de 1920 apareceria na raia uma guarnição de gente de cor, coisa antes nunca vista no Estado (CLUB MARCILIO DIAS, 1962), sendo que as outras duas agremiações - Marcilio Dias fundado em 17 de março de 1919 e Almirante

¹³ Foi a primeira experiência no país a mostrar uma ação coletiva da comunidade negra, reivindicando demandas contra o racismo mediante a participação política e a presença no debate nacional.

¹⁴ Foi um grupo de teatro formado por negros e negras que, diante das dificuldades de participar de novelas, filmes e peças teatrais, se organizaram tanto para atuar quanto para denunciar atos de racismo.

¹⁵ O Clube Marcilio Dias foi fundado em 17 de março de 1919. Por causa de divergências internas, em 11 de maio de 1919 foi fundado o Clube Náutico Almirante Barroso.

Barroso - 07 de maio de 1919 proibiam a participação de negros e negras em seus quadros sociais bem como esportistas, assim como a Sociedade Beneficente Sebastião Lucas de 1952 (BELIZÁRIO, 2011, p. xx).

Os primeiros anos da República, com a ideologia de ordem e progresso aliando-se à política de branqueamento, dificultaram as organizações negras e o fortalecimento da cultura afro-brasileira. Nesse contexto histórico das décadas de 1920, 30 e 50, a cidade de Itajaí começou a ganhar visibilidade na resistência da comunidade negra e na necessidade de organizar espaços de resistência. Podemos citar aqui o Clube de Regatas Cruz e Sousa, o Humaitá Futebol Clube, o Clube Sebastião Lucas Pereira, que foram espaços de organização, de resistência e de socialização da comunidade negra em Itajaí.

Com os ventos do pós-abolição, as relações sociais na cidade de Itajaí entre a comunidade negra, a comunidade teuto-brasileira e a comunidade luso-brasileira foram construídas e constituídas, em relações de poder com vários pontos de tensão que por vezes são resolvidas por embate, outras por negociações, e outras no silêncio ensurdecedor.

A festa em homenagem à Nossa Senhora do Rosário celebrada no município de Itajaí é realizada pelo movimento negro a cada dois anos¹⁶. Uma de suas características é a combinação entre ritos africanos e afro-brasileiros e rituais da Igreja Católica. O ponto alto da festa consiste na coroação do rei e da rainha do Rosário, o que marca o fim do reinado do rei e da rainha atual e o início do reinado do rei e da rainha a serem coroados na próxima celebração litúrgica. A coroação é precedida por um cortejo composto de um casal de pajens, um grupo de juízes, uma porta-bandeira, quatro homens negros, para carregarem a liteira, e o Grupo de Dançantes de Catumbi¹⁷, que faz uma coreografia de luta de espadas e entoa canções ancestrais em homenagem à Nossa Senhora do Rosário. Essa festa é da comunidade negra da cidade de Itajaí e no ano de 1992 foi reinventada pelo movimento social negro. É feita com a colaboração da comunidade negra que arrecada ao longo do ano contribuições em atividades festivas.

¹⁶ Em 2016, o Movimento Negro Núcleo Afro decidiu fazer a festa a cada dois anos, pois chegou à conclusão de que a festa estava muito grande e custosa e que as cozinheiras da festa estavam envelhecendo, o que dificultava a celebração anual.

¹⁷ É um grupo que faz coreografias afro com espadas de madeira e tambores artesanais em homenagem à Nossa Senhora do Rosário da cidade de Araquari, que remonta o século XIX, sendo o único grupo do estado a fazer tais coreografias. Existiram vários outros grupos em Santa Catarina, como o Ticumbi do Capitão Amaro, de Florianópolis, por exemplo.

A história da festa em Itajaí começa com a migração da população negra do município de Penha¹⁸ para outros centros urbanos. Os festeiros, capitaneados pela senhora Odair Silva da Rosa (Tia Loca), tiveram receio do término da festa ou de uma possível transformação ou apropriação por outras etnias. A solução encontrada foi procurar o recém-criado movimento negro e mudar a organização da festa de Penha para a cidade de Itajaí, local de moradia da maior parte dos festeiros. No ano de 1992, a festa passou a ser organizada pelo Movimento Negro Tio Marco, como podemos perceber no depoimento da senhora Odair Silva da Rosa de 1991:

Agora este ano que vem (1992), nós temos uma proposta para eles (comunidade negra de Penha), se eles quiserem deixar nós puxamos a festa para cá, para Itajaí. Se eles deixarem nós puxamos para cá, queremos ver se o Movimento Negro, nós montamos um barraco e trazemos a festa para cá¹⁹.

O depoimento da senhora Odair Silva da Rosa nos revela a preocupação com a festa e a possibilidade de o movimento negro se envolver no processo de organização dos festejos. Além disso, seria necessária a aquisição de um espaço apropriado para a celebração e a estruturação dos novos rumos da homenagem à santa do Rosário. A preocupação de Tia Loca coincide com o surgimento do movimento negro organizado na cidade de Itajaí e a efervescência de um ativismo social. O fortalecimento do movimento foi propiciado pela conjuntura pós-reabertura política com o fim do governo civil/militar, seguido pela eleição da Assembleia Constituinte e pela promulgação da Constituição do Brasil em 1988. Todo esse caudal de acontecimentos também estava associado às comemorações do centenário da abolição da escravidão no Brasil.

Foi nessa esteira que no ano de 1988, na paróquia do bairro da Fazenda, na cidade de Itajaí, foi criada a Pastoral do Negro, inspirada na campanha da fraternidade Ouvi o Clamor desse Povo. Essa pastoral foi organizada pelo padre ligado à teoria da libertação Sérgio Jacomelli e juntou uma parcela considerável de homens e de mulheres das comunidades periféricas da cidade que se tornaram os militantes antirracistas e do movimento negro. Como exposto anteriormente, a Pastoral do Negro foi o embrião do Movimento Negro Tio Marco²⁰,

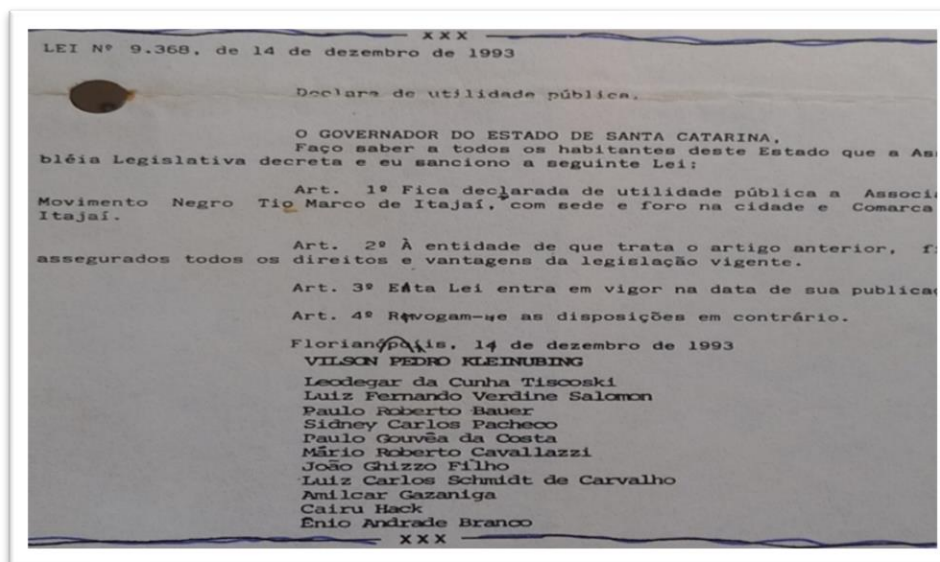
¹⁸ Vale aqui deixar explícito que o atual município de Penha era distrito de Itajaí e se emancipou em 1958 pela Lei nº 438, de 21 de junho de 1958. A maior parte dos protagonistas (festeiros) teve suas origens familiares no município de Penha e, ao longo dos anos 1950, 60 e 70, se transferiu para Itajaí.

¹⁹ Entrevista concedida ao professor José Bento Rosa da Silva no ano de 1991, às vésperas da última festa no município de Penha. Essa gravação está sob a guarda do Núcleo de Estudos Afro-Negros.

²⁰ O negro que emprestou o nome para o grupo itajaense foi um ex-escravizado que cuidava de pacientes com hanseníase, antigamente conhecida como lepra, internados na Colônia Santana, de São José (SC). O Padre Jacomelli foi quem sugeriu o nome.

criado em 17 de dezembro de 1991, reconhecido como utilidade pública estadual pela Lei nº 9.368/93, em 14 de dezembro de 1993 (Figura 2).

Figura 2 – Título de Utilidade Pública da Associação do Movimento Negro Tio Marco, 1993



Fonte: Núcleo de Estudos Afro-negro

O Movimento Negro Tio Marco tornou-se um marco no processo de organização da comunidade negra da cidade de Itajaí e na luta antirracista não somente da região, mas também de Santa Catarina, pois, além de organizar a Festa de Nossa Senhora do Rosário, o movimento deu início a uma série de reivindicações aos poderes constituídos, apresentando projetos de lei de promoção da igualdade racial, de denúncias de racismo, bem como de formação de professores.

Na esteira de reivindicações por parte do movimento negro e de seus militantes antirracistas está a formação de professores para as relações étnico-raciais, o que resultou em 21 de setembro de 1993 na apresentação à Câmara de Vereadores de Itajaí da primeira lei do estado de Santa Catarina de promoção da igualdade racial para a diversidade étnica na educação. A Lei municipal nº 2.830/93 instituiu a inclusão de conteúdo afro-brasileiro nos currículos escolares nas escolas municipais e resultou em outras três leis municipais. No ano de 2005, por iniciativa do executivo municipal, que visava adequar as legislações municipais à Lei federal nº 10.639/2003, foi criado o Programa Municipal de Diversidade Étnica na Educação. Dessa forma, o movimento negro foi construindo confiabilidade ante a comunidade negra e propôs-se a assumir outras tarefas delegadas ao movimento por figuras proeminentes da comunidade negra da cidade.

Com a criação da Pastoral do Negro e posteriormente do Movimento Tio Marco²¹, a comunidade negra da cidade e a militância antirracista ganharam uma ferramenta de luta e de combate ao racismo e de intervenção social. A comunidade negra percebeu no movimento um potencial aliado para organizar a Festa de Nossa Senhora do Rosário, e em 1991 começaram as tratativas para que a festa, que era celebrada na cidade de Penha e outrora organizada pela Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, fosse transferida para Itajaí.

Durante o período em que a festa estava sob a responsabilidade da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário²² e da comunidade negra de Penha, os rituais eram elaborados por três dias e organizados em três partes ao longo do ano/reinado. Com a organização do movimento negro se acrescentou uma quarta, a discussão política e social inerente à militância do movimento negro. Isso é o que tentaremos expor a seguir.

A primeira parte é formada pelos preparativos da festa, que têm início com a escolha do rei e da rainha. O reinado dura todo o ano que antecede a coroação. Nesse momento são escolhidos os reis e as rainhas do Rosário, que na maior parte das vezes são membros da comunidade negra que se destacaram e tiveram relevância entre seus pares. O início do reinado é a organização da festa propriamente dita. A escolha de seu cortejo, como os juízes, pajens, a arrecadação de donativos para a festa, a criação de animais para um almoço festivo gratuito são de responsabilidade do casal real e de sua corte, em uma demonstração de poder.

A segunda parte é a organização dos rituais como a procissão, o cortejo, os contatos entre a comunidade negra e os festeiros, as danças e as apresentações culturais, a arrecadação de donativos para a festa – ato este que dura o ano inteiro, ou seja, no reinado do rei e de sua rainha.

A terceira parte é a construção do ato litúrgico propriamente dito, uma negociação entre a Igreja Católica e a comunidade negra. Nesse sentido, a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário era parte fundamental na construção do ato litúrgico e das negociações. Embora a irmandade representasse a comunidade negra, a realização da festa enfrentava alguns problemas, de acordo com relatos da mãe de santo e militante antirracista e fundadora do Núcleo Afro Marília Luiza da Silva²³. Ressalta-se aqui o fato de a Igreja não permitir em alguns

²¹ No ano de 1996, por causa de divergências sobre o Movimento Negro Tio Marco apoiar ou não determinado partido político, ocorreu uma cisão. Em 1998, criou-se o Núcleo de Reflexão Manoel Martins dos Passos da Foz do Rio Itajaí (Núcleo Afro), sendo duas de suas características a participação feminina de educadoras e de pessoas da base social do movimento negro organizado e seu caráter suprapartidário e suprarreligioso.

²² Conforme estatuto da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário da década de 1930, era responsabilidade da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário organizar anualmente o ritual em homenagem à Santa do Rosário.

²³ Entrevista concedida em 17 de julho de 2022.

momentos ou dificultar ao máximo a manifestação de rituais afro nas suas dependências, o que na medida do possível era burlado.

Já a quarta parte da festa se dá com a participação do movimento negro organizado, que inclui na pauta da Festa do Rosário a dimensão política, por meio da construção de uma agenda de formação, de reivindicações e de divulgação da presença da comunidade negra no processo de formação da sociedade itajaiense.

Tradicionalmente a Festa de Nossa Senhora do Rosário, quando celebrada em Penha, durava três dias de festejos e acontecia no mês de outubro. Era antecedida pela fixação de um mastro de madeira com as cores da santa em frente à Igreja avisando que em determinada data seria a Festa de Nossa Senhora do Rosário, de uma novena ou de um tríduo.

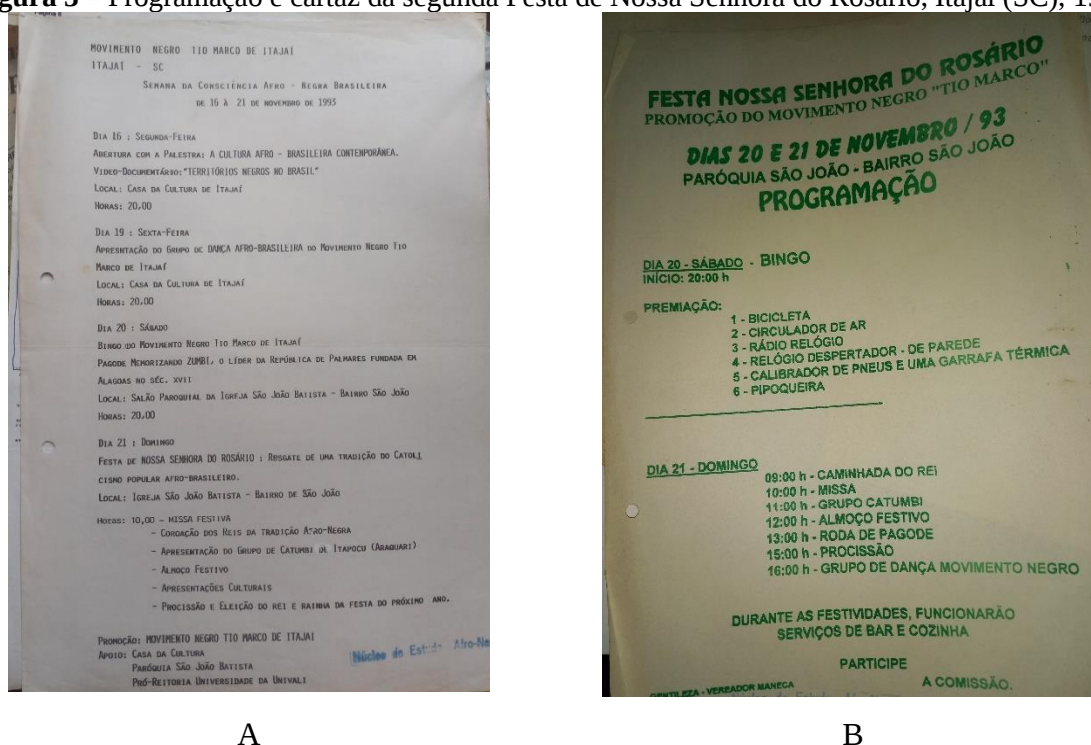
Nessa festa é tradição que a alimentação disponibilizada pelo rei e seu séquito e arrecadada entre a comunidade negra seja gratuita, além das várias atrações culturais da comunidade negra.

Com a vinda da festa para a cidade de Itajaí em 1992 e o movimento negro tornando-se o organizador e divulgador da homenagem à Santa do Rosário, a festa passou a ser geralmente em novembro²⁴, data que o movimento negro reivindica enquanto período de luta e de organização de resistência negra e popular.

Já na programação da semana da consciência negra de 1993, é perceptível a preocupação em dar visibilidade à luta antirracista, assim como o compromisso com a ancestralidade, ou seja, um pé no presente e o outro na ancestralidade (Figura 3).

²⁴ Atualmente a festa é celebrada no início de outubro ou próximo a 20 de novembro, dependendo do rei e da rainha, se é devoto da santa, se militante do movimento negro ou da comunidade negra, pois o dia da santa é 8 de outubro. A festa de Piçarras é na segunda quinzena de dezembro e a de Araquari dias 24 e 25 de dezembro.

Figura 3 – Programação e cartaz da segunda Festa de Nossa Senhora do Rosário, Itajaí (SC), 1993



A

B

Fonte: Núcleo de Estudos Afro-negro

A Festa de Nossa Senhora do Rosário e a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário estão intimamente ligadas à existência da comunidade negra de Itajaí e região. A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, enquanto organização, auxiliava o rei e a rainha a organizar a festa, que era um espaço de articulação, reorganização e socialização de escravizados e seus descendentes em novas terras. No livro *Negras memórias*, Silva (1996) lança a lume que a “identidade da festa é negra, mas não de qualquer negro; negro de origem africana. Nisto consiste a legitimidade da festa, o sentimento de pertencer à África” (SILVA, 1996, p. 26).

É nesse sentido que o processo construtivo da identidade de negros catarinenses precisou ancorar-se em rituais afro-brasileiros como uma forma de expressar-se enquanto afro sem deixar de ser brasileiro, o que Canclini (1997) chama de hibridismo cultural. O antropólogo argentino compreende o termo não apenas como a mera fusão de elementos para criar uma unidade. Para ele, nos processos de hibridação, durante a fusão existem contradições, formas de conflito geradas pela interculturalidade, e isso tem seu aspecto positivo para a formação de uma sociedade ou de uma comunidade. Mesmo que ocorra de maneira não voluntária, as práticas sociais que se fundem acabam por gerar novas estruturas, novas práticas; elas se reconvertem.

Vive-se no mundo contemporâneo uma profusão de diferentes culturas, de diferentes identidades; muitas delas surgem e desaparecem em velocidade singular, apontando, por vezes,

para seu caráter efêmero e circunstancial. Muitas outras logram maior perenidade, evidenciando o reconhecimento e o estabelecimento da diversidade cultural. De modo paradoxal, essa mesma diversidade luta com a padronização imposta por um modelo capitalista de sermos culturalmente iguais, de nos identificarmos com as mesmas coisas.

Refletir sobre a constituição da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e posteriormente o movimento negro organizado enquanto lugar de resistência nos traz a possibilidade de pensar esse processo de reorganização da cosmovisão e da cosmogonia de africanos e de seus descendentes que, ao aportarem no Brasil na condição de escravizados e posteriormente de libertos, ressignificaram suas relações sociais, que estão em constante construção.

1.1 PATRIMÔNIO IMATERIAL DA POPULAÇÃO NEGRA: A FESTA ENQUANTO SABERES E FAZERES, TÁTICAS E ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA

Em uma das saídas de campo ao Centro de Documentação e Memória de Itajaí, tive a oportunidade de ter acesso à ata de refundação da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. Essa irmandade estava situada onde atualmente é o município de Penha²⁵, então distrito de Itajaí. Esse documento da década de 1930 trouxe a lume algumas questões que corroboram com relatos orais de festeiros e organizadores da Festa de Nossa Senhora do Rosário. A ata dá sinais de como se operou a integração entre a comunidade negra e a Igreja Católica em relação à Festa de Nossa Senhora do Rosário, uma integração com base em uma negociação entre a instituição Igreja e a comunidade negra, representada pela Irmandade de Nossa Senhora do Rosário.

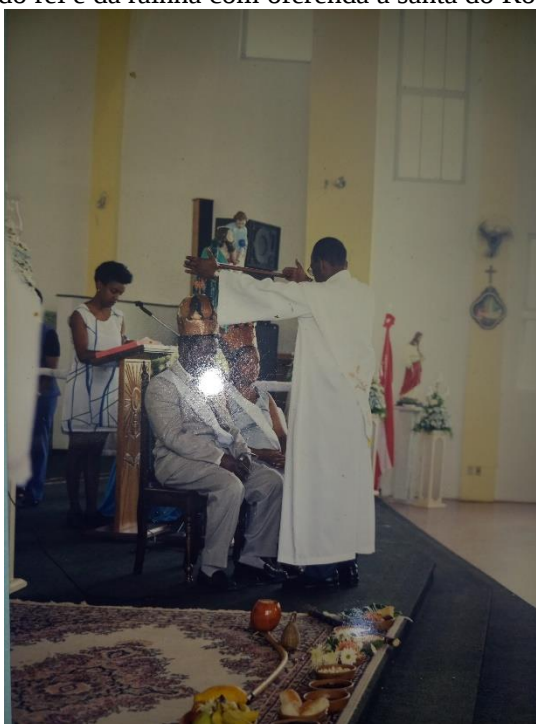
Chama a atenção o item 1 da ata a seguir transcrita, que traz especificamente que um dos fins da irmandade era celebrar anualmente o culto à Nossa Senhora do Rosário, bem como organizar os rituais afro, como a procissão, a coroação de seus reis e rainhas e as danças tradicionais, porém fora da Igreja, ou seja, era proibido adentrar no recinto da instituição. Segundo o depoimento concedido ao autor no dia 12 de julho de 2022 pela professora e historiadora Salete Aparecida dos Santos, de 57 anos, militante do movimento negro de Itajaí e uma das organizadoras da Festa de Nossa Senhora do Rosário desde 1992:

²⁵ Vale aqui expor que o município de Penha foi desmembrado de Itajaí e elevado à categoria de município pela Lei estadual nº 348, de 21 de junho de 1958, sendo instalado o município de Penha em 19 de julho de 1958.

Eu li que em algum momento que antigamente não se deixava fazer essa festa dentro da igreja, ela teve um momento que ela passou né..., mas os relatos que encontro da dona Loca, todos os relatos que ouvi dela a festa já se fazia dentro da igreja, com limitações. E hoje se faz, eu acho com mais limitações ainda!!! Do que era antes!!! Ah, tem as exceções? Tem, né? Nós tivemos um padre aqui na nossa paróquia do São João que ele queria batuque, ele achava que era importante o batuque para homenagear a Nossa Senhora do Rosário com batuque, que é algo que a gente sabe fazer. Mas já tivemos padre que disse que não, que tem de seguir o rito religioso da Igreja Católica. Mas ela sempre segue esse rumo assim de doação, de população, de chamamento do nosso povo negro. Sempre foi assim na minha concepção, né? (SANTOS, 2022a).

Nesse depoimento da professora Salete, percebe-se a tensão entre as instâncias de poder da Igreja e as da comunidade negra. A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário no passado tensionava para que a festa fosse mais *negra*, com elementos da cultura afro-brasileira. Hoje, o movimento negro organizado tensiona para ter um missa afro, com cantos e oferendas durante o ato litúrgico. Exemplo disso pode ser encontrado na Figura 4. Na coroação do rei e da rainha do Rosário há uma oferenda em frente ao altar da Igreja Católica, composta de frutas, berimbau, caxixi, alguns alguidares com feijão, café e vários alimentos.

Figura 4 – Coroação do rei e da rainha com oferenda à santa do Rosário na Igreja Católica



Fonte: Núcleo de Estudos Afro-Negros

Nesse sentido, o regulamento provisório da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário aponta caminhos importantes para descortinar a participação da comunidade negra na formação cultural, econômica e social da cidade. Embora as *histórias oficiais* tenham de certo modo

ocultado o papel de negros e de negras, as diversas pesquisas aqui abordadas têm demonstrado a pluralidade étnico-racial no processo formativo da sociedade itajaiense²⁶. Vale aqui analisar a ata de regulamento provisório da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário da década de 1930.

Regulamento provisório da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário da Penha;
Fins;
Promover o culto de Nossa Senhora do Rosário.
Meios;
Celebrar anualmente a Festa de Nossa Senhora do Rosário com missas, procissão cénicas. Na festa terá-se o coroamento do “costume” e as danças tradicionais, esta procissão será fora da igreja, nunca poderão ser no recinto da igreja matriz;
Num domingo do mez de outubro a Irmandade dará uma missa com a comunhão geral de todos os irmãos²⁷.

A ata transcrita, sob guarda do Arquivo Público de Itajaí, faz pensar sobre a relação entre a Igreja Católica e a comunidade, uma vez que a representatividade da população negra se assenta na irmandade, que em tese negocia com a instituição católica da procissão ao ato litúrgico. A ata regulamenta o que é permitido ou não, o que é possível fazer dentro da igreja e o que não se pode fazer. Chama a atenção aqui para o trecho da ata que se refere ao coroamento, que será feito como de costume, porém as danças não poderão ser feitas no recinto.

Essa ata traz a reflexão do papel da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário na vida de negros e de negras durante o período escravista e no pós-abolição. Ressaltam-se aqui as relações de poder intrínsecas nas esferas de administração das irmandades, que delegavam aos que ocupassem espaços na mesa diretora maior prestígio na comunidade. As irmandades enquanto instituições tiveram papel fundamental no processo de introdução da comunidade negra na sociedade brasileira, pois possuíam proximidade enorme com a comunidade, não só no campo espiritual, mas também no campo assistencial em diferentes tempos e espaços, como por exemplo no cuidado com viúvas e órfãos. Se a irmandade sobreviveu à mudança do contexto no qual estava inserida, foi por alicerçar-se firmemente em um propósito espiritual e beneficente da instituição, entrelaçando as práticas de um catolicismo popular com as práticas institucionais da Igreja Católica. Ou seja, reforçava-se o hibridismo cultural, o que na medida do possível era desestimulado pela estrutura da instituição (MALAVOTA; CARDOSO, 2008).

²⁶ Ainda que sob pressão dos movimentos negros da cidade, criando leis, formando intelectuais/pesquisadores militantes.

²⁷ Ata de refundação da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário da década de 1930, na Penha, então pertencente à Freguesia de Itajaí. Fonte: Centro de Documentação e Memória de Itajaí.

Por outro lado, homens e mulheres escravizados foram criando mecanismos, às vezes conscientemente, outras nem tanto, de resistência à escravidão. Assim, o processo de combate ao modelo escravagista tanto no Brasil Colônia quanto no Brasil Império teve em um primeiro momento o embate e a resistência enquanto formas de estratégia de combate e de oposição ao sistema escravagista. Essas formas de resistência para a manutenção da cultura africana e afro-brasileira incorporaram várias táticas adotadas ao longo de todo o período de escravidão, com o banzo²⁸, as dissimulações, a incorporação de práticas religiosas ou sociais, por exemplo.

Essas táticas, por vezes negociadas, outras nem tanto, foram fundamentais para que no Brasil fosse possível construir certo hibridismo cultural entre a cultura africana, suas cosmovisões de mundo e fundamentos filosóficos e os valores cristãos. Isto é, um processo em constante transformação, que pressupõe a soma do cristianismo e das religiões de matriz africana, que resultará em um *catolicismo popular*, com a cosmovisão e cosmogonia africana e afro-brasileira e, sobretudo, uma interpretação do mundo que circunda os africanos e seus descendentes.

Nessa interpretação de um *catolicismo popular* se entende o depoimento da professora Salete, quando ela diz: “Nós tivemos um padre aqui na nossa paróquia do São João que ele queria batuque, ele achava que era importante o batuque pra homenagear a Nossa Senhora do Rosário, *com batuque, que é algo que a gente sabe fazer*” (SANTOS, 2022a, grifo meu). Durante a entrevista, percebe-se em seus olhos o orgulho ao afirmar que o batuque é a forma como a comunidade sabe homenagear a santa do Rosário, com festa, com batuque como alimento para o corpo e de certo modo para o espírito.

Nesse sentido a presença de negros e de negras escravizados e libertos na cidade de Itajaí do século XIX tem na sua ancestralidade a construção da comunidade negra somada a novos atores negros e negras que chegam à cidade ao longo da história da comunidade. A professora Salete fala sobre a ancestralidade da comunidade negra e a sua relação com a Festa de Nossa Senhora do Rosário:

O que eu sei vem da história oral, é muita história oral, porque eu gosto dessa manifestação oral. Eu sei que essa festa acontecia em homenagem à Nossa Senhora do Rosário, e quando eu ouço isso do catumbi. Eles costumam dizer que é uma festa para uma Santa BRANCA, eles frisavam muito isso, e eu não entendia o porquê, né? Esses relatos que eu sei. Eles faziam em homenagem à Nossa Senhora do Rosário, mas a gente sabe que

²⁸ Substantivo masculino que significa o processo psicológico pelo qual passavam os negros africanos escravizados que, em razão de terem sido levados para terras longínquas, ficavam num estado profundo de nostalgia, loucura, podendo levar à loucura ou à morte. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/banzo/>. Acesso em: 29 ago. 2023.

esta festa ela já vem da nossa ancestralidade africana, né? Por quê? Ela tem muitos rituais africanos, aí no tempo colonial, então o que eu sei dessa festa é que em Santa Catarina é isso, que o grupo catumbi conta também alguns relatos. Lembro até os relatos do livro do professor Moacir, do professor Bento, que os negros faziam o batuque para agradecer, né? Com a única forma que sabiam fazer, era agradecer através de quê? Através de muito batuque, com muita dança, que é o que sabemos fazer. É mais ou menos isso (SANTOS, 2022a).

O relato da professora Salete revela a consciência de uma parcela da comunidade negra da cidade, que tem a compreensão de que a festa remonta a outros tempos, um tempo diferente do atual, da construção histórica e coletiva desses trabalhadores e trabalhadoras. A festa é oriunda da Itajaí do século XIX, de um tempo em que um fragmento do continente africano caminhava pelas ruas da cidade em um frenético vaivém, na Igreja da Imaculada Conceição (Igrejinha Velha), na orla portuária, nas fazendas de cana-de-açúcar, na caça e manipulação de baleias. Logo, imaginamos homens negros e mulheres negras escravizados e libertos, imigrantes germânicos, italianos, luso-açorianos e brasileiros, todos vivendo em uma mesma sociedade, dialogando, conversando, trocando experiências. Além disso, não se deve esquecer da realidade de um grupo ou outro, que foi introduzido em uma sociedade escravagista por meio de um processo de extrema violência.

A festa relatada pela professora Salete é uma manifestação da cultura material e imaterial – expressão de valores civilizatórios e filosóficos de uma comunidade – que, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, soma mais de 30 mil pessoas – homens e mulheres, jovens e idosos que sonham, que choram e que vivem.

2 O CARÁTER TRANSFORMADOR E AGREGADOR DA FESTA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

Nas ruas do bairro de São João na cidade de Itajaí, um tradicional espaço da comunidade negra, no ano de 1992, os moradores revivem sons ancestrais. Na frente da igreja, as pessoas veem um mastro ornado em rosa e azul por vários dias. Em um domingo pela manhã nas ruas do bairro, as pessoas ouvem estouros dos foguetes, os sons dos tambores, veem a procissão entoando ladainhas, veem um grupo de homens negros dançando em torno da imagem de Nossa Senhora do Rosário seguida pelo cortejo de casais de negros e negras, cantando músicas diferentes, com uma coreografia de espadas de madeira.

Ao ouvir ladainhas diferentes das habituais, as pessoas que circulam pelas ruas podem pensar que se trata da festa do Divino Espírito Santo, mas fora de época? Ao verem os homens negros usando saias por cima das calças, guirlandas floridas em rosa e azul, ao redor muitos negros e negras não só do bairro percebem que é uma homenagem a uma santa. Alguns mais curiosos seguem a procissão até a igreja e, intrigados, participam de uma missa diferente. Nesse momento é reinventada a Festa de Nossa Senhora do Rosário na cidade de Itajaí.

O grupo de catumbi caminhando pelas ruas com seus tambores anuncia a manifestação da cultura negra e popular em seus vaivéns lentamente, pois é domingo. O grupo com suas coreografias e cantigas ancestrais em defesa de seus reis e rainhas anuncia: “Temos Deus no céu, Rainha na Terra...”¹. A procissão da comunidade negra segue entoando seus cantos e suas ladainhas em homenagens à santa do Rosário e anuncia que a cidade de Itajaí tem uma tradição negra e popular.

O Núcleo de Reflexão Afrodescendente Manoel Martins dos Passos da Região da Foz do Rio Itajaí (Afro de Itajaí) é o responsável por organizar a Festa de Nossa Senhora do Rosário na cidade e coordena as atividades antes, ao longo e depois da festa com a participação da comunidade negra no processo de elaboração das atividades alusivas à devoção de Nossa Senhora do Rosário. O culto à santa do Rosário e aos demais santos de devoção da comunidade negra é uma manifestação da cultura afro-brasileira. Tais manifestações estão presentes de norte a sul, de leste a oeste do Brasil, com maior ou menor intensidade e uma mescla de elementos culturais riquíssimos e que insistem em resistir ao tempo, ao espaço geográfico, às transformações sociais, econômicas e políticas da história.

¹ Referência a uma das músicas cantadas à santa do Rosário.

Dessa forma, não é possível dissociar o culto à Nossa Senhora do Rosário de Itajaí, reinventado pelo movimento negro de Itajaí em 1992², dos demais cultos e festas de Nossa Senhora do Rosário, tal como o culto da Santa do Rosário de Piçarras³, reinventado em 1995, ou a Festa de Nossa Senhora em Araquari de 1862, e sobretudo do grupo de dançantes de catumbi⁴. As festas de Nossa Senhora do Rosário, anteriormente organizadas por irmandades negras, constituem uma expressão da cultura brasileira, podendo ser compreendidas em conjunto com outras manifestações culturais de matriz africana, a exemplo de maracatus, do candomblé, da umbanda e da capoeira (TINHORÃO, 2000).

O Boletim da Comissão Catarinense de Folclore em sua 52ª edição, no ano de 2000, traz em seu interior duas matérias acerca da participação da comunidade negra no folclore catarinense. Um dos artigos trata da Festa de Nossa Senhora do Rosário de Piçarras (FELTHAUS, 2000, p. 126), e outro, da dança de catumbi ou ticumbi no estado de Santa Catarina, com foco em Florianópolis. O boletim traz a discussão para o campo folclórico, do exótico, sobretudo quando fala da experiência de catumbi/ticumbi em Florianópolis, abordando de forma superficial a participação da comunidade negra no processo de construção da cultura “popular” do estado catarinense (SOARES, 2000, p. 20), no entanto os textos contidos ali dão indícios de que as festas em homenagem aos santos pretos eram uma constante em todas as regiões do estado, com maior intensidade no litoral.

As pesquisas mais recentes têm apontado para outras regiões do estado, como a festa da comunidade negra na região de Lages (SILVA, 2015). Segue na Figura 5 o mapeamento das manifestações da comunidade negra no estado de Santa Catarina.

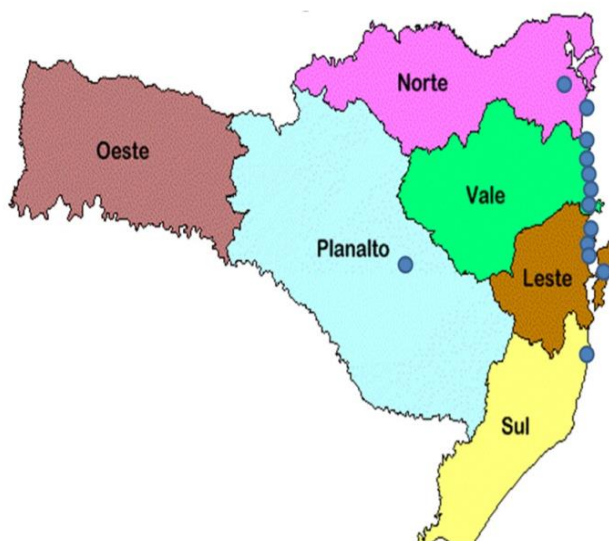
² Nesse processo de organização da comunidade negra em torno de uma festa ancestral, o movimento negro organizado e os militantes antirracistas deram início às tratativas para a mudança da Festa de Nossa Senhora do Rosário que ocorria na cidade de Penha para Itajaí. Tal mudança era vista como imperativa pela comunidade negra tanto de Penha quanto de Itajaí, pois, de acordo com as pessoas encarregadas de organizar a festa, o cronograma de atividades anual não conseguia mais manter a sua periodicidade desde os anos 1980, além de não ter apoio da municipalidade nem da igreja local. Relewa notar que a maior parte da comunidade negra de Penha migrou para Itajaí nos anos de 1950.

³ Com a saída da Festa de Nossa Senhora do Rosário da Penha, uma parcela da comunidade negra que lá residia ou que estava retornando à cidade no ano de 1995 se juntou com militantes antirracistas de Itajaí e reinventaram a festa em Piçarras. Essa festa carece de maior análise e pesquisa.

⁴ O catumbi é um ritmo afro-brasileiro semelhante ao congado e ao reisado organizado por pessoas escravizadas ao longo do século XIX, mesclando a coroação de reis e rainhas do Congo e toda a sua corte com louvores à Igreja Católica, à Nossa Senhora do Rosário. Existem relatos dessa festa na serra catarinense, litoral norte, litoral sul e planalto norte, porém hoje o grupo de Araquari é o único em atuação (SILVA, 2015).

Figura 5 – Mapeamento de manifestações culturais da comunidade negra de Santa Catarina, festas de santos padroeiros negros, dançantes de catumbi/ticumbi

- Araquari
- Itajaí
- Piçarras
- Penha
- Florianópolis
- Biguaçu
- São José
- Laguna
- Tijucas
- Camboriú
- Lages
- Jaraguá do Sul



Fonte: elaborada com base em pesquisas de monografias, dissertações de mestrado (SILVA, 2015) e sobretudo pesquisas do professor José Bento Rosa da Silva para sua dissertação de mestrado (SILVA, 1996)

Chamam a atenção as três festas ainda existentes, as festas de Nossa Senhora de Araquari, festejada desde 1860, a de Itajaí, reinventada em 1992, e a de Piçarras, reinventada em 1995. Existem relatos orais de outras festas nas demais regiões do estado, o que carece de mais pesquisas.

Nesse sentido, com a distribuição da comunidade negra espalhada pelo litoral norte catarinense, região da Grande Florianópolis, litoral sul, planalto norte e serra catarinense, percebe-se não só a presença de homens e de mulheres negros e negras no processo de produção de riqueza e de ocupação do território catarinense, mas também a sua contribuição cultural, que sobressai nas manifestações culturais da comunidade negra nas festas de santos pretos. Essa presença colabora para a formação da identidade catarinense enquanto multiétnica, e, à medida que as pesquisas avançam, elas têm mostrado outros atores sociais no processo de construção do estado.

As pesquisas acerca da presença da comunidade negra catarinense têm se intensificado e proporcionado outra percepção acerca de negros e negras no processo de ocupação do território catarinense. Aos poucos, a visão que romantizava a escravidão de homens e mulheres negros tem perdido espaço. Ao trabalho clássico de Walter Piazza (1975) *O escravo numa economia mini fundiária*, soma-se uma série de pesquisas potentes. Pode-se citar a coleção Textos e Debates Nuer e da Universidade Federal de Santa Catarina, sob a organização da professora Ilka Boa Ventura Leite (1991).

Nessa mesma direção, têm crescido as publicações sobre a Festa de Nossa Senhora do Rosário e as da comunidade negra. A dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, no ano de 2015, de Jaime José dos Santos Silva, *Memórias do cacumbi: cultura afro-brasileira em Santa Catarina, século XIX e XX*, é uma pesquisa que discute a festa em Florianópolis e Tijucas. No campo da comunicação social, o trabalho de conclusão de curso/grande reportagem, da Universidade do Vale do Itajaí (Univali), de Itajaí, de Rafael Sizino Sebastião (2000), *O rosto afro da Penha, revelações de uma alma histórica*, é um trabalho que dialoga com outras pesquisas acerca da comunidade negra. Outro trabalho importante foi a monografia de conclusão do curso de História da Univali, de Itajaí, de Wanessa Giacomossi (2006), *Do Cacumbi ao Divino: a inserção do afro na Festa do Divino em Tijucas nos anos de 1994 e 1997*. Essas pesquisas têm identificado a contribuição de diferentes atores sociais na construção do estado de Santa Catarina, sobretudo de negros e negras, apontando diferentes caminhos e interpretações sobre a presença negra e popular em nosso estado.

Pensar nas festas da comunidade negra enquanto expressão de cultura imaterial é pensar em um processo dialético de interação social. Por vezes essa troca será negociada, por outras vai ocorrer de forma turbulenta. Releva notar que as festas da comunidade negra eram ferramentas para que negros e negras expressassem sua cultura. Para tanto, recorro novamente ao Boletim da Comissão de Folclore de Santa Catarina que retrata a presença do grupo de Cacumbi do Capitão Amaro de Florianópolis. Ele nos revela a marca indelével desses negros e negras no processo de formação de Santa Catarina:

A dança do Cacumbi ou Ticumbi, do folclore afro-brasileiro, existe no folclore catarinense, não só no Município de Florianópolis, como também em alguns municípios da orla litorânea. No passado se registrava a presença do cortejo real, com o rei acompanhado da rainha e seus pajens, coroados com uma faixa ricamente bordada, indicando a nação da qual eram soberanos. O capitão do grupo procedia simbolicamente à coroação, cantando versos alusivos à cerimônia, ao som dos batuques e movimentos coreográficos. Hoje, entretanto, desapareceu completamente o cortejo real, se resumindo apenas numa embaixada de guerra, representada por treze homens de cor e uma moça portando uma bandeira com as figuras de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário (SOARES, 2000).

De forma geral, a historiografia tradicional apresentava – e de certo modo ainda apresenta – para a sociedade catarinense e para o restante do país Santa Catarina como um pedaço da Europa incrustado no sul do Brasil. A citação apresentada remete a outra Santa Catarina, remete a festas passadas da comunidade negra não só em Florianópolis, assim como

nas demais regiões do estado, sobretudo no litoral. Nessas festas, os negros e negras coroavam seus reis e rainhas, organizavam seus cortejos, entoavam seus cantos, elaboravam suas coreografias, reverenciavam a santa do Rosário, São Benedito e a Igreja Católica.

À medida que as relações sociais vão se tornando mais complexas, as festas da comunidade negra vão diminuindo, transformando-se em outras festas ou incorporando-se a elas, como foi relatado pela professora Wanessa Giacomossi (2006) sobre a festa de Tijucas, que se incorporou à Festa do Divino Espírito Santo entre 1994 e 1997.

Carlo Ginzburg (1987) destaca em seu livro *O queijo e os vermes* que, com muita frequência, as crenças e visões de mundo de determinado grupo são consideradas um produto das classes superiores. Por outro lado, as classes subalternas são consideradas classes com culturas inferiores. Nesse sentido, existe a necessidade de exportar tais conceitos de superioridade cultural para outras classes sociais, sobretudo as subalternizadas. Assim, é criada uma pretensa superioridade cultural, étnica e cultural de determinado grupo e se constrói a crença de uma distância abissal do que seria cultura (superior) e do que seria folclore (inferior). Thompson (1987), um estudioso da formação da classe operária inglesa, também traz em seus estudos os usos da visão de culturas superiores e culturas subalternizadas pela elite.

Como demonstrado, as festas de Nossa Senhora do Rosário não existem somente na cidade de Itajaí, que é o objeto desta pesquisa; estão espalhadas por várias regiões do estado. Elas são expressão do patrimônio intangível⁵ da comunidade negra. Em Itajaí, a festa extrapola os limites geográficos e históricos da cidade na atualidade, tendo em vista ser um elemento balizador e agregador da comunidade negra de toda a região. Ela é símbolo de construção coletiva e de pertencimento a um patrimônio cultural incrustado em uma parte do país na qual uma parcela da comunidade é ocultada das páginas da história. Mesmo diante de tantas agruras, a população negra insiste em se afirmar enquanto grupo étnico-racial (SILVA, 1996).

Este capítulo é destinado a compreender as relações sociais e religiosas entre a comunidade negra e a Festa de Nossa Senhora do Rosário na cidade de Itajaí e sua reinvenção

⁵ Ao falarmos em patrimônio cultural, estamos dialogando direta ou indiretamente sobre o passado, que é sempre construído do presente. O termo *patrimônio* refere-se a algo que herdamos e que, por conseguinte, se deve preservar (OLIVEM, 2003). Dessa forma, as manifestações da cultura afro-catarinense e afro-brasileira se enquadram na categoria de patrimônio intangível. Cito aqui os artigos 215 e 216 da Constituição Federal de 1988, que trazem a definição de patrimônio, assim como o Decreto federal nº 3.551, de 4 de agosto de 2000, além do Decreto estadual nº 2.504, de 29 de setembro de 2004, que instituem as formas de Registro de Bens Patrimoniais de Natureza Imaterial ou Intangível em níveis federal e estadual, respectivamente.

no ano de 1992. Para tanto, valemo-nos de entrevistas, utilizando o método da história oral⁶, coletadas ao longo dos anos de 2021, 2022 e 2023 com militantes antirracistas, militantes do movimento negro organizado e comunidade negra. Convém aqui lembrar que as entrevistas, como toda fonte histórica, são semelhantes a janelas; ao abri-las, deparamos com um convite para conhecer um fragmento do passado. A metodologia da história oral enquanto ferramenta de análise e interpretação das fontes foi extremamente importante para compreender a relação entre movimento negro, comunidade negra e a Festa de Nossa Senhora do Rosário.

Nesse sentido, as entrevistas forneceram pistas necessárias para escrever esse fragmento da história da comunidade negra da cidade de Itajaí. Os relatos dos depoentes foram as vozes do passado que surgiram e nos deram as pistas para a compreensão de como se organiza a construção da memória e de como elas operam um canal entre memória e sociedade da comunidade negra (BOSI, 1979).

2.1 ENTRE TAMBORES E PROCISSÕES: PRETOS E PRETAS DO ROSÁRIO, CULTURAS, CANÇÕES E LUGARES DE MEMÓRIA

Ao se fazer uma análise mais atenta da distribuição das festas ou dos dançantes em homenagem aos santos de culto da comunidade negra, percebe-se que em sua maior parte eles se encontram nas regiões de maior incidência de escravizados e escravizadas. Para tanto, recorro a Tabela 6, para que juntos possamos pensar a relação escravidão e as festas da comunidade negra.

⁶ De acordo com Verena Alberti (2005), a história oral não é nenhuma novidade. Na Antiguidade já era largamente utilizada por Heródoto e Tucídides, que não dispunham das facilidades do mundo atual, com uma variedade de equipamentos de multimídia. O método de história oral enquanto ferramenta foi deixada de lado com o advento da história positivista, que priorizava a história documental, pois a memória poderia ser imprecisa para documentar a história. Porém, com o fim da Segunda Guerra Mundial, a discussão acerca da utilização da história oral foi amplamente defendida.

Tabela 6 – Mapeamento da população escravizada dos municípios de Santa Catarina

Anos	Desterr o	Lagun a	São Francisco	Lages	São José	São Miguel	Porto Belo	Itajaí	Tijuca s	Joinvill e	Tubarã o	Armaçã o do Itapocor oi	Parati
1810	7.313	1.377	623		953	927							
1840	4.122	1.958	1.402	1.000	1.300	2.480						320	
1866	3.778	3.684	2.736	1.195	2.831	1.506	2.257						
1872	3.359	2.737	1.583	2.012	2.492	1.025		830	1.114	96	1.099		
1883	2.543	2.390	1.205	1.522	1.953	675		692	950	89	687		
1884	1.319	2.830	779	1.233	1.685	436		608	909	115	624		253
1886	765	1.830	527	1.076	1.529	327		524	669		546		345
1887	680	1.694	385	1.064	1.354	290		456	508	102	474		305

Chamo a atenção para os atuais nomes dos municípios que deixaram de existir ou trocaram de nome, São Miguel atualmente é Biguaçu, na região da Grande Florianópolis, Armação do Itapocori faz parte do Município de Penha, o Município de Parati corresponde atualmente a Barra Velha, Araquari e São João do Itaperiú.

Fonte: Piazza (1975)

Seguindo esse caminho, pensam-se as festas tradicionais da comunidade negra na cidade de Itajaí não como expressão de folclore ou do exótico, e sim expressão da cultura afro-catarinense – que não é estática e está em constante transformação –, e que a história oral pode atuar como uma janela para trazer para o primeiro plano as memórias de festas ancestrais e as constantes reinvenções da Festa de Nossa Senhora do Rosário pelo movimento negro em 1992.

Pelas entrevistas, foi possível traçar um paralelo descortinando as memórias da Festa do Rosário de cada um, assim como a importância da festa para a comunidade negra. As memórias individuais foram entrelaçando-se com as memórias coletivas por meio da percepção e da visão de mundo de cada depoente, pois à medida que o sujeito expunha o seu relato a respeito de determinado fato sobre a festa se descortinavam elementos da festa que estavam guardados a sete chaves nas suas mais profundas alcovas, corações e mentes.

Dessa maneira, é impossível não ligar as memórias da professora Salete Aparecida dos Santos, da psicóloga Fátima Regina da Silva e da professora Raquel Lima⁷, militantes da primeira geração de organizadores da festa. A memória é um elemento que contribui para a cessão social e a construção da identidade individual em um universo coletivo (POLLACK, 1982). Nesse sentido, ao expor suas memórias individuais, o sujeito da comunidade negra torna-se protagonista de suas histórias. Para tanto, recorro a Jacques Le Goff (1996, p. 477): “A memória, onde cresce a história, que por vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens”.

⁷ Essas memórias foram trabalhadas no terceiro capítulo/artigo da dissertação.

Pelo olhar mais atento ao sentimento de vários homens e mulheres, podemos ouvir, experimentar as memórias da festa e refletir sobre elas por meio da percepção da senhora Maria da Paz da Silva Benedito, uma mulher octogenária cuja memória da festa remonta ao fim da década de 1940. A entrevista propiciou compreender a representação da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário⁸ na formação histórica da comunidade negra da cidade. Ouvir, vivenciar e interpretar a fala da historiadora Salete Aparecida dos Santos tornou possível perceber a relação da Festa de Nossa Senhora do Rosário com a comunidade negra e sobretudo com o movimento negro organizado. Igualmente, ressaltamos a entrevista com a pedagoga e professora Sidneya Silva dos Santos, uma mãe e mulher negra de 45 anos⁹.

Encontrei a Tia Maria da Paz da Silva Benedito em uma atividade entre movimentos negros, Univali, Fundação Genésio Miranda Lins e o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Univille para discutir a participação feminina no processo de organização do Clube Sebastião Lucas Pereira. Nesse momento, marcamos para conversar sobre a Festa de Nossa Senhora do Rosário.

Coincidentemente, a professora Sidneya, que mora no mesmo quintal de Tia Paz (tipo um quilombo urbano nas cercanias da Univali e casas populares), atendeu-me. A professora Sidneya é minha amiga há mais de 25 anos, foi minha vice-coordenadora no Núcleo Afro por dois mandatos. Fomos coautores do Decreto municipal nº 7.733/2005, que cria o Grupo Gestor do Programa de Diversidade Étnica na Educação, para a aplicabilidade das leis municipais nº 3.761 e nº 4.008, que dispõem sobre a diversidade étnica na educação, e para implementar a Lei nº 10.639/2003. Também trabalhamos juntos na Escola Elizabeth Konder Reis. Ela estava de licença da rede municipal para tratamento de saúde por estar deprimida, o que destoava da mulher forte e destemida com que estava habituado a conviver. Relutante em um primeiro momento, com certa dificuldade a convenci a sair do ostracismo e a conceder seu depoimento. Uma das características da professora Sidneya é o sorriso largo e espontâneo. A conversa deslanchou e fluíu de forma muito prazerosa e proveitosa.

⁸ O pai da senhora Maria da Paz (Tia Paz) foi membro atuante da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, e ao longo destas próximas linhas retornaremos a ele em várias passagens das memórias da professora Sidneya Silva dos Santos, da mãe de santo Marília Luiza da Silva e da psicóloga Fátima Regina da Silva, netas de seu Bernardino Amâncio.

⁹ A entrevista foi realizada em 28 de novembro de 2022, um dia de chuvas torrenciais e de ventos muito fortes, com várias catástrofes acontecendo pelo estado, cheias na região sul, no Vale do Rio Itajaí (Benedito Novo), no Vale do Rio Tijucas (São João Batista), em Joinville, com quedas de barreiras na BR-101.

Qual a sua relação com a Festa de Nossa Senhora do Rosário?

[...] Minha mãe dizia com muita alegria pra mim, falava da festa, e ela estava muito feliz naquele dia porque quando ela também era criança era uma tradição e todos os anos tinha, daí ela contou que o meu avô, como a moça que estava lá de rei e rainha da festa, ela contou que um dia o pai dela foi rei, porém não foi com a mãe dela [avó da depoente], pois uma outra senhora que fez a promessa para ser rainha e não tinha mais marido, daí ela contou toda a história e foi rei com meu avô, mais ela [a avó] foi pajem, e a festa estava resgatando toda a infância dela, que o pai dela matou um boi para poder alimentar todas as pessoas, que a comida era tudo de graça. Eu perguntava: “como assim?”. Ela respondia: “Não! Tudo é de graça! A comida é gratuita, a bebida é gratuita!”. “Mas para esse povo todo?” “Sim! É a tradição da festa!”. E ela começou a me explicar nesta festa que eu fui aos 12 anos, muito entusiasmada. E depois que voltamos para casa, os anos foram passando, e ela me contou que a minha vó tinha muita devoção muito grande em Nossa Senhora do Rosário. E ela [a avó] tinha feito uma promessa, porque a minha mãe aos 14 para 15 anos ela sofreu um acidente. Antigamente aqui no morro da Cruz, aqui atrás da Univali [gesticula com as mãos por cima do ombro direito apontando para a universidade e o morro], eles plantavam, né? Plantavam aipim, e a minha avó e ela iam plantar no Morro da Cruz, onde ela viu um pé de laranja e neste pé de laranja ela quis comer a laranja, e ela foi pegar a laranja, se desequilibrou e veio caindo de morro abaixo. E foi um acidente muito grave. Na época dela não tinha o Marieta [Hospital e Maternidade Marieta Konder Bornhausen] com todos os equipamentos que existem hoje. Então uma das vértebras da coluna [deduzo costela] perfurou o pulmão e ela ficou muito mal. Ela ficou dois anos internada no Hospital Celso Ramos [Florianópolis], que a minha avó conseguiu porque ela já era politiqueira [fala com um sorriso de canto de boca], já gostava de um... Era amiguinha do antigo governador e conseguiu uma vaga pra minha mãe. Ela ficou dois anos no hospital [aqui a depoente enfatiza com toda a força], e a minha avó fez uma promessa pra Nossa Senhora do Rosário que se a minha mãe sobrevivesse e que ficasse sem sequela. Porque... a minha mãe... era um milagre. Ela saiu do hospital sem um pulmão, eles tiveram que tirar sete costelas, ela não tinha sete costelas... Quem conheceu a minha mãe sabe que olhando para ela era uma pessoa perfeita, não dava pra dizer que ela já não tinha sete costela, que não tinha um pulmão. E quando ela saiu do hospital, o médico disse que ela ia sair, receber alta, mas talvez ela não andasse, não tivesse filhos, uma série de coisas. E a minha avó fez uma promessa pra Nossa Senhora do Rosário para que, se a filha dela saísse, que ela não tivesse nenhuma sequela, todo ano ela ajudaria na festa. O marido dela seria Rei com essa senhora que há muito tempo parece que era até uma senhora branca, porque era uma festa de tradição negra, e tinha uma senhora branca que queria ser rainha e o pessoal não deixava! [Fala com muita empolgação.] E aí a minha avó, por essa condição da minha mãe, disse que se a minha mãe saísse do hospital, se recuperasse sem sequela, ela iria deixar essa senhora ser rainha com meu avô [muita empolgação, tipo, não acredito] e ajudaria todos os anos na festa. E aí a minha mãe disse que dali em diante sempre ajudaram na festa até que ela se encerrou. E como eles [o movimento negro Tio Marco] estavam retomando a festa ela ia continuar ajudando, como eu continuo todo ano ajudando, pela fé que passou pra minha avó, pela fé que passou pra mãe e pela fé que eu tenho. E realmente a minha mãe se recuperou, ao contrário de todos os médicos. Hoje a minha mãe é falecida faz 10 anos, em 9 de outubro.

Dias depois do dia de Nossa Senhora do Rosário.

[Ela olha com um olhar terno de canto de olho e, com leveza e suavidade, concorda balançando a cabeça positivamente fechando os olhos].

É, deu dois dias depois da Festa de Nossa Senhora do Rosário. Dia 9 de outubro ela faleceu, ela viveu 67 anos, e a expectativa de vida dela depois do acidente não era nem de um ano. De um ano, passou pra dois, e contrariando a todos, a todos os preceitos médicos, realmente é um milagre comprovado, até o doutor que era o médico geriatra dela ficou com toda a documentação dela, as últimas consultas que fiz com ele, ele pediu e a minha mãe doou pra ele, e ela era muito organizada, tinha tudo guardadinho, os documentos, as cirurgias, tudo o que foi tirado dela, porque era impossível uma pessoa como ela que não

tinha sete vértebras [acredito ser costelas] da costela estar andando, que não tinha um pulmão. A minha mãe não tinha um pulmão, e o outro tinha apenas um pedaço, que também foi atingido, porque ela viveu 67 anos, ela teve dois filhos, coisa que é impossível, teve eu e meu irmão, ela andava de salto alto, tudo o que não... que era humanamente impossível. Às vezes eu levava ela no médico, eu lembro que uma vez levei ela na Ortotrauma [clínica médica da cidade], os médicos perguntaram pra ela: “O que a senhora tem?”. “Ah, eu tenho uma dorzinha nas costas.” Daí pediram pra ela fazer um raio X, fez uma, duas, três, daí nós tocamos, né? Ou o raio X estava com problemas, ou... Daí pedimos pra outra paciente, para outras pessoas fazerem o procedimento, daí o raio X não é, pois não aparece nada de um lado e do outro só um pedaço. “Mas é assim mesmo.” “Mas não pode ser. Esse raio X não pode ser da senhora!” “Não! É da minha mãe!” Então por que de tanta fé? Por eu viver! Quando minha mãe morreu, eu tinha 35 anos, de conviver 35 anos com um milagre de Nossa Senhora do Rosário, e foi a vida da minha mãe, essa relação de amor, essa, essa... de todas, de todas, porque são muitas histórias, é muita coisa boa que a Festa de Nossa Senhora do Rosário traz, mas essa relação de vida e de amor é a minha relação de vida e de amor, é a minha relação para resumir com a festa. A vida da minha mãe, a fé da minha vó, que foi passada para ela, que foi passada pra mim, que eu passo pros meus filhos (SANTOS, 2022b, grifo meu).

O depoimento da professora Sidneya levou-me a sentimentos ambíguos e muito complexos de nostalgia, paz, ansiedade e ao mesmo tempo responsabilidade com a entrevista. Somos da mesma geração, duas pessoas negras nascidas na Comunidade de Nossa Senhora das Graças (Matadouro), ambos professores da rede pública e com uma longa lista de tarefas produzidas juntos, muitas delas delegadas pelo movimento negro.

À medida que a depoente generosamente cedia as suas memórias, ela fornecia-me pistas para montar um quebra-cabeça sobre o caso intrigante da festa, um divisor de águas em relação aos organizadores da Festa de Nossa Senhora do Rosário e aos demais devotos da santa do Rosário. Ao relatar as memórias de sua mãe – a dona Conceição –, a professora Sidneya possibilitou-me analisar um fato que foi um marco na festa. Por anos, ouvíamos dos mais velhos sobre a primeira mulher fora da comunidade negra a ser rainha da Festa de Nossa Senhora do Rosário. Uma senhora branca pediu por vários anos para pagar uma promessa de ser rainha da Festa de Nossa Senhora do Rosário, pois tinha tido uma graça alcançada sob intercessão da santa. Os devotos que não pertenciam necessariamente à comunidade negra participavam das festas e interagiam com a comunidade negra. Logo, pessoas negras e brancas participavam da mesma missa, cultuavam a mesma fé e tinham a mesma devoção à santa, o que de certo modo criava celeumas difíceis de equalizar.

Pela análise da memória individual da depoente acerca da festa construída ao longo dos 35 anos vividos com a sua mãe, Maria da Conceição da Silva, a Tia Conceição, é possível construir uma ponte entre as narrativas da festa da Tia Conceição e as memórias coletivas da parcela da comunidade negra pesquisada. Nos comentários da professora Sidneya se percebe o processo construtivo de sua identidade enquanto mulher negra e pertencente a um grupo étnico

que lhe dá o sentimento de pertencimento¹⁰, de forma que a memória do acidente de sua mãe, então com 13 ou 14 anos, marca um momento tenso nas relações sociais da festa.

Nesse sentido, a primeira vez em que a comunidade negra permitiu a presença de alguém pertencente a um grupo étnico e identitário de fora da comunidade foi com o consentimento de duas das maiores lideranças da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário do Distrito de Penha, então de Itajaí. Todavia, a presença de uma rainha branca somente seria possível com a presença de um rei negro, não qualquer rei, mas com autoridade para bancar juntamente com a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário uma mudança tão drástica e até então inaceitável – autoridade esta concedida à avó da depoente a senhora Malvina Costa da Silva e ao senhor Bernardino Amâncio da Silva, avô da depoente, entre a comunidade negra e sobretudo a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário.

A participação de atores e de organizadores da festa que não pertencessem ao grupo étnico e identitário da comunidade negra somente seria possível se fosse cancelada pelos reis e rainhas e sobretudo pela santa do Rosário, tendo em vista que a requerente à rainha do Rosário tinha recebido um milagre reconhecido pela comunidade negra. A candidata à rainha da festa representou um momento de tensão e de conflito entre a comunidade negra da localidade, principalmente por alguém que não pertencia à comunidade negra. Mediante relatos orais coletados tanto da depoente quanto da senhora Maria da Paz Benedito acerca do ocorrido, deduzo que o fato tenha ocorrido por volta de 1959. A mesma preocupação com a presença de reis e rainhas brancos faria a comunidade negra de Penha, de Balneário Piçarras e de Itajaí transferir a festa para a cidade de Itajaí.

À medida que afloravam as memórias da professora Sidneya, surgiam outras informações e questões muito importantes para a pesquisa. Por exemplo, quando ela relatou que ao chegar em casa sua mãe com entusiasmo lhe explicou sobre a organização da festa. Tia Conceição confidenciou a Sidneya que estava feliz por o movimento negro estar “*resgatando*” e incorporando em suas bandeiras a festa que estava acabando e transformando-se na cidade de Penha – festa de que havia participado durante toda a sua infância. Com orgulho de ter sido protagonista da festa, relatou o momento em que seu avô criou um boi e o ofereceu à festa e lhe explicou de forma didática sobre a organização da festa, que tradicionalmente é gratuita e de voluntariado, para um volume considerável de pessoas. A depoente respondeu: “*Como assim?*”

¹⁰ Importante deixar aqui registrado a minha impressão sobre a construção identitária do grupo que organiza a festa. A identidade construída em torno da festa, não é exclusivamente étnico-racial, mas familiar, ou seja, de acolhimento, afinidade e pertencimento.

Comida? Bebida?'". A resposta era simples e objetiva: "*É a tradição da festa de Nossa Senhora do Rosário*" (SANTOS, 2022b)¹¹.

A Festa de Nossa Senhora do Rosário permeia o imaginário de várias gerações de homens e de mulheres e constrói a sua identidade por meio de parâmetros preestabelecidos pela sociedade (SILVA, 2017, p. 5). Nesse sentido, a festa torna-se um elemento importante no processo de reconhecimento identitário da comunidade negra da cidade¹², que percebe a relação entre a Igreja Católica e a cultura afro-brasileira. A festa sedimenta-se em uma forma de conceber o mundo à sua volta e o processo dialético de organização da comunidade.

Recorro novamente a um fragmento da memória da professora Sidneya Silva dos Santos, cujo primeiro contato com a festa foi em 1991, aos 12 anos de idade:

A minha relação com a Festa de Nossa Senhora do Rosário, ela começou quando eu tinha 12 anos. A primeira vez que a minha mãe me levou na festa que aconteceu em Piçarras [Penha], quando a minha falecida e saudosa Tia Loca e o meu falecido e saudoso Tio Mágico resgataram essa festa, que teve uma edição na época na Penha. Na época até eu lembro bem, eu era pequena, mas o Beto Carreiro era vivo e até o Beto Carreiro foi! Estava na Festa da Nossa Senhora do Rosário! [Fala com muita empolgação.]

Nessa primeira Festa de Nossa Senhora do Rosário, quando eu tinha 12 anos, que jamais vou esquecer. Então era tudo diferente, porque eu sou católica, eu fui criada num berço católico e pela primeira vez eu vi uma missa totalmente diferente, eu vi homens cantando e tocando, com tambor e tudo aquilo. Era muito bom de se ouvir, era tudo muito diferente para uma criança de 12 anos. Minha mãe dizia com muita alegria para mim, falava da festa e ela estava muito feliz naquele dia, porque quando ela também era criança era uma tradição e todos os anos tinha. Daí ela contou que o meu avô, como a moça que estava lá de rei e rainha da festa, ela contou que um dia o pai dela foi rei, porém não foi com a mãe dela (SANTOS, 2022b).

Nesse fragmento da memória da depoente, percebe-se o contraste entre o ser criança, a peraltice de estar em outro espaço e o mergulhar em outra forma de perceber o mundo e sobretudo a religiosidade ao seu redor. Soma-se isso ao fato de estar com os seus parentes, amigos e, o mais importante, o seu grupo étnico-cultural, vivendo a sua primeira experiência afro-religiosa, com os dançantes tocando seus tambores, cantando as ladainhas e executando suas coreografias ancestrais, o que levou Sidneya a mergulhar na ancestralidade de sua mãe e de seus avós maternos, a outras festas, a visitar tempos imemoriáveis para uma menina de 12

¹¹ Essa afirmação tácita me faz pensar nas longas negociações para mudar alguns pontos da festa, tais como fazer a festa a cada dois anos e sobretudo a mudança no cardápio, em 2016. Na festa em que eu e minha companheira fomos rei e rainha, houve uma longa discussão sobre diminuição de diversidade do cardápio.

¹² Em minha concepção, as identidades constituem-se por meio da relação de atores e grupos sociais inseridos em contextos sociais específicos, em uma dinâmica para a qual contribuem aspectos entendidos como naturais e outros percebidos como artificiais, que nem sempre se dão em relação a algo que lhes é entendido como externo.

anos começando a conhecer a vida (Figura 6). Para Le Goff (1996, p. 423), a memória tem a propriedade de conservar certas informações, o que nos remete em um primeiro momento às funções psíquicas nas quais homens e mulheres podem atualizar suas impressões ou informações passadas ou as que eles representam como passadas.

Figura 6 – Professora Sidneya Silva dos Santos com a sua mãe, a senhora Conceição da Silva, próxima à Nossa Senhora do Rosário



Fonte: arquivo do autor

Conhecer outra forma de viver e, sobretudo, a maneira de perceber uma interpretação afrocatólica de mundo, aliado ao fato de identificar a possibilidade de outro cristianismo, com danças, seus tambores, cantos ancestrais, nos leva a pensar a relação entre a comunidade negra e a Igreja Católica e os problemas de uma liturgia religiosa que ainda se apega ao modelo europeu (Figura 7).

Figura 7 – Ato litúrgico na Igreja do bairro São João, em Itajaí (SC)



Fonte: acervo do autor

Ao terem sido trazidos de forma compulsória de seus lugares de origem, os escravizados vindos do continente africano – em sua diversidade étnico-racial – deixaram de pertencer a um reino específico. Nesses novos espaços de interação social, construíram suas novas identidades, sobretudo ao viverem novas experiências com um enorme potencial traumático, tanto físico quanto psicológico. Ao transporem o Atlântico e terem de construir táticas e estratégias de sobrevivência e de convívio com seus senhores no Novo Mundo, os africanos e seus descendentes eram compelidos a se integrar de uma forma ou de outra nas novas terras às quais chegavam. Novas alianças eram feitas, novas identidades eram percebidas e construídas em novas bases sociais diversas: de aproximação étnica, religiosa, habitacional e na esfera de trabalho. Nesses reagrupamentos étnicos, compuseram nações: trabalhadores portuários, carregadores e pescadores, entre outros profissionais que se organizaram em torno das atividades que exerciam. Assim, como vizinhos, construíam laços de compadrio. Trabalhadores portuários organizavam caixas beneficentes, cultuadores dos orixás juntavam-se aos que faziam oferenda aos antepassados e recebiam entidades sobrenaturais ao som de tambores (MOURA, 1988).

Nesse contexto, os reis negros – presentes não somente em quilombos, grupos de trabalho ou nas diversas formas de organização social, mas igualmente em irmandades católicas, que serviam de importantes catalisadores de algumas comunidades – foram fundamentais no processo de construção de suas novas sociabilidades e identidades (PRATTS, 2004). Enquanto determinadas atividades exercidas por comunidades negras eram proibidas e até perseguidas pela administração senhorial e demonizadas pelo discurso cristão (mesmo que delas participassem também brancos católicos, por vezes até padres), outras eram em grande parte aceitas. Para continuar existindo, a cultura das populações afro-brasileiras incorporou formas ibéricas ou católicas de organização e manifestação.

No primeiro caso, estão por exemplo os calundus, nos quais os ritos eram realizados em torno dos altares, que abrigavam objetos místicos, havendo oferendas de sangue de animais, bebidas e comidas ao som de tambores e com incorporações de algumas pessoas por entidades sobrenaturais. No segundo caso, estão os cortejos e danças acompanhados da coroação de um rei negro pelo padre, em dias festivos em torno de santos padroeiros de irmandades nas quais a comunidade negra se agrupava. Enquanto os primeiros em geral eram duramente reprimidos, da mesma maneira como os quilombos e as tentativas de rebelião, os segundos eram quase sempre aceitos e muitas vezes estimulados, uma vez que eram vistos enquanto forma de integração do negro na sociedade escravista. Todavia, a repressão ou a permissão de uns ou outros desses ritos variava de acordo com sua função social, assim como a conjuntura do momento (FERREIRA, 2016).

Diante desse cenário de importância da religião católica, é impossível não refletir sobre a relação pretérita entre a comunidade negra, a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e a festa em homenagem à santa, com o objeto *rosário*¹³ utilizado para rezar, como um instrumento de culto importante para a Igreja Católica e símbolo da cristandade. Historicamente, o objeto sacralizado rosário foi e de certo modo ainda é um dos símbolos da religiosidade católica brasileira, tendo se popularizado no período de colonização portuguesa, e esse símbolo foi ressignificado pelos povos originários e da diáspora negra¹⁴. A Igreja Católica foi uma das protagonistas no papel da conquista e da colonização, sobretudo na evangelização tanto dos

¹³ O rosário é uma espécie de colar com 165 pequenas contas dispostas de maneira sucessiva representando cada uma delas uma oração. Esse conjunto de orações é dedicado à Virgem Maria e faz parte da tradição da Igreja Católica.

¹⁴ Utilizo aqui as categorias de povos originários e povos na diáspora para nomear os diversos povos indígenas (portanto, originários) que povoam o continente americano, assim como os africanos e seus descendentes trazidos na condição de escravizados no tráfico atlântico.

povos originários quanto de povos da diáspora (SILVA, 2015). O objetivo era transmitir os ensinamentos do catolicismo enquanto uma missão de vida ao guiar os “povos pagãos” que viviam na penumbra da escuridão para a luz. A escuridão aqui está representada pelo culto às divindades africanas e aos povos originários. Ou seja, a ideia era tirá-los da barbárie para a civilização (NASCIMENTO, 1978, p. 108).

Apesar da violência, da desqualificação e da condenação do processo colonizador que foram operadas contra as cosmologias nativas e de povos da diáspora africana em nome da conversão, os elementos das cosmologias africanas e indígenas resistiram e resistem até os dias atuais sem se desvencilhar da fé nos dogmas e santos católicos (SANTOS, 2018). Em um primeiro momento, os pesquisadores do tema da diversidade étnica e dos demais campos de pesquisa étnico-raciais percebiam nas irmandades um espaço apenas para a conversão ao catolicismo e um elemento de adesão pura e simplesmente ao pacto colonial e de obediência ao mito do senhor benévolo, romantizando as relações entre escravizados e seus senhores. As hipóteses levantadas não consideravam as nuances de negociação nem de resistência, o que tem se transformado ao longo das últimas décadas.

Todavia, as irmandades negras foram mais do que instrumento de conversão ao catolicismo. Esses espaços, criados e recriados por africanos e seus descendentes, tanto por homens quanto por mulheres, tornaram-se de devoção aos santos católicos. Ou seja, não somente de acomodação aos valores ocidentais cristãos, mas também um lócus que possibilitava uma existência com certa autonomia tanto para escravizados como para libertos e livres em uma sociedade estamental, escravista, além de racista. A organização por irmandades foi uma forma comunitária urbana construída por africanos e seus descendentes para reinventar seus *modus vivendi* no Novo Mundo e construir sua relação social entre as demais forças sociais dessa sociedade em ebulição e formação (RASKE, 2008, p. 83).

A forma específica da vida religiosa de irmãos negros e de irmãs negras, bem como a sua função social, fez das irmandades negras formas de resistência e de afirmação identitária. Nas primeiras décadas do século XX, as irmandades eram descritas pela historiografia brasileira enquanto estrutura política e social da organização colonial e imperial ou como um espaço meramente adeso ao modelo imposto pelo colonizador. Nessa concepção histórica, os espaços de resistência eram os quilombos, o candomblé e as diversas revoltas escravas (ARAÚJO, 2017, p. 214). Nesse sentido, aproximamo-nos aqui das hipóteses que percebem a cultura, as festas e os clubes negros como espaços diversos de resistência, e as irmandades fazem parte desse arcabouço de “dispositivos” de resistências (ROSA, 2018).

A construção dessas diversas formas de resistência se dá em um longo processo de negociações para a introdução de negros e de negras na sociedade de classes. Nesse sentido, as relações entre a comunidade negra e a hierarquia da Igreja Católica, assim como as classes hegemônicas, nem sempre ocorreram de forma tranquila e por vezes demandavam enormes e cansativas negociações. Cito aqui textualmente o caso específico de uma festa em Tijucas, na qual a comunidade negra se organizou e solicitou, em forma de abaixo-assinado, em 16 de outubro de 1912, encaminhado ao Bispo João Becker, autorização para realizar a Festa de Nossa Senhora do Rosário. A festa não era celebrada havia mais de 10 anos, o que levou a uma grande negociação entre as hierarquias religiosas e a comunidade negra. Pelo que consta, a comunidade negra obteve êxito em sua reivindicação (SILVA, 2015, p. 94).

No caso da Festa de Nossa Senhora do Rosário da região de Itajaí, percebe-se certa tensão entre os rituais oficiais da Igreja Católica e os ritos extraoficiais da comunidade negra que deseja introduzir elementos da cultura afro-brasileira no homilia da missa em homenagem à santa do Rosário, como as coreografias do catumbi com as espadas de madeira entrecruzando-se, as suas danças e cantigas, suas oferendas, seus tambores, a procissão da comunidade negra e seus foguetes anunciando a coroação de seus reis e rainhas e a saudação à santa do Rosário (Figura 8). Isto é, todas as ações da festa com os corpos negros a perambular pelas ruas da cidade. Simas (2022, p. 32), ao perguntar “qual o povo que bate Tambor?”, já nos dá a resposta sobre o papel das instituições associativas de invenção, construção, dinamização e manutenção de identidades comunitárias redefinidas no Brasil pela fragmentação que a diáspora negra impôs aos escravizados e seus descendentes.

Figura 8 – Nossa Senhora do Rosário e coroa do rei e da rainha do Rosário



Fonte: arquivo do autor

A ata de refundação da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, por volta de 1930, já citada anteriormente, destaca a proibição pela Igreja Católica de se fazer os rituais de culto afro dentro das dependências da igreja – “Na festa terá-se o coroamento do ‘costume’ e as danças tradicionais, esta procissão será fora da igreja, nunca poderão ser no recinto da igreja matriz”¹⁵. Essa ação da Igreja Católica está nas memórias e em relatos orais dos festeiros mais experientes, assim como nas dos organizadores da festa, sobretudo da equipe que cuida da montagem do ato litúrgico na homilia. Percebe-se que, ao longo das reinvenções da festa, há um tensionamento negociado que utiliza táticas e estratégias para trazer características mais afro-brasileiras para a festa em homenagem à santa do Rosário. Para tanto, recorro aqui a uma parte da entrevista da professora Salete Aparecida dos Santos realizada no dia 12 de agosto de 2022.

¹⁵ Ata de refundação da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário da década de 1930, na Penha, então pertencente à Freguesia de Itajaí. Fonte: Centro de Documentação e Memória de Itajaí.

Salete Aparecida dos Santos é militante do movimento negro, uma das fundadoras e das principais lideranças do Núcleo de Reflexão Afrodescendente Manoel Martins dos Passos da Região da Foz do Rio Itajaí (Núcleo Afro) e organizadora da Festa de Nossa Senhora do Rosário. É professora aposentada, foi diretora da Escola de Educação Básica Antônio Ramos e Escola de Educação Básica Melvin Jones. Foi coordenadora do Núcleo Afro por vários mandatos, é representante do núcleo no Conselho Municipal da Comunidade Negra de Itajaí, coautora do Decreto municipal nº 7.733/2005, que cria o Grupo Gestor do Programa de Diversidade Étnica na Educação para a aplicabilidade das leis municipais nº 3.761 e nº 4.008, que dispõem sobre a diversidade étnica na educação, e para implementar a Lei nº 10.639/2003. Trabalhamos juntos na Escola de Educação Básica Antônio Ramos e na Escola de Educação Básica Elizabeth Konder Reis.

Com toda essa experiência no campo da militância social, a entrevista com a professora Salete é muito reveladora e traz informações e análises muito importantes e precisas acerca da origem, do processo organizativo e da representação da festa para a comunidade negra e para a comunidade não negra da cidade, bem como o impacto social da festa no processo de manutenção da cultura imaterial da comunidade negra na cidade. A entrevista teve uma potência formidável, à medida que a professora relatava sua percepção da festa com as ferramentas que dispunha de anos de militância e de experiência administrativa, sobretudo enquanto historiadora. Essa entrevista revelou-nos elementos da festa que ligavam resistência e festa ou festa e resistência, em um processo dinâmico e dialético.

Qual é a relação entre a Igreja Católica e a festa?

A relação com a Igreja Católica? Então? A Igreja Católica, a relação é a Santa, a igreja [religião] de matriz africana são os cantos, as danças, o batuque, e aí a gente mistura isso. É, tem rituais que a gente não consegue mudar, que tem que seguir da Igreja Católica, você não pode fugir! E, mas tem esse... Essa ligação! Que a gente sabe que foi preciso fazer isso no Brasil, e com a Festa de Nossa Senhora do Rosário então Igreja Católica e igreja [religião] de matriz africana, é essa a relação que a gente tem. E a relação com a Igreja Católica é a santa [risos], que eu particularmente tenho um... Muito... Rezo, faço minhas orações pedindo que ela, né? Nos auxilie, que nos ajude! É um ritual da Igreja Católica, é, mas, ao mesmo tempo, tem todo aquele aparato da nossa raiz africana. Eu acredito que tenha essa mistura das duas religiões (SANTOS, 2022a, grifo meu).

Na fala da professora Salete é perceptível a consciência da necessidade de subterfúgios por parte da comunidade negra para que houvesse a festa: “*Que a gente sabe que foi preciso fazer isso no Brasil. E, com a Festa de Nossa Senhora do Rosário, então Igreja Católica e igreja [religião] de matriz africana, é essa a relação que a gente tem. E a relação com a Igreja Católica é a santa [risos]*” (SANTOS, 2022a). A depoente refere-se ao fato de se negociar ou

tencionar a Igreja Católica, o que nos remete a uma experiência que vem do passado da população negra na condição de escravizados, como destacou João José Reis e Eduardo Silva (1989).

A depoente afirma rezar, fazer suas orações, pedir para que a santa do Rosário a auxilie, mas que acredita na mistura dessas duas formas de manifestação religiosa. Ainda que implicitamente, crê na intercessão da santa do Rosário para a realização da festa entre a comunidade negra, representada nesse momento histórico pelo movimento negro, o Núcleo Afro, e anteriormente pela Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, e pela Igreja Católica, representada pelo sacerdote. Nessa negociação é necessário aceitar a maior parte dos rituais da Igreja Católica, para depois sim introduzir elementos de um catolicismo afro. Negociação exposta na fala da professora Sidneya, outra militante antirracista. Tanto na fala da professora Sidneya quanto na da professora Salete se veem as nuances dessas táticas e sobretudo das estratégias para conseguir o objetivo, que é enegrecer a missa em homenagem à santa do Rosário.

Nesse sentido, o depoimento da professora Sidneya ganha o seguinte significado e o respectivo significante sobre a relação entre a Igreja Católica e o movimento negro organizado e acerca da fé de uma parcela considerável da comunidade na qual está inserida:

Quanto as religiões são só católicos ou tem outras religiões envolvidas na festa? Assim! A tradição da Festa de Nossa Senhora do Rosário! Ela é uma tradição católica, porque a santa é católica. É como Nossa Senhora de Aparecida, para mim... Eu sou suspeita em falar, porque eu sou muito católica, né? Mas a Festa de Nossa Senhora do Rosário, ela abraça a todos! Abraça a todos! Por quê? Ela vem de uma história de uma mãe que veio ajudar a resgatar o seu povo que estava sofrendo. A questão era o povo negro! O escravo que estava lá com as algemas diante da imagem... Que a santa apareceu, conversou com ele dizendo que queria libertá-lo! Ai foi liberto! E ela queria que ele rezasse! Ele diz! Não! Mas eu não sei rezar! Não sei! O escravo não sabia rezar não sabiam a língua... Aliás, até muitas das pessoas que eram livres e católicos não sabiam rezar, pois as missas eram em latim antigamente! Imagine um escravo! E nossa senhora diz pra eles! Não! Eu quero que vocês me louvem, me louvem, me honrem do jeito de vocês, com a alegria de vocês, porque Deus é amor, é alegria (SANTOS, 2022b).

Ambas as falas das militantes corroboram que a festa é em homenagem a uma santa católica e, portanto, a festa é católica, mas não deixa de ser uma festa com rituais afro-brasileiros. Ao advogarem tal tese, trazem para si todo o referencial para legitimar sua identidade étnica.

De forma implícita, é perceptível a interpretação da festa dessa integrante da comunidade negra. A professora Sidneya tem uma representação sobre os motivos da celebração da festa trazida pela sua ancestralidade, na memória de sua mãe e sua avó, bem como

pela relação das origens da festa com os escravizados e com os libertos e livres. Suas memórias da festa também nos dão as pistas para pensar a introdução dos elementos da cultura afro na celebração propriamente dita. A santa do Rosário surgiu libertando os cativos e lhes deu a autorização para que a festa fosse celebrada da forma como eles sabem fazer e como creem ser melhor – incluindo rituais litúrgicos, a procissão, as danças, as ladainhas, os cantos e os tambores. Todos esses elementos dão um sentido diferenciado à festa, e os que estão nela se reconhecem enquanto protagonistas de um grupo familiar e étnico-cultural distinto e pertencentes a ele. Isto é, reconhecem-se enquanto atores principais, e não apenas enquanto coadjuvantes.

Isso me leva novamente ao depoimento da professora Salete, que de modo mais explícito explica seus saberes e fazeres quando frisa sobre o ato de saber fazer a festa:

O que você conhece da festa?

O que eu sei vem da história oral, é muita história oral, porque eu gosto dessa manifestação oral. Eu sei que essa festa acontecia em homenagem à Nossa Senhora do Rosário, e quando eu ouço isso do catumbi. Eles costumam dizer que é uma festa para uma santa BRANCA, eles frisavam muito isso, e eu não entendia o porquê, né? Esses relatos que eu sei. Eles faziam em homenagem à Nossa Senhora do Rosário, mas a gente sabe que esta festa, ela já vem da nossa ancestralidade africana, né? Por quê? Ela tem muitos rituais africanos. Aí, no tempo colonial. Então, o que eu sei dessa festa é que em Santa Catarina é isso, que o grupo catumbi conta também alguns relatos. Lembro até os relatos do livro do professor Moacir, do professor Bento, que os negros faziam o batuque para agradecer, né? Com a única forma que sabiam fazer, era agradecer através de quê? Através de muito batuque, com muita dança, que é o que sabemos fazer. É mais ou menos isso (SANTOS, 2022a).

A explicação acerca do surgimento do culto e posteriormente da festa em homenagem à Nossa Senhora do Rosário é uma constante nas falas dos membros da comunidade negra. Embora tenham a noção de que a santa do Rosário é uma santa da Igreja Católica e “branca”¹⁶, deixam explícito em suas falas e memórias que existe a manifestação na festa de uma ancestralidade e de um lugar em comum dos membros da comunidade negra e que a festa possui – e hoje mais ainda – elementos das culturas africana e afro-brasileira (Figura 9).

¹⁶ Em festas anteriores, um dos membros do Grupo Catumbi de Araquari, o “Capelão” Osvaldo, era o responsável pela coroação dos reis e rainhas do Rosário. Em sua fala, que antecedia a coroação, ele contava as origens da festa em nossa região e sobre o seu surgimento. No caso de Araquari, a festa foi trazida por dois escravizados que chegaram à região em 1862, de acordo com relatos orais.

Figura 9 – Almoço da Festa de Nossa Senhora do Rosário, em Itajaí (SC)



Fonte: arquivo do autor.

É perceptível a importância dos mais velhos e experientes no processo de organização da festa; eles possuem a função de transmitir narrativas. Em 1991, Odair Silva da Rosa, “Tia Loca”¹⁷, Hermágio Amâncio da Silva, “Tio Mágico”, entre outros deram essa tarefa aos militantes antirracistas do movimento negro. Hoje, a tarefa é de Maria da Paz Benedito, “Tia Paz”, da mãe de santo Marília, entre outros, que contam para os mais jovens sobre esse lugar de memória, de onde e como vieram e como foram introduzidos em uma sociedade que constantemente tenta ocultá-los da história. É dessa maneira que os mais velhos se tornam a memória do grupo – nesse caso, da comunidade negra (BOSI, 1979).

Nas falas dos entrevistados se vê a busca saudosista por outras festas, de outros tempos e outras terras. Tia Maria da Paz, uma mulher octogenária, uma das organizadoras da festa e militante do Núcleo Afro, hoje uma das mais velhas organizadoras da Festa de Nossa Senhora do Rosário, constantemente evoca as festas de Penha/Piçarras¹⁸ e as

¹⁷ Tia é como geralmente são chamadas as mulheres com certa liderança entre a comunidade negra, o que não é diferente da comunidade negra de Itajaí. Nei Lopes (2004, p. 609) diz que essas mulheres eram as ialorixás da comunidade baiana estabelecidas no centro do Rio de Janeiro, a partir da segunda metade do século XIX, no espaço mais tarde conhecido como Pequena África.

¹⁸ De acordo com as memórias dos festeiros, por vezes a parte da homilia poderia acontecer em Penha e a parte festiva em Piçarras, dependendo de onde os reis do Rosário residissem.

transformações/reinvenções da festa em relação à atual. Nos anos 1950 e 60 houve uma migração das comunidades negras das regiões de Pedra de Amolar¹⁹ e Penha/Piçarras²⁰ para Itajaí em busca de emprego, trabalho e renda, deixando suas terras de subsistência e de interação social.

Os depoimentos do senhor Mauricio Renato da Silva e da senhora Maria da Paz da Silva Benedito trazem à tona lembranças sobre o retorno da comunidade negra para Penha e Piçarras em épocas de festas do Rosário, quando faziam a transferência temporária de seus lares para ambas as cidades, pois grande parte das famílias negras da cidade de Itajaí havia migrado. As lembranças da senhora Maria da Paz se remetem às décadas de 1950 e 60, tempo em que seu pai e demais membros da comunidade negra locavam um carro de molas (charrete/carroça) com dois cavalos de tração e a carregavam de donativos e do excedente de uma plantação agrícola de subsistência²¹ previamente colhida, para a festa. Nesse traslado, chegavam a passar entre 15 dias até um mês acampados, no salão de festas da igreja, na casa de familiares ou do rei e da rainha. Já as lembranças do senhor Mauricio José Renato da Silva nos levam às décadas de 1970 e 80, quando a comunidade locava uma caminhonete e se deslocava com fogão, geladeira, mantimentos e demais utensílios domésticos.

As lembranças da senhora Maria da Paz Benedito da Silva e do senhor Mauricio Renato da Silva nos dão a dimensão da festa e das capacidades de mobilização da comunidade negra no entorno da festa e de transformar-se sem perder a essência. Já as memórias e a representação das professoras Salete Aparecida dos Santos e Sidneya Silva dos Santos demonstram as capacidades de organização e de resistência no processo organizativo e representativo da festa.

Essa amálgama que pavimentou a organização do movimento negro está presente nas memórias recentes do senhor Mauricio Fernando da Rosa, filho de José Pereira da Rosa e Odair da Rosa. Mauricio é um homem sexagenário negro, trabalhador aposentado da indústria da

¹⁹ No dia 27 de fevereiro de 2023, eu, o professor José Bento Rosa da Silva, o geólogo Max Salustiano de Lima e o engenheiro José Paulo da Silva (Kibrilha) fomos rumo à Pedra de Amolar e à localidade de Carvão em busca de informações acerca da comunidade negra de Itajaí. O resultado, ainda não sistematizado nem publicado, forneceu dados quanto à migração da maior parte da população negra dessa localidade para Itajaí por volta dos anos de 1950 e 60, para trabalhar no porto e como lavadeiras, babás e empregadas domésticas.

²⁰ Penha emancipou-se em 21 de junho de 1958 e Piçarras em 14 de dezembro de 1963. Ambas eram distritos de Itajaí.

²¹ A comunidade de Nossa Senhora das Graças (Matadouro) é uma comunidade de ocupação que se constituiu nas margens da antiga estrada de ferro que ligava o Vale do Rio Itajaí-Açu com a foz do Rio Itajaí-Açu, na altura da Univali, localidade onde eu nasci e passei minha primeira infância. Era normal a comunidade que tinha seu domicílio nessa localidade e fazia suas roças de subsistência ocupar parte das terras do morro. Era dessa roça que saía uma parte das doações de alimentos para a Festa de Nossa Senhora do Rosário de Penha/Piçarras.

cidade, devoto de Nossa Senhora do Rosário e organizador da festa em homenagem à santa do Rosário nas cidades de Penha, Itajaí e Piçarras há mais de 50 anos:

Você sabe quais os motivos para se trazer a festa para Itajaí?

Eu vou tentar te explicar. Na verdade, a festa era toda vida feita na Penha, inclusive, quando eu era pequeno, a gente sempre acompanhava a minha mãe, meu tio, que eram os cabeça da festa, quem comandava a festa. Mas em uns tempos a festa foi caindo, foi caindo, e eles numa idade avançada, eles não tinham mais como tocar festa, e na realidade o que eles fizeram foi passar para o Ivo. Daí ele fez um ano ali, pois ele morava na Piçarras, daí ele achou mais fácil levar a festa pra Piçarras. Pra Itajaí, já foi outra coisa, pois tinha o Movimento Negro Tio Marco, não é? Daí, eles quiseram trazer a festa pra Itajaí, pois já tinha a festa em outros tempos passado em Itajaí. Eles queriam trazer de novo e assumir essa festa. Daí eles falaram com a mãe, o Tio Mágico [tio materno do depoente]. Daí eles foram os primeiros reis em [19]92, pra dar seguimento. Daí, até hoje o movimento toca, a Salete tem um pessoal aí que toca. Na realidade foi o movimento negro que trouxe ela [a festa do Rosário] pra cá.

Já ouvi dizer que a tua mãe disse: “Agora que tem o movimento negro aqui o movimento pode pegar!”.

Sim. Daí o Movimento Tio Marco quem trouxe a festa para Itajaí (SILVA, 2023, grifo meu).

O senhor Mauricio tem um forte conhecimento forjado no dia a dia da vivência da Festa de Nossa Senhora do Rosário e grande comprometimento e devoção à santa do Rosário. Percebe-se em suas memórias a longa tradição de sua família na condução e organização da festa. O depoente possui uma longa e profícua memória da festa desde seus momentos áureos até seu enfraquecimento, assim como a preocupação de que a festa acabe.

Chamo a atenção aqui para a parte da fala do senhor Mauricio que se refere ao fato de o movimento social negro da cidade ter o desejo de reinventar a festa: *“Pra Itajaí, já foi outra coisa, pois tinha o Movimento Negro Tio Marco, não é? Daí eles quiseram trazer a festa pra Itajaí, pois já tinha a festa em outros tempos passado em Itajaí”* (SILVA, 2023). Esse comentário coaduna com outros relatos orais acerca da existência de outras festas de Nossa Senhora do Rosário na cidade de Itajaí, nos bairros Imaruí, no Beco do Quilombo e em Pedra do Amolar. Essas festas eram organizadas pela comunidade negra dessas regiões, que era numerosa, e cada comunidade tinha um grupo de dançantes, segundo informações orais²². Esses dados carecem de maior investigação e de interpretação acerca do impacto do processo de urbanização na organização social da comunidade negra ocorrido na década de 1950 e consequentemente do fim da festa nessas localidades. De acordo com os relatos orais, a maior

²² Essas informações também estão nas memórias do senhor Mauricio.

parte dos negros e negras saía de seus territórios tradicionais para trabalhar na zona portuária da cidade, que por muito tempo foi a mola propulsora de sua economia.

Nesse longo processo de reorganização do território geográfico da comunidade negra, a dissolução de laços historicamente construídos teve o procedimento organizativo da Festa do Rosário como um eixo balizador e agregador da comunidade negra. Nela surgiram outros laços de organização popular, pois a festa envolvia uma série de atividades que refletiam nas esferas privada e pública da comunidade.

No âmbito público, encontram-se a escolha do rei e da rainha do Rosário, as ações de preparação do cortejo, as doações, a organização do ato litúrgico, o processo de organização da festa tanto de forma coletiva quanto individual. Nos meses que antecedem ao ritual de coroação do rei e da rainha, os organizadores da festa e os festeiros percorrem as ruas da cidade e visitam devotos, conversam com as comunidades negra e não negra da cidade e com aqueles que não moram mais na cidade, rezam, fazem suas novenas ou tríduos, cantam suas ladainhas e preparam-se para o grande rito, que é o ato de coroar seus reis e rainhas em um ato de igualar-se aos demais membros da sociedade itajaiense. Encontros nas casas dos devotos e de militantes são uma constante no dia a dia dos organizadores da Festa do Rosário, e a realização de atividades com fins lucrativos integra os atos preparativos, o que dá uma dinâmica entre a comunidade negra e as pessoas mais próximas ao movimento social negro.

Já na esfera do privado está a forma de contribuição de cada indivíduo ou a doação que cada família poderá destinar para a festa. O senhor Mauricio afirma que a festa é de partilha, que o processo de organização da Festa de Nossa Senhora do Rosário é um processo de organização coletiva de doação e de arrecadação para a festa, o que demanda grande esforço organizativo e de planejamento.

Que eles diziam assim que a festa é partilha! Realmente, a festa é partilha! Realmente, é partilha! Por exemplo, a gente ia com a bandeira na tua casa e pedia um donativo. Daí tu davas um donativo e tu ganhava um tíquete para tomar um refrigerante, comida, às vezes dois tíquetes de cerveja... Por aquilo que tu ajudaste, tinha um... No dia da festa tinha duas filas, um pra quem tinha o tíquete e na outra fila tinha de pagar. Hoje aqui é diferente, né? (SILVA, 2023).

Aqui em Itajaí eu não participo dessa parte [arrecadação de alimentos para a festa], mas lá na Penha [acredito que seja Piçarras] passa tudo por nós antes comigo, com a Raquel, com a Eliane [irmã e esposa do depoente]. O que nós fizemos? Tem muito rei que chega e diz: “Eu tenho dinheiro, eu vou bancar a festa. Eu não quero a ajuda de ninguém!”. Poderia! Mas geralmente a gente não deixa nas mãos do rei sozinho. Nós fazemos uma reunião. Nós temos uma lista do que vai na comida. Nós dividimos! Mauricio, tu estás encarregado de conseguir, por exemplo, o arroz, o macarrão. O outro é encarregado de conseguir tantos quilos de carne... O outro mais tantos quilos de carne. E assim vai indo! E a gente já tem

algumas pessoas que é sagrado a doação. Por exemplo, o Fábio e a Salete na Piçarras. Se eles não derem o frango todo, no mínimo a metade eles dão [aqui o depoente fala com um sorriso enorme] e, se não deixar eles darem, eles ficam bravos. Tem muita gente que a gente já chega e sai a pedir junto com o rei. O rei tem a lista dele, ele chega e liga pra nós: “Olha! Eu consegui isso”. E assim vai até o fim da festa. Uns 15 ou 20 dias antes da festa a gente já consegue fechar tudo (SILVA, 2023).

A organização dos dançantes e a saída em cortejo no primeiro dia também envolvem rituais específicos, rezas e ingestão de bebidas, como a concertada²³. A prática integra o ritual da “Alvorada”, quando “espiritualmente” os dançantes evocam a proteção contra infortúnios e louvam seu rei, rainha e sobretudo a santa do Rosário. O comparecimento às casas dos devotos que solicitaram a presença em uma espécie de “pagamento” de uma “graça recebida” – de Nossa Senhora do Rosário – e as visitas a casas de militantes do movimento negro e de militantes antirracistas para que ocorram as novenas ou os tríduos transformam as relações religiosas.

Ocorria o quê? Eu cheguei a pegar um pedacinho, de que eles [dançantes] não podiam entrar na igreja. Muitas vezes eram o rei e a rainha que iam lá e coroavam. Tanto que na Penha tinham duas missas. Tinha uma missa que era dos brancos [fala em tom meio jocoso] e a da festa era às 10 horas, mas a missa lotava, pois os brancos também gostavam da festa, né? (SILVA, 2023).

Quero aqui retomar dois momentos da fala do senhor Mauricio: o fato de haver duas missas, uma para a comunidade não negra e outra para a comunidade negra; e as duas serem concorridas por brancos e por negros, pois também gostavam da festa. Essa fala remonta ao fato de a Festa de Nossa Senhora do Rosário de Araquari não ser organizada pela Igreja Católica, e sim pela Igreja.

Na realidade hoje é quase num mesmo estilo [as festas de Piçarras e de Itajaí], tu vais encontrar um pouco de diferença em Itapocu [Araquari], mas aí é outra religião, né? Como assim outra religião? Aqui é feita por católicos, lá... É feito por... Como é...? Católica apostólica brasileira! [sua companheira sopra lá de longe]. É outra religião, não reconhecida pela Igreja Católica (SILVA 2023).

Em relatos nas pesquisas de campo e corroborando com relatos oficiais, havia duas igrejas católicas na região de Itapocu, uma da comunidade negra, erguida ainda no século XIX, e outra para a comunidade não negra, construída no início do século XX. Um grupo não entrava

²³ Hoje quase não se vê a concertada nas festas de Nossa Senhora do Rosário. Tal bebida era destinada a um pequeno grupo de pessoas que colaboravam na organização da festa, reis, rainhas, cortejo e dançantes.

na igreja do outro até que certo dia o bispo de Joinville Dom Gregório Warmeling determinou o encerramento das atividades da comunidade negra e que houvesse apenas uma comunidade religiosa. A comunidade negra, discordando da determinação do bispo de Joinville, procurou a Apostólica Brasileira²⁴ na Diocese de Lages e solicitou a Dom Antidio Vargas que atendesse espiritualmente aquela comunidade. Em conversa com os mais velhos chego à conclusão de que a cisma ocorreu por volta da década de 1930.

Outro ponto chama a atenção nas memórias do senhor Mauricio. Quando o indago sobre o que ele conhece a respeito da Festa de Nossa Senhora do Rosário, ele retorna a momentos de conflito entre a comunidade negra e a construção do ato litúrgico:

Olha, a Festa de Nossa Senhora do Rosário, cada um vai contar de um jeito, tem várias versões dela. É complicada, né? Mas... Desde que eu me conheço por gente, ela era uma festa religiosa! Ela sempre foi uma festa religiosa...! Entendeu? E os últimos tempos que foi tocada, era sempre de partilha, foi uma festa religiosa! Ocorria o quê? Eu cheguei a pegar um pedacinho, de que eles [dançantes] não podiam entrar na igreja, muitas vezes eram o rei e a rainha que iam lá e coroavam. Tanto que na Penha tinham duas missas. Tinha uma missa que era dos brancos [fala em tom meio jocoso] e a da festa era às 10 horas, mas a missa lotava, pois os brancos também gostavam da festa, né? Mas sempre era dividida pelo padre, né? Daí aos poucos foi mudando. Daí os dançantes já puderam entrar dentro da igreja.... Daí é que foi mudando mais... Foi difícil (SILVA, 2023, grifo meu).

Nas falas dos depoentes vão sendo construídas teias de informações que permitem montar uma espécie de quebra-cabeça e concluir que a manutenção das tradições da comunidade negra tal como a Festa de Nossa Senhora do Rosário foi uma tarefa hercúlea. Sem a persistência de negros e de negras nesse processo de formação do estado de Santa Catarina, teríamos perdido boa parte das memórias acerca da contribuição da comunidade negra ao processo de formação do estado catarinense, sobretudo por serem minoria numérica e principalmente de poder.

²⁴ Documentário *Catumbi – Uma Tradição Negra*, produção de Mundo Mágico Produções Cinematográficas relatando a tentativa de fechar a igreja da comunidade negra de Araquari. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=GAT_T2MUhso&t=1s. Acesso em: 3 ago. 2023.

2.2 OS CANTOS, O REPERTÓRIO E O SIMBOLISMO DOS VALORES DA COLETIVIDADE NEGRA E POPULAR

Uma das características marcantes da festa em homenagem à Nossa Senhora do Rosário é a procissão com a santa em um andor ricamente ornamentado nas cores da santa, azul e rosa, à frente dos reis e das rainhas do Rosário, seguidos pelo casal de pajens carregando as coroas, pelos casais de juízes e juízas e pelo cortejo aos pares de homens e mulheres vestidos em azul e rosa. Os devotos que seguem o cortejo, com os dançantes executando suas coreografias e suas lutas de espadas de madeira, seus cantos ancestrais e seus tambores, anunciam a aurora de novos tempos e demonstram sua fé à santa do Rosário.

Desse modo, o capitão do Grupo Catumbi de Araquari inicia os cantos e determina o que e a maneira como será cantado na ocasião. Parte das canções mantém o português de uma época que nos remete ao passado, formas de fala de escravizados ou mesmo de libertos e pessoas que não tiveram letramento ou talvez pouco letramento. Acredito que a manutenção do português utilizado pelo grupo de dançantes de catumbi faça parte de uma estratégia de manutenção da cultura da festa, o que justificaria a não adequação da forma historicamente cantada pelos dançantes de catumbi desde o século XIX.

Durante a procissão, ao buscar os reis do Rosário e o cortejo, os dançantes elaboram uma coreografia com danças simbolizando uma hipotética luta de espadas, no que representa a guarda real e a santa do Rosário. Esses cantos saúdam e louvam Nossa Senhora do Rosário e o rei e a rainha, ladeados a sua corte. Com a procissão, vão os estandartes, uma liteira/andor com quatro homens carregando a santa do Rosário. O andor é cuidadosamente ornamentado e decorado.

As tarefas são divididas entre os organizadores da festa e os devotos à santa do Rosário. Por exemplo, a construção ou manutenção do andor é tarefa do senhor Mauricio Renato da Silva, o “Maito”, a decoração é de responsabilidade da professora Sidneya Silva dos Santos, e a decoração e organização do salão de festas são de responsabilidade coletiva, sob a coordenação do Núcleo Afro. O ato litúrgico é dividido entre os demais membros do Núcleo Afro e da comunidade negra, tanto cristãos quanto de religiões de matriz africana, os quais são responsáveis pelo ofertório. A senhora Maria da Paz da Silva Benedito foi por décadas a responsável pela coordenação da cozinha da festa. Assim, cada indivíduo é responsável por

uma parte da festa, que vai desde a organização de novenas/tríduos²⁵ antes da festa, prestação de contas ao longo do ano, com as atividades de arrecadação de fundos e de alimentos para a festa, passando pelas novenas até a cozinha.

O repertório cantado e entoado pelos dançantes de catumbi é rico e diversificado e traz a indagação de que Santa Catarina também tem manifestação da cultura afro. Para uma reflexão mais atenta, convido você, leitor, a observar algumas letras entoadas ao longo da procissão de Nossa Senhora do Rosário – regada a danças ancestrais, foguetes e rituais afro-brasileiros pelas ruas da cidade, em Araquari, Piçarras ou Itajaí²⁶.

Esse repertório cantado pelo grupo de catumbi nos remete aos anos de cativo da comunidade negra, no período colonial ou imperial brasileiro, quando negros e negras, escravizados, livres ou libertos, caminhavam pelas ruas de Itajaí e demais cidades brasileiras. Os louvores à santa do Rosário nos fazem sentir outros tempos, os tempos em que os cativos, assim como os libertos, coroavam os reis congos, personagens que simbolicamente projetavam nas terras do Novo Mundo a autoridade de seus reis e rainhas. Ou seja, são expressão da cultura africana e afro-brasileira.

Os festejos, realçados por muita música, dança, coreografia de luta de espadas, procissão e coroação de seus reis e rainhas, não são somente uma recriação das celebrações que marcaram a entronização dos reis e rainhas em uma África distante e antiga; representam a sobrevivência de costumes africanos e afro-brasileiros sem deixar de ser brasileiros (Figura 10). Dessa forma, as canções entoadas pelos dançantes de catumbi são balizadas pela homenagem à santa do Rosário, reis e rainhas, a sua corte e a representação de todos no processo de sobrevivência e de subsistência da comunidade negra, transformando e readequando sua percepção de mundo e de sociedade (REIS; SILVA, 1989).

Salve-Rainha – ladainha

Capitão: Salve-Rainha, mãe de misericórdia;

Ó, mãe de Deus, senhora minha, peço socorro, salve-rainha.

A vós bradamos os degradados filhos de Eva. Ó mãe de Deus, senhora minha;

Peço socorro, salve-rainha.

Semos:

²⁵ A novena são nove dias de atividades religiosas organizadas nas casas dos devotos da santa. Já o tríduo são três dias.

²⁶ Recorro às letras contidas no CD Cultura Popular Afro-brasileira do distrito de Itapocu, na cidade de Araquari, patrimônio cultural de Santa Catarina. Realização: Serviço Social do Comércio (Sesc)/SC, 2003. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0oN2XeCEjhw&t=435s>. Acesso em: 3 set. 2023.

Capitão: Semos, semos, semos, mãe de quem soubera, temos um Deus no céu, rainha na terra;

Resposta: Semo, semo, semo mãe de quem soubera, temos um Deus no céu, rainha na terra;

Semo, semo, semo, mãe de quem soubera, temos um Deus no céu, nosso rei na terra;

Semo, semo, semo, mãe de quem soubera, temos um Deus no céu, rainha na terra, oi nossa senhora mandou um recado;

Que fosse cantado Bendito Louvado;

Semos, semos, semos mãe de quem soubera, temos um Deus no céu, rainha na terra;

Oi Bendito Louvado para o nosso bem, que levai pra glória, sempre amém;

Semos, semos, semos mãe de quem soubera, temos um Deus no céu, rainha na terra;

Semos, semos, semos mãe de quem soubera, temos um Deus no céu e nosso rei na terra;

Semos, semos, semos, temos um Deus no céu, rainha na terra;

Semos, semos, semos mãe de quem soubera, temos um Deus no céu, rainha na terra;

Semos, semos, semos mãe de quem soubera, temos um Deus no céu, rei na terra.

Eu vou, mas não vou!

Capitão: Eu vou, mas não vou!

Resposta: Não sei s'irei, eu vou, mas não vou, não sei s'irei;

Eu vou, mas não ia;

Não sei s'irei, eu vou, mas não vou, não sei s'irei;

Eu voltarei;

Não sei s'irei, eu vou, mas não vou, não sei s'irei;

Eu vou, mas não ia;

Não sei s'irei, eu vou, mas não vou, não sei se irei;

Eu vou pra ficar;

Não sei s'irei, eu vou, mas num vou, não sei s'irei;

Eu vou, mas não ia;

Não sei s'irei, eu vou, mas não sei s'irei;

Eu vou, mas não vou;

Não sei s'irei, eu vou, mas não vou, não sei s'irei;

Eu vou, mas não sei se ia;

Não sei s'irei, eu vou, mas não vou, não sei s'irei;

Eu vou, mas não vou;

Não sei s'irei, eu vou, mas não vou, não sei s'irei.

[Ao retirar-se da “Santa Casa” cantam:]

Marcha, marcha, marcha companhia;

Olha o campo de Sant’Ana

Todo cheio de alegria;

Santo Antônio (bis)

Arrepinica os Santos (bis)

Leva a bandeira (bis)

Na Casa Santa (bis)

Deus te sarve

Aratório

Meu Ramalhete de Flor;

Tá no céu

Está na terra

Ó sarvador!

Está no céu ou está na terra;

Ó Divino!

E olha o nosso Sarvadô

Ó Divino!

Ó Divino!

Bendito louvado seja;

Deus te sarve

Casa Santa!

Onde Deus

Feis morada!

Onde mora o Calis (x) bento;

E a hosti(a) consagrada

Deus te sarve

Casa Santa!
 Deus te sarve casa bela
 A virge do Rosaro
 E Deus que morou dentro dela

Figura 10 – Coroação da rainha do Rosário Maria da Paz da Silva Benedito e de seu filho Kleber da Silva Benedito. Destaque para a machadinha de Xangô na coroa do rei



Fonte: arquivo do autor

As palavras cantadas e faladas por meio das canções entoadas pelo capitão e pelos dançantes de catumbi fazem parte dos rituais de organização e de execução da festa e remontam ao período da escravidão em Santa Catarina. Para sustentar a desumana estrutura escravocrata da sociedade colonial e imperial, foi construída uma imagem social de que negros e negras eram seres irracionais, violentos e que deveriam ser controlados (MOURA, 1988).

Assim, a musicalidade tornou-se ferramenta importante no processo de resistência à escravidão brasileira. No caso da Festa de Nossa Senhora do Rosário é muito marcante a fala da professora Salete dos Santos que deixa isso explícito ao explicar a origem da festa e a importância da musicalidade para esta:

Eu sei que essa festa acontecia em homenagem à Nossa Senhora do Rosário, e quando eu ouço isso do catumbi. Eles costumam dizer que é uma festa para uma Santa BRANCA, eles frisavam muito isso, e eu não entendia o porquê, né? Esses relatos que eu sei. Eles faziam em homenagem à Nossa Senhora do Rosário, mas a gente sabe que esta festa ela já vem da nossa ancestralidade africana, né? Por quê? Ela tem muitos rituais africanos, aí no tempo colonial. Então o que eu sei dessa festa é que em Santa Catarina é isso, que o grupo

catumbi conta também alguns relatos. Lembro até os relatos do livro do professor Moacir, do professor Bento, que os negros faziam o batuque para agradecer, né? Com a única forma que sabiam fazer. Era agradecer através de quê? Através de muito batuque, com muita dança, que é o que sabemos fazer. É mais ou menos isso (SANTOS, 2022a, grifo meu).

A fala da professora Salete dos Santos é muito esclarecedora e remete-nos à musicalidade da festa do Rosário como a forma de agradecer e de louvar as graças alcançadas pela santa. Na mesma direção, a professora Sidneya Silva dos Santos traz as memórias de sua mãe e de sua ancestralidade para explicar a relação entre a festa do Rosário e a musicalidade negra e popular da festa:

Assim! A minha mãe contava que a Festa do Rosário era uma festa muito bem planejada e ela gostava muito de falar dos dançantes [de catumbi]. Hoje, infelizmente, pelo que eu conheço só tem um grupo de dançantes, mas a minha mãe falava que na época do pai dela existiam vários grupos de dançantes que pertenciam às famílias negras que tinham aqui na época. Então da família do pai da minha prima Roseli, que é casada com o meu primo Feliciano, era um grupo de dançantes, da parte do pai [avô da depoente] dela tinha outro grupo de dançantes e eles faziam competições... Que eles faziam ensaios para ver quem fazia mais bonito, e que era muito legal (SANTOS, 2022b).

Aqui a professora Sidneya dá a direção acerca da participação de outros grupos de dançantes e da rivalidade de cada um. Para ela se trata de uma questão complexa e infeliz, conforme suas palavras. Em outro ponto, a depoente relaciona a origem da festa com a musicalidade negra. Esse depoimento corrobora outros depoimentos orais e documentais que deram origens ao mapa exibido na Figura 1:

O escravo que estava lá com as algemas diante da imagem... Que a santa apareceu, conversou com ele, dizendo que queria libertá-lo! Aí foi liberto! E ela queria que ele rezasse! Ele diz: “Não! Mas eu não sei rezar! Não sei!”. O escravo não sabia rezar, não sabiam a língua... Aliás, até muitas das pessoas que eram livres e católicos não sabiam rezar, pois as missas eram em latim antigamente! Imagine um escravo! E Nossa Senhora diz para eles: “Não! Eu quero que vocês me louvem, me louvem, me honrem do jeito de vocês, com a alegria de vocês, porque Deus é amor, é alegria”. E Nossa Senhora disse: “Vocês vão louvar, vocês vão me honrar, rezar do jeito de vocês. Vocês não sabem cantar, dançar, vocês não sabem batucar? Então vai ser desse jeito” (SANTOS, 2022b, grifo meu).

Desde antes da escravização, ainda no continente africano, as músicas e danças marcavam o trabalho coletivo e eram uma forma de repassar o conhecimento a outras gerações. Como elemento de reelaboração das identidade africana e afro-brasileira, a musicalidade também foi um dos elementos importantes de resistência à escravidão, assim como ao mal por esta perpetrado, nas plantações de cana-de-açúcar no nordeste brasileiro, nas minas de ouro e

diamantes de Minas Gerais, nas armações baleiras de Santa Catarina. As músicas e danças entrelaçavam-se nos subterrâneos das senzalas e transformavam-se em planos de fuga muito elaborados e tramados nas alcovas da escravidão (FERREIRA, 2016).

Enquanto tambores, capoeira e danças divertiam os senhores de escravos, a cultura africana foi tolerada e aceita. Todavia, o fim da escravidão oficial representou outra violência, que perdura até os dias de hoje, a violência cultural e a invisibilidade da comunidade negra (BRANDÃO, 1985). Aos negros e negras ainda é associada a imagem de violência e irracionalidade, além de enfrentarem a segregação espacial urbana, pela favelização dos descendentes de africanos, a dificuldade de permanência e sucesso na educação formal, além da luta por melhores condições sociais.

Nesse sentido, a Festa de Nossa Senhora do Rosário no presente representa a possibilidade de expressão da cultura afro-brasileira e pode ser considerada uma ferramenta de transformação social.

3 REIS E RAINHAS DO ROSÁRIO: PATRIMÔNIO, FÉ, PODER E RESISTÊNCIA

Este capítulo tem como finalidade compreender as dinâmicas de organização da Festa de Nossa Senhora do Rosário, estruturada pelo movimento negro e pela comunidade negra da cidade de Itajaí no período de 1992 a 2022, momento em que a festa completou 30 anos¹. Dialogando com militantes antirracistas e do movimento negro, bem como com diferentes autores e estudiosos acerca do tema das relações étnico-raciais no processo de construção da sociedade brasileira, procuramos conhecer e compreender o processo de organização da comunidade negra da cidade, bem como suas dinâmicas internas e o relacionamento externo com os demais movimentos negros e grupos sociais de seu entorno.

Analizamos a festa enquanto manifestação patrimonial e cultural de negros e negras, pensamos na festa enquanto agente transformador, agregador e de protagonismo social da comunidade negra, ou seja, um dia de coroamento de seus reis, de suas rainhas, de todo o seu séquito, um dia de equivalência aos demais membros da sociedade. Nesse sentido, analisamos a festa enquanto elemento de resistência e de expressão da cultura patrimonial material e imaterial da comunidade negra da cidade de Itajaí, nos termos dos artigos 215 e 216 da Constituição Federal de 1988 e do Decreto federal nº 3.551/2000, do Iphan, que cria o Programa Nacional de Patrimônio Imaterial.

Articulando uma série de bibliografias sobre as relações étnico-raciais, percebemos que a forma de organização social da comunidade negra da cidade de Itajaí é dinâmica e complexa, ganhando notoriedade no período de reabertura política, nas comemorações do centenário da abolição formal da escravidão no Brasil, na campanha da fraternidade de 1988 com o *slogan* “Ouvi o Clamor desse Povo”. Tudo isso, aliado à promulgação da Constituinte de 1988, confere à conjuntura da criação do movimento negro na cidade dinâmica própria. Esse contexto histórico proporcionou a determinado grupo de negros e negras se organizar em torno da pastoral do negro da Igreja Católica em um primeiro momento e posteriormente no movimento negro organizado da cidade.

Nesta fase da escrita discutimos o papel da festa na comunidade negra no processo de organização e de reorganização de africanos e de seus descendentes na sociedade brasileira, em nosso caso específico na cidade de Itajaí, localizada no litoral centro-norte do estado de Santa Catarina, e como essa manifestação da cultura negra e popular impactou na visibilidade da

¹ Por causa da pandemia, os festejos foram adiados por um período de quatro anos.

comunidade negra na cidade e como a comunidade não negra percebe e interpreta a Festa de Nossa Senhora do Rosário enquanto manifestação cultural da população negra da cidade.

Outro ponto a ser abordado neste capítulo da dissertação de mestrado são as questões do patrimônio alimentar, na forma de arrecadação e preparo dos alimentos e sobretudo dos espaços femininos e seu protagonismo na Festa de Nossa Senhora do Rosário. O protagonismo feminino é visto como espaço de resistência e conquistas, uma vez que as mulheres são participação majoritária na organização da festa em homenagem à Nossa Senhora do Rosário.

Para compreender o processo organizativo da comunidade negra da cidade de Itajaí e sobretudo a festa em homenagem à Nossa Senhora do Rosário, foram consultados 12 militantes do movimento negro organizado e militantes antirracistas, negros e não negros, da primeira e da segunda geração de festeiros, e devotos da santa Nossa Senhora do Rosário. Este capítulo tem o intuito de analisar a reinvenção da Festa de Nossa Senhora do Rosário principalmente com a visão da segunda geração de festeiros e militantes antirracistas negros e não negros, assim como pensar a participação majoritária de mulheres no processo organizativo da festa, cabendo aos homens por vezes papéis secundários.

As entrevistas foram fundamentadas no método da história oral, com perguntas abertas previamente elaboradas e apresentadas ao Comitê de Ética. Elas foram gravadas em sistema multimídia para uma posterior consulta e devolução à comunidade. Ao pesquisar e refletir sobre o processo organizativo da Festa de Nossa Senhora do Rosário na cidade de Itajaí, foi essencial ouvir a fala, assim como o silêncio, dessas 12 pessoas com real reconhecimento entre a comunidade negra e não negra da cidade. A maior parte das entrevistas foi feita em forma de gravação mídia digital, e uma menor parte dos entrevistados respondeu a um questionário. Para tanto, recorro às palavras de Thompson (1998, p. 337): “A história oral devolve a história às pessoas em suas próprias palavras. E ao lhes dar um passado, ajuda-as também a caminhar para um futuro construído por elas”.

Tentando compreender a dinâmica das relações étnico-raciais na cidade me foi apresentado o livro *O que a memória guardou*, uma coletânea das memórias do jornalista Juventino Linhares (1997). Essas lembranças foram escritas e publicadas no jornal *O Popular*², fundado em 1958, mesmo ano em que Linhares publicou essa série de memórias por ele vividas. Em um de seus escritos, o jornalista relata a história de Teresa Romana de Jesus, uma mulher

² *O Popular* era um periódico da Paróquia do Santíssimo Sacramento. Juventino Linhares e o Padre Vandelino Hobbld eram os editores do jornal.

escravizada, já no pós-abolição. Teresa adotou mais tarde o sobrenome de seu senhor, Augusto Feijó, o avô materno de Juventino. Uma das decepções relatadas em suas memórias é que Teresa se tornou “chefe do meretrício da cidade”, o que deixou o jornalista muito triste (LINHARES, 1997, p. 304).

Um dos relatos de Linhares (1997) foi um ato protagonizado pela Negra Teresa, mulher liberta pela famosa Lei Áurea. Essa ex-cativa prestava serviços para o seu antigo senhor³. Releva notar que no pós-abolição muitas vezes os ex-escravizados tentaram negociar as condições para sua permanência nos locais de moradia, tendo em vista as incertezas trazidas pela vida de libertos. Estudos recentes apontam que na Região Sudeste, por exemplo, grupos de libertos recorriam a párocos e agentes policiais para apresentar suas condições de permanência com seus antigos senhores, no entanto o negociar com os libertos nem sempre era uma condição à qual seus ex-senhores se mostravam dispostos (ALBUQUERQUE, 2006, p. 199). Teresa frequentemente era acometida por fortes dores de cabeça que se iniciavam nas tardes de sábado e tinham súbita melhora aos domingos. Recorro à memória de Linhares (1997) para refletir sobre a relação da comunidade negra e as festas/os encontros enquanto espaços de interação entre negros e negras e a relação com seus corpos, bem como suas táticas e estratégias de convívio e interação social:

Teresa fora escrava de meu avô materno, Augusto Feijó, veterano da guerra contra Rosas e que residia na Barra de Camboriú, onde exercia atividades múltiplas, sendo político, comerciante, agricultor e armador de pequena cabotagem e, por isso, muitos a conheciam pela denominação de Teresa Feijó, embora seu nome fosse Teresa Romana de Jesus. Após a abolição da escravatura, permaneceu ela ainda por vários anos prestando serviços ao seu antigo senhor *desenvolvendo-se sempre dentro de seu espírito irrequieto e façanhudo, quase diabólico*. Durante muito tempo, fingia-se acometida de tenaz enxaqueca, que se iniciava sempre nas tardes de sábado, arrastando-a ao leito entre queixumes e gemidos e ali permanecendo reclusa até a tarde de domingo. Só depois de três anos desses padecimentos periódicos é que meu avô, pretendendo viajar em certa madrugada de domingo surpreendeu Teresa a regressar de atropelada viagem, apeiando-se do cavalo estafado e suarento. Era que a pretensa enxaqueca desaparecia, quando todos em casa adormeciam e ela então escapava pela janela dos fundos para cavalgar na montaria do seu amo, a longas distâncias, às vezes a Porto Belo e a Itajaí a fim de participar dos bailes e batucadas que os de sua raça organizavam, regressando daí ao alvorecer para aproveitar o domingo no descanso do corpo, só se libertando do fingido mal quando se sentir recuperada da exaustiva fadiga (LINHARES, 1997, p. 306, grifos meus)

³ Uma das possíveis angústias dos libertos era para onde ir e o que fazer com essa tal liberdade, ou mesmo a incógnita do que seria a tal de liberdade. No caso de Teresa, ela “optou” por ficar trabalhando para o seu senhor, como uma forma de manter seu sustento e sobretudo ter um local onde morar.

Pensando no relato exposto, chama a atenção um aspecto acerca da vida da negra Teresa Romana de Jesus, ou Teresa Feijó – dependendo da situação, ela utilizava uma ou outra identidade. O processo de resistência passava aqui pela tática utilizada por ela para ter uma vida social entre os seus, reafirmando a importância das festas para a criação das redes de sociabilidade e solidariedade. Percebe-se que, mesmo Teresa sendo uma mulher liberta, portanto, livre, ainda precisava utilizar táticas e estratégias variadas para poder se relacionar com os membros da comunidade negra no momento do pós-abolição.

Uma dessas táticas era a saída/fuga na calada da noite para confraternizar-se com os seus, galopando quilômetros. Percebe-se que, embora liberta, a mulher negra e livre ainda necessitava de subterfúgios para ter o tal descanso aos fins de semana ou um momento de lazer e descanso. Para tanto, ela percorria “*longas distancias, às vezes a Porto Belo e a Itajaí a fim de participar dos bailes e batucadas que os de sua raça organizavam* regressando daí ao alvorecer para aproveitar o domingo no descanso do corpo” (LINHARES, 1997, p. 306, grifo meu). Mesmo livre, a negra Teresa não era dona nem senhora de seu corpo, de seu destino. Chama a atenção ainda a informação sutil que esse relato nos traz acerca das “batucadas” em Itajaí e em Porto Belo, das quais Teresa era frequentadora. Nesse relato o autor aponta que eram constantes festas da comunidade negra nessa região, o que denota a presença da comunidade negra e a interação em diversos espaços de interação social.

Esses batuques frequentados pela negra Teresa, assim como o modo de vida dela, me fazem traçar um paralelo entre as entidades de energia feminina e o poder das ruas para as religiões de matriz africana. Exemplo disso são para algumas culturas centro-africanas o inquice Bombagira, em quibundo *pambu-a-njila*, ou a popular Pombagira, o resultado do encontro entre a força vital feminina e o poder das ruas, na encruzilhada. As pombagiras são espíritos femininos que viveram as ruas de maneiras diversas e intensas, tiveram diversos amores e desamores e que expressam suas energias vitais por meio de uma sensualidade aflorada, de forma livre e transgressora ao sistema patriarcal.

Vê-se a forma como Linhares (1997) se refere à maneira de Teresa levar sua vida de mulher livre, “*desenvolvendo-se sempre dentro de seu espírito irrequieto e façanhudo, quase diabólico*” (LINHARES, 1997, p. 306, grifo meu). Esse ato transgressor de ser uma mulher livre chocava o então jovem Juventino Linhares e causava indignação em seu avô materno, Augusto Feijó. Nesse sentido, o poder de Teresa assentava-se em sua liberdade, no fato de ser livre e na forma de levar a sua vida: “O corpo pecador não faz o menor sentido para as donas da rua” (SIMAS, 2022, p. 22). Para Teresa Romana de Jesus, a liberdade estava no ato de

transgredir a ordem vigente da sociedade, representada pelo seu ex-senhor, ou, como Juventino se refere, “seu Amo”.

Linhares (1997) diz encontrar, anos depois, já envelhecida e acima do peso, negra Teresa pelas ruas da cidade, o que lhe causou profunda tristeza, pois, ao mudar-se para Itajaí, a ex-escravizada, embora gozasse grande prestígio e popularidade na cidade, mantinha relações sociais, afetivas e amorosas com marítimos, portuários e figurões destacados da sociedade itajaense. Teresa tornara-se proprietária de um bordel bem frequentado e pouco conceituado da cidade. Ainda nos relatos, o jornalista diz que Teresa teve dois filhos: Emidio, que era afilhado dos pais de Juventino, e Maria, uma mulher de grande porte e formosa, cobiçada por muitos jovens da cidade, o que fazia Teresa ter um cuidado maior com a jovem (LINHARES, 1997, p. 304).

As saídas de Teresa Romana de Jesus nas noites de sábado para transgredir a ordem vigente da sociedade do fim do século XIX e início do século XX, seguindo uma espécie de roteiro de atividades lúdicas da comunidade negra do litoral norte do estado, fazem parte das estratégias de resistência assumidas pela comunidade negra, que ao longo da história vão se transformando. O que Linhares (1997) chama de batucada organizada pelos de sua raça é a forma de negros e negras se sociabilizarem no Brasil, sobretudo no Brasil do pós-abolição. Nesse sentido, as práticas individuais da negra Teresa se alicerçam nas mesmas táticas e estratégias da criação dos clubes negros, da organização das irmandades, dos clubes de regatas e de futebol da comunidade negra, em um processo de resistência e manutenção de sua liberdade.

Linhares (1997) chamou de batucada dos de sua raça a expressão e a manutenção da cultura e do modo de vida da comunidade negra, o que hoje são os pagodes, as batalhas de *hip-hop*, espaços de interação da comunidade negra, em um momento de reorganização da sociedade no pós-escravidão (Figura 11).

Figura 11 – Procissão da Festa de Nossa Senhora do Rosário, em Itajaí (SC)



Fonte: Núcleo de Estudos Afro-negros

Nesse sentido, Teresa Romana de Jesus lá do fim do século XIX e início do século XX serve de inspiração às mulheres que organizam o movimento negro, assim como às organizadoras da Festa de Nossa Senhora do Rosário, com seu ou seus espíritos irrequietos e transgressores.

3.1 “DEUS FEZ, O VENTO ESPALHA E ELES POR SI SE ENCONTRAM⁴”: QUANDO O COMER SE TORNA UM ATO POLÍTICO, AS PRÁTICAS ALIMENTARES E O PATRIMÔNIO CULTURAL NA FESTA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

Em Santa Catarina, as festas da comunidade negra que coroavam e ainda coroam seus reis e rainhas têm seus registros desde o século XIX, com raízes africanas e afro-brasileiras. Essas festas tornaram-se a conexão entre a lembrança no presente das lembranças, das dores, das alegrias, das experiências e das resistências dos povos escravizados em diáspora para o Brasil. Intensas e dinâmicas, as festas em homenagem à Nossa Senhora do Rosário e aos demais santos de culto da comunidade negra, ou as congadas – como também são conhecidas pelo

⁴ Dito popular referente aos encontros e desencontros que a vida impõe a homens e mulheres que ousam viver.

Brasil afora –, acontecem na atualidade em três municípios do litoral catarinense, Araquari, Piçarras e Itajaí, cada uma com suas características próprias.

As festas comunitárias são práticas culturais em que são produzidos, transmitidos e usados saberes e fazeres da tradição e da cultura da comunidade. Nesse sentido, a manutenção da memória social da comunidade negra de Itajaí está associada à cultura imaterial nos festejos em homenagem à santa do Rosário. Na festa são transmitidos os valores culturais da comunidade negra, que possui centralidade nos rituais não só dos atos litúrgicos, mas também da prática cultural da festa de manutenção e de perpetuação do culto e da tradição festiva, tal como o pagode, o *hip-hop*, a dança de rua, assim como as demais manifestações da juventude negra, que faz apresentações de seus grupos de expressão popular, as coreografias do grupo de catumbi. Ou seja, a cultura negra e popular é exaltada por aqueles que organizam a festa, divulgando aspectos da prática cultural dos envolvidos no processo, de maneira que a festa é o momento de mostrar à sociedade a forma de concepção de mundo da comunidade negra, de manifestar suas crenças e o modo de vida, na memória coletiva e na história social da comunidade negra (Figura 12).

Figura 12 – Procissão e cortejo da Festa de Nossa Senhora do Rosário de Itajaí (SC)



Fonte: Núcleo de Estudos Afro-negros

À frente do cortejo, em uma espécie de abre-alas, vem a imagem da santa do Rosário em sua liteira, cuidadosamente ornamentada em azul e rosa – as cores da santa. A liteira, carregada por quatro jovens negros com postura empoderada e altiva, abre caminho para o cortejo, com o rei do Rosário com um largo sorriso no rosto seguido por seu pajem, que tem a honra de carregar a coroa do rei e da rainha do Rosário. Os dançantes, a coreografia, as canções do catumbi, a procissão, as memórias, assim como a hipotética luta de espadas, remetem aos

festeiros de outro tempo e espaço. Ao ouvir os depoimentos dos entrevistados, chamou-me a atenção o fato de que, quando os depoentes, em sua maioria mulheres, fazem menção a essa ou aquela festa, a seus feitos, dificuldades para fazer a festa, seus corpos falam. Estes não falam textualmente, mas revelam expressões, sorrisos, silêncios e sentimentos que extrapolam o ato de falar, ao gesticular, ao sorrir, ao dar ênfase em determinada fala.

No decorrer da pesquisa de campo, sobretudo à medida que coletávamos as entrevistas e os dados acerca da Festa de Nossa Senhora do Rosário, vê-se o protagonismo feminino no processo de organização da festa. A participação delas no movimento negro organizado se torna mais evidente além do empírico, o que merecerá no futuro maior e mais complexa reflexão. Essas mães, mulheres netas de Malvina Costa da Silva, filhas de Maria da Conceição da Silva ou de Doroti da Silva, e tantas outras figuras femininas estão sempre presentes nas memórias das entrevistadas, chegando a recitar uma espécie de genealogia. Exemplo disso é a semelhança entre as entrevistas da professora Sidneya Silva dos Santos e da psicóloga Fátima Regina da Silva, feita em momentos e em espaços diferentes:

Meu nome é Sidneya Silva dos Santos, filha de Maria da Conceição Silva e de Alcides dos Santos, neta de Malvina Costa da Silva e de Bernardino Amâncio da Silva. Eu sou professora e estou como diretora em uma unidade de ensino, mas a minha profissão é ser professora, eu sou uma educadora (SANTOS, 2022b).

Quem é Fátima? *“Mulher, mãe, esposa, negra. Neta de Bernardino Amâncio da Silva e Malvina da Costa. Filha de Tolentino da Silva e Doroti da Silva, ancestrais que têm toda relevância na história da Festa da Nossa Senhora do Rosário” (SILVA, 2022).*

A entrevista com Maria da Paz da Silva Benedito, mulher negra octogenária, mãe, avó, militante do movimento negro e fundadora do Núcleo de Reflexão Afrodescendente Manoel Martins dos Passos da Região da Foz do Rio Itajaí, servidora pública aposentada e cozinheira profissional, foi uma das mais esclarecedoras acerca das festas do início do século XX e das festas atuais. Um dos traços mais marcantes de Tia Paz são sua alegria e disposição.

As memórias da senhora Maria da Paz da Silva Benedito são bastante reveladoras e muito contribuem para pensar a festa do ângulo do operacional da festa, ou seja, a relação de poder concedida a ela pela comunidade negra, por ser uma das mais velhas da comunidade e ter sido a cozinheira oficial de duas das três festas de negros de Itajaí e de Piçarras. Ela relata com orgulho o processo organizativo da festa, como era feita a partilha da alimentação e da bebida nas décadas de 1950 e 60, assim como a participação de seu pai na festa:

Tia, a festa sempre foi desse jeito? Desta forma que é feita hoje?

Sim, mas naquele tempo era melhor ainda, só que naquele tempo era assim, né? A bebida a gente não pagava! A comida era de graça! Sabe como é? A bebida era aquela Pureza [refrigerante. Nesse momento, a depoente solta um sorriso nostálgico].

*Era a concertada?*⁵

Era concertada, era licor de vinho, era isso que era ofertado, eu nunca me esqueço! Parece que é hoje que estou vendo, meu Deus do céu! Nós ia! O pai mesmo? O pai era muito falado, né? Todo mundo fala! Bem prosa o Bernardino, nego prosa alugou a casa 15 dias antes para ir pra lá! Daí nós fomos, né? Para trabalhar, meu Deus do céu! Tinha de organizar, tinha de organizar! (BENEDITO, 2022).

O depoimento da senhora Maria da Paz da Silva Benedito (2022) nos traz a reflexão de que as festas populares e de cunho comunitário são carregadas de saberes locais que estão vinculados em muitos aspectos a elementos tradicionais, bem como à manutenção da memória social da Festa de Nossa Senhora do Rosário. Ela está associada à cultura imaterial, e nos festejos a tradição cultural possui centralidade e é exaltada desde a concepção da atividade festiva até a sua conclusão (TINHORÃO, 2000).

A preparação dos pratos servidos tanto no dia anterior à festa quanto no café da manhã e sobretudo no almoço do dia da festa costuma ter a participação majoritariamente feminina⁶ da comunidade negra. Às vezes, são recrutados militantes antirracistas não negros para assar as carnes. É nesse momento que se juntam os saberes e os fazeres para a construção dos sabores, pois a festa é um ato de construção da identidade cultural da comunidade negra, na qual os laços de pertencimento se estreitam e se fortalecem, já que a tarefa de construção da festa é coletiva, desde a arrecadação dos donativos até a cocção.

Para tanto, é preciso pensar no processo organizativo da festa, que se inicia muito antes da data festiva e acaba bem depois dela. Assim, recorro aqui à entrevista da psicóloga, sindicalista e militante do Núcleo de Reflexão Afrodescendente Manoel Martins dos Passos da Região da Foz do Rio Itajaí sobre o processo de arrecadação dos alimentos da festa, realizada em dezembro de 2022:

A organização da comida ocorre dentro do núcleo. Fizemos as devidas divisões: quem vai ficar com a carne, quem vai ficar com o sal, quem vai ficar com os legumes, marca-se uma data X, bem antecipada uns três, quatro dias ou antes, uma semana antes para que tudo esteja em um determinado espaço e para que não tenhamos tanta preocupação, para que no dia não ocorra falhas, ou que falte o mínimo, podendo ser providenciado, a tempo de

⁵ Bebida alcoólica ancestral afro-indígena muito comum em festas da comunidade negra e em festas populares do litoral norte do estado de Santa Catarina feita à base de cachaça, gengibre, canela e outros condimentos.

⁶ Não que não haja figuras masculinas na cozinha. Os homens têm outras tarefas no preparo dos alimentos, que vão desde o assar as carnes de frango ou de gado ao descascar as batatas, por exemplo. Porém a tarefa da cozinha é majoritariamente feminina.

ligar para a pessoa que vai doar, explicando que, quando as cozinheiras chegarem, elas precisam de todos os ingredientes necessários para executarem as tarefas. É uma execução sem pagamento. É por amor à Nossa Senhora do Rosário. Às vezes tem pessoas que não participam do núcleo, mas dão a sua contribuição, isto é importante frisar. Esta é a nossa organização aqui em Itajaí, isso tiramos da minha mãe, ela sempre alinhou dessa forma. Nunca houve falta de alimentação. Sempre houve o suficiente para que todos os componentes e participantes pudessem se alimentar. A bebida não é doada, ela é cobrada, porém todos da parte do cortejo recebem alimento e bebida gratuitamente. Do cortejo fazem parte o rei e a rainha e todo o seu cortejo, como rainha mirim, o grupo catumbi, todos os convidados que fazem parte do cortejo, às vezes 10 casais, 20 casais, dependendo do rei e da rainha, e a gente ainda agrega algumas pessoas, como o padre, os mais velhos e as pessoas que têm relevância que podem fazer parte da mesa central, que é a mesa do rei e da rainha. Esses não pagam alimento ou bebida (SILVA, 2022, grifo meu para pensar no referencial feminino ancestral no processo organizativo da festa).

Logo, a festa em homenagem à santa de Nossa Senhora do Rosário é construída de modo coletivo e com a participação de diversos atores das comunidades negra e não negra, dando forma, organizando, reorganizando, porém mantendo viva a chama da participação de negros e negras na organização da sociedade. Ao analisar a fala de Tia Paz, como é carinhosamente chamada a senhora Maria da Paz da Silva Benedito, sobre o processo de organização da festa, percebe-se forte ênfase nas práticas alimentares da festa e na gratuidade. Ao pensar a festa enquanto um processo construtivo coletivo, de expressão cultural, especialmente nas peculiaridades alimentares da comunidade negra, sobretudo nas falas dos festeiros e organizadores da festa, entende-se a importância de compreender com profundidade o papel que a prática alimentar representa para a comunidade.

As atitudes em relação à comida são de forma geral aprendidas desde cedo e introduzidas por indivíduos mais próximos e mais experientes, o que confere ao nosso comportamento um poder sentimental duradouro no que tange à prática alimentar. Tendo em vista que precisamos nos alimentar todos os dias, por toda a nossa vida, crescemos em espaços específicos, cercados também de pessoas com hábitos e crenças particulares. Entendem-se os hábitos alimentares não só como o ato de alimentar o corpo, mas a criação de memórias e identidades olfativas e gustativas específicas (MINTZ, 2001, p. 33).

Quando a depoente em suas memórias se refere às práticas alimentares da festa, seu corpo fala. Percebem-se em sua fala segurança e propriedade nas questões do procedimento na cozinha e a preocupação com o processo de fabricação dos alimentos, com ênfase na gratuidade e qualidade para os festeiros da festa do Rosário. Com fluxo entre 500 e mil pessoas na atividade festiva, são necessários muito planejamento e organização. Nesse sentido, o ato de alimentar centenas de pessoas não se restringe ao dia de domingo; a operação de cocção dos alimentos da

festa pode começar dias antes, pois envolve desde a captação dos ingredientes até o ato de tempera do alimento.

Para a realização da festa, é preciso enorme organização por parte da coordenação da festa e dos festeiros, além de inúmeras reuniões para que na sexta-feira se tenha início o preparo da festa, envolvendo dezenas de pessoas nesse processo. A organização também envolve o cardápio do almoço de véspera da festa e o café da tarde da véspera da festa, que são destinados aos trabalhadores da atividade festiva, assim como o cardápio do dia da festa:

Almoço anterior ao dia da festa:

- Macarrão ou arroz;
- Carne moída;
- Frango frito (às vezes pele de frango frito e tripa frita em forma de torresmo);
- Saladas (cenoura, tomate, repolho, couve-flor, brócolis, beterraba etc.).

Café da tarde, dado no dia anterior para os organizadores e trabalhadores da festa:

- Café;
- Pão;
- Cuquinha (bolo tipicamente de Santa Catarina);
- Pão de vários tipos;
- Doces e margarina/manteiga.

Café da manhã para a recepção dos dançantes e convidados pela organização da festa:

- Café;
- Leite;
- Achocolatado;
- Bolos diversos, cuquinhas etc.
- Pães diversos;
- Margarina/manteiga.

Cardápio do almoço da Festa de Nossa Senhora do Rosário:

- Carne assada de panela;
- Frango assado (coxa e sobrecoxa de frango);
- Arroz;
- Maionese;
- Saladas (cenoura, tomate, repolho, couve-flor, brócolis, beterraba etc.);
- Farofa, com e sem bacon.

Demais doações:

- Pó de café;
- Açúcar;
- Leite;
- Creme de leite;
- Alho;
- Azeite;
- Extrato de tomate.

No momento em que Tia Paz é inquerida se a festa sempre foi da forma como é feita na atualidade, ela responde com uma ressalva: “*Sim, mas naquele tempo era melhor ainda. Só que naquele tempo era assim, né? A bebida a gente não pagava! A comida era de graça!*” (BENEDITO, 2022). Aqui a depoente solta um sorriso nostálgico. A resposta da senhora Maria da Paz se remete ao fato de que a festa na atualidade precisa cobrar a bebida⁷, o que levou a longos e extenuantes debates entre os mais velhos e os mais jovens⁸.

Como escrito anteriormente, um exemplo de o corpo da senhora Maria da Paz falar é o momento em que ela relata ser o senhor Bernardino, seu pai, um preto “*prosa*” e que ele era muito falado na comunidade negra por ter alugado uma casa 15 dias antes da festa para organizá-la: “*Bem prosa o Bernardino, nego prosa, alugou a casa 15 dias antes para ir pra lá! Daí nós fomos, né? Para trabalhar, meu Deus do céu! Tinha de organizar, tinha de organizar!*” (BENEDITO, 2022). Percebe-se que a depoente dá ênfase ao fato de que a atitude foi para trabalhar/organizar, e não para festar, e que toda a família tinha de colaborar no processo de organização da festa.

Nesse sentido, a memória da senhora Maria da Paz juntamente com a representação das informações de Salete Aparecida dos Santos e Sidneya Silva dos Santos⁹ coaduna sobre o processo de organização da comunidade negra em torno da Festa de Nossa Senhora do Rosário e a sua importância para a organização de uma identidade negra e popular de uma comunidade historicamente excluída dos livros de história.

⁷ É tradição a gratuidade da Festa de Nossa Senhora do Rosário. A festa de Piçarras não cobrava a bebida até recentemente. Uma das queixas da organização era o desperdício, assim como a variedade dos produtos consumidos na festa.

⁸ O lucro da venda da bebida é direcionado a pagar alguns custos da festa, desde o salão de festas da igreja ao transporte dos dançantes de catumbi, que se deslocam de Araquari para Itajaí em um ônibus fretado. O argumento de que o lucro seria revertido para a organização da festa contribuiu para convencer os mais velhos a ceder.

⁹ As memórias das professoras Salete Aparecida dos Santos e Sidneya Silva dos Santos foram trabalhadas no segundo capítulo.

3.2 QUANDO A FESTA É A RESISTÊNCIA: RACISMO E ANTIRRACISMO

Em procissão pelas ruas da cidade de Itajaí em um domingo de novembro, as pessoas caminham em um vaivém efervescente. Estão há mais de um ano preparando a festa em homenagem à Nossa Senhora do Rosário. Seu cortejo tem de ser o melhor da história, superando os demais. Corpos majoritariamente negros preparam-se para a saída da procissão. Algumas mulheres organizam a procissão. Idalina Bonni coordena o trânsito, a professora Salete dos Santos e Yagnes da Silva vão à frente em uma correria louca pelas ruas. O cortejo tem os dançantes de catumbi, o andor, com quatro homens negros carregando a santa do Rosário, e a comunidade negra. Os foguetes anunciam a saída de um cortejo ricamente ornamentado nos tons rosa e amarelo. Os dançantes saem tocando tambores, entoando ladainhas. Os dançantes entoam e executam a sua coreografia “Temos Deus no céu, rainha na Terra”. Vão com a santa de Nossa Senhora do Rosário e a procissão em busca do rei e da rainha do Rosário e o seu cortejo. Ainda recorrendo às memórias de Tia Paz:

Dançavam! Dançavam fora, né? [aqui a depoente se refere ao fato de não ser permitido dançar dentro da igreja] Mas dançavam, claro! Porque eles chegavam, primeiro eles iam buscar o rei em casa e a rainha. Daí eles dançavam com aquelas espadas e cantavam “O SEU REI E RAINHA RECEBA A COROA”. Era esses versinhos, tinha os brancos ali... Daí o padre do São João [bairro de Itajaí] disse que enquanto ele fosse vivo a festa tinha de ser ali.

Esse que faleceu agora?

Não, o outro! Esse aí também era muito bom! O outro mesmo! Meu Deus! O outro era uma maravilha de padre. Aquele do bracinho piquininho! Ele perguntava quem é que vai cozinhar? É a Paz? Eu fazia a comida. Ele não deixava outra mulher cozinhar para ele enquanto eu estava lá (BENEDITO, 2022).

Dançantes, devotos expressando fé e esperança. Esses corpos majoritariamente negros se misturam em um caudal caótico. Crianças correndo com idosos, reencontrando seus amigos e camaradas de outros tempos, outros apenas observando o mundo à sua volta, jovens e idosos experimentando ritmos ancestrais. Umbandistas e cristãos professam em um mesmo espaço físico sua fé. Uns cultuam santos católicos, outros inquices e orixás, outros são ateus, homens e mulheres entoando ladainhas esperando o rico almoço aguardado há um ou dois anos. Outros esperam apenas o pagode, mas todos com as intenções de coroar o rei e a rainha do Rosário e de estreitar laços identitários (Figura 13).

Figura 13 – Procissão à Nossa Senhora do Rosário em Itajaí (SC)



Fonte: Núcleo de Estudos Afro-negros

Nesse contexto de festa, batuque, encontros, reencontros de júbilos, a comunidade negra de Itajaí cria uma espécie de ponte entre o hoje e o ontem; a memória encontra-se com o presente. João José Reis (1997, p. 25) defende que as festas da comunidade negra, organizadas pelas irmandades no período colonial, se formavam em torno das identidades africanas mais amplas recriadas na diáspora. Nesse momento, uma das finalidades das festas era a promoção da ludicidade, além de estabelecer o “estado de folia dos membros”, assim como da comunidade negra. Nas festas ocorria a eleição de reis e rainhas, que simbolizavam aqueles que fundavam a América Portuguesa e executavam apresentações de rituais de reinos africanos que transformavam a memória em força cultural viva. Essas cerimônias eram carregadas de emoções que ultrapassavam a devoção cristã; os africanos e seus descendentes reviviam simbolicamente suas antigas tradições culturais e consolidavam na prática novas identidades étnicas (Figura 14).

Figura 14 – Cortejo da Festa de Nossa Senhora do Rosário de Itajaí (SC) e cortejo mirim com os netos do rei



Fonte: Arquivo do autor

O culto aos santos católicos era uma forma de africanos e seus descendentes de ocupar e utilizar os espaços públicos e se organizar por meio das irmandades, função no tempo presente exercida pelo Núcleo de Reflexão Afrodescendente Manoel Martins dos Passos da Região da Foz do Rio Itajaí, um grupo majoritariamente de mulheres negras e não negras. Em relação às festas, o momento de eleição de seus reis e de suas rainhas representa o processo de recriação de tradições, em que se mesclam fragmentos de memórias de uma África distante e elementos da cultura católica. Para Mello e Souza (2001, p. 172):

A união de diversos grupos familiares em torno de um rei, eleito pela comunidade, reforçava o sentido de pertencimento a um grupo e, no quadro diáspora africana, a recriação destas tradições funcionou como uma forma de sobrepujar a desagregação social promovida pelo tráfico atlântico.

O ato de coroar uma realza eleita entre seus pares, entre os que se destacam na comunidade negra e são reconhecidos por ela representa a constituição e a construção de identidades africanas e afro-brasileiras, pois há nesse processo de eleição a recuperação de laços tribais e identitários, assim como de pertencimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de minha pesquisa de mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade na Univille nos anos de 2021, 2022 e 2023, tive a oportunidade de analisar a reinvenção da Festa de Nossa Senhora do Rosário na cidade de Itajaí e o impacto no processo de organização e de resistência da comunidade negra da cidade a partir da década de 1990. Analisei também o reflexo da festa na organização de relações sociais, políticas e de sociabilidades da comunidade negra e o desdobramento de uma militância antirracista engajada e crítica ao *status quo*. As análises das entrevistas possibilitaram construir pontes e conexões entre a religiosidade exercida pela comunidade e as múltiplas questões sociais que permeiam o cotidiano da comunidade negra do município.

Pensamos na cidade e em seus habitantes do século XIX caminhando pelas ruas de uma Itajaí diferente da cidade do século XXI, uma cidade de 170 anos atrás, com seus escravizados, negros libertos e pessoas negras e não negras livres. Pensamos naqueles invisibilizados pela história que ajudaram a construir a cidade. A Festa de Nossa Senhora do Rosário de Itajaí é uma expressão da cultura patrimonial material e imaterial da comunidade negra que extrapola os limites geográficos e históricos da cidade, tendo em vista ser um elemento balizador e agregador da comunidade negra de toda a região. Ela é símbolo de construção coletiva e de pertencimento de um patrimônio cultural incrustado no passado, em uma ancestralidade africana e afro-brasileira, o ser negro e negra em uma região do país na qual parte da comunidade é invisibilizada. Nesse sentido, a festa é um momento em que a comunidade negra de toda a região clama: “*Nós existimos, nós estamos aqui*”, ao fazer sua procissão e seu cortejo, com seus juízes, juízas e pajens, e ao coroar seus reis e rainhas.

O primeiro capítulo serviu de entrada para pensar a festa em homenagem à santa do Rosário enquanto expressão de cultura e de construção coletiva de um patrimônio imaterial da comunidade negra e dos militantes do movimento negro organizado. Serviu para construir as pontes necessárias para a compreensão da contribuição da comunidade negra para a formação da sociedade brasileira, catarinense e especificamente itajaiense.

Com a transferência da festa para Itajaí, em 1992, deu-se início a uma nova fase, de reorganização da comunidade negra da cidade e seus militantes antirracistas, de novas lutas e desafios para os então jovens militantes do movimento negro organizado, que estavam com seus 27 ou 30 anos em média na década de 1990. Esses jovens, conduzidos pelos na época sexagenários Tia Loca e Tio Mágico, entre outros, hoje, depois de 30 anos de realização e de organização da Festa de Nossa Senhora do Rosário, passam por outra fase e novos desafios no

combate ao racismo, com uma nova geração participante da festa. Não podemos esquecer o começo da primeira entrevista com a professora Salete, quando falamos da importância da festa e de sua participação. Ela no princípio afirmou: “*Já estamos quase passando para os mais jovens que estão vindo por aí e que tenham interesse pela festa*” (SANTOS, 2022a). É nesse caminho de renovação que a festa continuará.

Importa repensar a cidade que advoga para si uma identidade luso-açoriana e teuto-brasileira e apaga de sua memória os negros e negras que não tiveram seus nomes inscritos no panteão da história. Esquecem tantos Simeãos que construíram a Igrejinha Velha, tantos Sebastião Lucas que edificaram o porto de Itajaí, tantos tios Silvérios que subiam e desciam o Rio Itajaí-Açu levando e trazendo imigrantes alemães e italianos às colônias, tantas Dorotis e Caetanas que serviam às elites teuto-brasileiras.

Ao ler de Luiz Antônio Simas (2022) *O corpo encantado nas ruas*, deparei com outro olhar sobre as singularidades da cultura negra e popular pelas ruas da cidade. O livro fez-me refletir sobre o catumbi ao caminhar pelas ruas de Itajaí, pensar a transgressão social que representa a Festa de Nossa Senhora do Rosário, a coroação de um rei e de uma rainha negros dentro da igreja com a benção de Xangô, sua procissão, com seus foguetes, tambores, danças, coreografias, seus cantos e ladainhas avisando que a santa do Rosário, os reis e as rainhas do Rosário, com seus pajens, juízes e todo o seu cortejo, estão passando pelas ruas do bairro São João e o que esses elementos representam para a comunidade afro-brasileira e para as pessoas “não negras” de Itajaí.

Pesquisar o processo de resistência e de organização da comunidade negra na cidade de Itajaí, utilizando a metodologia da história oral enquanto ferramenta de análise, propiciou compreender alguns aspectos da história da organização da Festa do Rosário. Foi possível refletir sobre a festa em homenagem à santa, os movimentos negros da cidade de Itajaí e seus militantes. Isto é, no segundo capítulo, pensamos as táticas e estratégias para a luta pela promoção da igualdade racial e de combate ao racismo, bem como as ações da comunidade negra enquanto protagonista de sua história – na luta dos militantes antirracistas e festeiros que organizam a festa dos pretos em Itajaí.

Tentamos compreender o processo construtivo de seus saberes e fazeres coletivos, os embates da comunidade negra e os poderes constituídos (formais e informais), assim como a resolução desses problemas. Entendemos que a Festa de Nossa Senhora do Rosário serviu e ainda serve como massa aglutinadora da comunidade negra e militantes antirracistas, na construção de um espaço plural e diverso de resistências da comunidade negra e popular.

Ao discutirmos a Festa do Rosário e seus tambores, suas procissões pelas ruas de Itajaí e o que a festa representa para os festeiros, para a comunidade negra e para a cidade, abrimos espaço para pensar as festas populares, o sagrado e o profano andando ladeados pelas ruas de Itajaí. Também abrimos espaço para pensar a construção de sociabilidades e a criação de laços identitários na formação de redes de proteção social e de inserção de questões importantes para a vida não só da comunidade negra, mas de um todo que gravita em torno dela. As festas de santos católicos, as procissões, a umbanda, o candomblé e demais religiões de matriz africana e a cultura do samba foram os pontos de partida para que essa população se organizasse e resolvesse seus dilemas. Refletimos acerca do processo de formação da cidade de Itajaí e de uma identidade própria, com base nas diversas formas de invenção e celebração da vida.

Dessa maneira, faz-se necessário ressaltar o papel da comunidade negra da cidade de Itajaí desde o início do século XX, que reflete na forma de organização das entidades de combate ao racismo existentes hoje, como a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, o Clube de Regatas Cruz e Sousa, o Humaitá Futebol Clube, a Sociedade Beneficente XV de Novembro¹ e a Sociedade Sebastião Lucas Pereira (SILVA, 2004). Essas entidades foram a amálgama que pavimentou os caminhos para a formação dos movimentos negros dos anos de 1990 e de 2000. Ou seja, as organizações de combate ao racismo do século XXI são herdeiras e tributárias das organizações do passado, cada uma com seu papel e características próprias.

De modo geral, as comunidades negras em todo o Brasil foram formadas em meio à desagregação familiar, resultado do tráfico e das adversidades da vida dos escravizados e escravizadas. A condição do processo de escravidão dificultou a formação e consolidação de famílias e comunidades, tendo em vista que amigos e parentes podiam ser separados pela venda para proprietários diferentes. Para sobreviver ao cativeiro, homens e mulheres escravizados e seus descendentes buscaram táticas e estratégias diversas para acionar relações sociais aprendidas na África e aqui reinventadas. Esses vínculos formados por meio do trabalho, da família, dos grupos de convívio e da religião foram fundamentais para a sobrevivência e para a reinvenção de valores e referências culturais de africanos e seus descendentes no processo de formação da cultura afro-brasileira. Segundo Albuquerque (2006, p. 93):

¹ A Sociedade Beneficente dos Estivadores, fundada em 1922, tinha a Sociedade Beneficente XV de Novembro de 1906 sua antecessora. Em seu processo de formação, seu quadro tinha uma quantidade significativa de afro-brasileiros, tendo em vista no pós-escravidão ter sido a forma de sustento dos ex-escravizados e libertos. Existiu ainda uma instituição anterior, para todos os trabalhadores, a Sociedade Beneficente Operária de Itajaí.

A despeito dos obstáculos criados pela escravidão, os cativos buscavam manter relações conjugais estáveis, além de construir redes de parentesco extensas para além dos laços consanguíneos. Os estudos mais recentes sobre família escrava no Brasil têm demonstrado que, nas grandes plantações de café e cana, parte considerável dos cativos conseguiu criar e manter relações familiares ao longo do tempo.

Esse traço na condição de escravizados e seus descendentes se reflete no processo de organização de escravizados da Fazenda Boa Vista do Pocinho, de propriedade do latifundiário José Henriques Flores, político influente da Vila do Santíssimo Sacramento de Itajahy e um grande proprietário de terras. Onde hoje se encontram os municípios de Ilhota e Gaspar, em sua fazenda residiam cerca de 400 escravizados (SILVA; BONSIGNORI, 2023). É desses homens e mulheres ex-escravizados e livres que descendem significativa parcela da comunidade negra da cidade de Itajaí², mais precisamente de Pedra de Amolar³. Esses homens e mulheres de descendência africana vão ressignificar seu *modus vivendi* e reorganizar o lume de suas vidas, em um primeiro momento enquanto pessoas escravizadas e posteriormente como pessoas livres.

No terceiro capítulo falamos sobre a história das mulheres e a importância do patrimônio alimentar no processo de resistência. O patrimônio afro-brasileiro constitui-se tanto de religiosidades como de redes de solidariedade e sociabilidade, que transmitem um rico universo de saberes, cores e sabores. O apagamento feminino precisa ser discutido, para que as mulheres do Rosário possam cada vez mais ocupar os espaços de protagonista nas memórias que compõem o acervo da história da festa e de Itajaí.

Nesse sentido, é perceptível atualmente a organização dos movimentos negros e sua militância antirracista na cidade, assim como em outras regiões do Brasil, por famílias tradicionais da comunidade negra da cidade ou pessoas negras e não negras por elas “adotadas” enquanto membros, o que se reflete na quantidade de organizações antirracistas em Itajaí, em torno de cinco ou seis, que têm pautas em comum e também divergências. A festa em homenagem à santa do Rosário, porém, é o ponto de convergência. Nela surgem as articulações políticas e de estratégias de combate ao racismo, se geram leis, se dá início a projetos. Enfim,

² As saídas de campo acerca das origens das famílias negras de Itajaí capitaneadas pelo professor José Bento Rosa da Silva e com a minha colaboração, ainda não sistematizadas nem publicadas, têm apontado que uma parcela significativa da comunidade negra da cidade residia historicamente em três localidades de uma Itajaí, antiga Penha, Piçarras e Pedra de Amolar, precisamente na localidade de Carvão, e que na década de 1950 migrou para trabalhar na área mais urbanizada da cidade, basicamente a zona portuária, ocupando o bairro Nossa Senhora das Graças, Beco do Quilombo (Imaruí) e São João.

³ José Henriques Flores era natural do Rio de Janeiro e sogro de Marcos Konder Sênior, que deu origem a uma das famílias de políticos mais influentes de Santa Catarina, os Konder, Konder Reis, Konder Bornhausen.

a Festa do Rosário é um momento não só de expressão religiosa, mas também de organização política.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (org.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. **Uma história do negro no Brasil**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.
- ALVES, Jucélia Maria. **Catumbi: um aspecto da cultura negra em Santa Catarina**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1990.
- BARBOSA, Marcio. **Frente negra brasileira: depoimentos**. São Paulo: Quilombo Hoje Literatura, 1998.
- BELIZÁRIO, Tamara Cardoso. **Clube de Preto: cinquenta anos de história do Clube Sebastião Lucas**. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo) – Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2011.
- BENEDITO, Maria da Paz da Silva. **Maria da Paz da Silva Benedito: entrevista** [28 nov. 2022]. Entrevistador: Moacir da Costa. Itajaí, 2022.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**. São Paulo: Edusp, 1979.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A festa de Santo Preto**. Rio de Janeiro: Funarte/Instituto Nacional do Folclore; Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1985.
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 1997.
- CHAUVEAU, Agnes. **Questões para a história do tempo presente**. Bauru: Edusc, 1999.
- COSTA, Moacir da (org.). **Negros em Itajaí, mais de 150 anos de história: da invisibilidade à visibilidade**. Itajaí: Casa Aberta, 2010.
- D'AVILA, Edison. **Pequena história de Itajaí**. Itajaí: Prefeitura de Itajaí, 1982.

FAQUETI, Maristela Vieira. **Esquecimento ou apagamento da memória: Festa de Nossa Senhora da Conceição em Camboriú.** Monografia de Conclusão do Curso (Graduação em História) – Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2003.

FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa no Brasil:** ensaio de interpretação sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

FERREIRA, Elisangela Oliveira. **O santo de sua terra na terra de todos os santos:** rituais de calundu na Bahia colonial. Salvador: Afro-Ásia, Universidade Federal da Bahia, 2016.

GIACOMOSSI, Wanessa. **Do Cacumbi ao Divino: a inserção do afro na Festa do Divino em Tijucas nos anos de 1994 e 1997.** Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2006.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes.* Cidade: editora, 1987.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** São Paulo: Editora da Unicamp, 1996.

LEITE, Ilka Boa Ventura. **O direito constitucional de propriedade das comunidades remanescente de quilombos.** Florianópolis: editora, 2000. (Texto e Debates.)

LEITE, Ilka Boa Ventura. **Terras e territórios negros no Brasil.** Florianópolis: editora, 1991. (Texto e Debates.)

LENZI, Rogério Marcos. **Itajaí:** outras histórias. Itajaí: Editora Fundação Genésio Miranda Lins, 2002.

LINHARES, Juventino. **O que a memória guardou.** Cidade: editora, 1997.

LOPES, Nei. **Enciclopédia brasileira da diáspora africana.** São Paulo: Selo Negro, 2004.

LUPI, João. **Moçambique, moçambiques:** itinerário de um povo afro-brasileiro. Santa Maria: Editora UFSM, 1988.

MALAVOTA, Claudia Mortari; CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco (org.). **Pretos/as do Rosário:** a irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos (século XIX). Itajaí: Casa Aberta, 2008.

MELLO E SOUZA, Marina de. **Reis negros no Brasil escravista: história da festa da coroação do rei Congo**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.

MINTZ, Sidney W. Comida e antropologia: uma breve revisão. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 16, n. 47, p. 31-41, 2001. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092001000300002>

MOURA, Clóvis. **Sociologia do negro brasileiro**. São Paulo: Ática, 1988.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

PEDRO, Joana Maria (org.). **Negro em Terra de Branco: escravidão e preconceito em Santa Catarina no século XIX**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

PIAZZA, Walter. **O escravo numa economia mini fundiária**. Florianópolis: Udesc, 1975.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD). **Desenvolvimento humano: racismo, pobreza e violência**. Brasília: PNUD, 2005.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD). **Desenvolvimento humano para além das médias**. Brasília: PNUD/Ipea/FJP, 2017.

QUINTÃO, Antônia Aparecida. **Lá vem meu parente: as irmandades de pretos e de pardos no Rio de Janeiro e em Pernambuco (século XVIII)**. São Paulo: Editora Fapesp, 2002.

RAMPINELLI, Waldir José (org.). **História e poder: reprodução das elites em Santa Catarina**. Florianópolis: Insular, 2003.

REIS, João José. Identidade e diversidade étnicas nas irmandades negras no tempo da escravidão. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1997.

REIS, João José; SILVA, Eduardo. **Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **História da saúde mental infantil: a criança brasileira da Colônia à República Velha**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2006.

ROSA, Júlio César. Clubes negros em Santa Catarina nas primeiras décadas do século XX: histórias, memórias e trajetórias. **Revista Historiar**, v. 10, jan./jun. 2018.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem a Província de Santa Catharina (1820)**. Rio de Janeiro: Brasiliana; Companhia Editora Nacional, 1936.

SANTOS, Ivair Augusto Sales dos. **O movimento negro e o Estado (1983-1987): o caso do conselho de participação e desenvolvimento da comunidade negra no governo de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Ciências Políticas) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

SANTOS, Salete Aparecida dos. **Salete Aparecida dos Santos**: entrevista [12 jul. 2022]. Entrevistador: Moacir da Costa. Itajaí, 2022a.

SANTOS, Sidneya Silva dos. **Sidneya Silva dos Santos**: entrevista [28 nov. 2022]. Entrevistador: Moacir da Costa. Itajaí, 2022b.

SANTOS, Mariana de Mesquita. **Pelas contas do Rosário: cidadania na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Pelourinho no pós-abolição (Salvador, 1888-1930)**. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

SEBASTIÃO, Rafael Sizino. **O rosto afro da Penha, revelações de uma alma histórica**. Trabalho de Conclusão de Curso/Grande Reportagem (Graduação) – Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2000.

SEVERINO, José Roberto. **Itajaí e a identidade açoriana: a maquiagem possível**. Itajaí: Editora Univali, 1998.

SILVA, Fátima Regina da. **Fátima Regina da Silva**: entrevista [dez. 2022]. Entrevistador: Moacir da Costa. Itajaí, 2022.

SILVA, Jaime José dos Santos. **Memórias do cacumbi: cultura afro-brasileira em Santa Catarina, século XIX e XX**. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

SILVA, José Bento Rosa da. **Estiva Papa Siri: mãos e pés do Porto de Itajaí**. Itajaí: Editora do Autor, 2004.

SILVA, José Bento Rosa da. **Negras memórias**. Itajaí: Prefeitura de Itajaí, 1996.

SILVA, José Bento Rosa da; BONSIGNORI, Vinícius. Desassossego na casa-grande: o caso da Fazenda Boa Vista do Pocinho (Santa Catarina, 1867). **Revista de História da UEG**, v. 12, n. 1, e212310, 2023.

SILVA, José Carlos Gomes da; ARAÚJO, Melvina Afra Mendes de; SOUSA, Flávia Alves de (org.). **Política da promoção da igualdade racial na escola**. São Paulo: Editora Unifesp, 2017.

SILVA, Mauricio Fernando da Rosa. **Mauricio Fernando da Rosa Silva**: entrevista [fev. 2023]. Entrevistador: Moacir da Costa. Itajaí, 2023.

SIMAS, Luiz Antônio. **O corpo encantado nas ruas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

SOARES, Deoclécio (org.). **Boletim da Comissão Catarinense de Folclore**. Florianópolis, 2000.

THOMPSON, Edward P. **A formação da classe operária inglesa, a árvore da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

THOMPSON, Paul Richard. **Voz do passado**: história oral. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

TINHORÃO, José Ramos. **As festas no Brasil Colonial**. São Paulo: 34, 2000.

WASELFISZ, Júlio Jacobo. **Mapa da violência 2016**: homicídios por armas de fogo. Rio de Janeiro: FALCSO, 2016.

ANEXO

ANEXO 1 – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

ANEXO 1 – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - C

FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

1. Projeto de Pesquisa: QUANDO A FESTA É A RESISTÊNCIA: O MOVIMENTO NEGRO E A FESTA DO ROSÁRIO EM ITAJAI (1992-2022)			
2. Número de Participantes da Pesquisa: 12			
3. Área Temática: INTERDISCIPLINAR			
4. Área do Conhecimento: Grande Área 7. Ciências Humanas			
PESQUISADOR RESPONSÁVEL			
5. Nome: MOACIR DA COSTA			
6. CPF: 807.194.819-53	7. Endereço (Rua, n.º): SAO JOSE 343 SAO VICENTE ITAJAI SANTA CATARINA 88309475		
8. Nacionalidade: BRASILEIRO	9. Telefone: (47) 3246-4555	10. Outro Telefone: 47 999949496	11. Email: professormoaistor
Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Com utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo. Data: 04/03/2022 <i>Moacir da Costa</i> Assinatura			
INSTITUIÇÃO PROPONENTE			
12 NOME: Fundação Educacional da Região de Joinville - UNIVILLE 13 CNPJ: 84.741.668-94			
14 UNIDADE/ORGÃO: PPG.PCS - UNIVILLE			
15. Telefone: (47) 3461-9235	16. Outro Telefone: 47 34619223/47988446955271		

Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.		
Responsável:	Profa. Dra. Raquel Alvarenga Sena Venera	CPF: 001.397.976-02
Cargo/Função:	Coordenadora	
Data:	04/03/2022	<i>Raquel Alvarenga Sena Venera</i> Assinatura

DISSERTAÇÃO: “QUANDO A FESTA É A RESISTÊNCIA: O MOVIMENTO NEGRO E A FESTA DO ROSÁRIO EM ITAJAÍ (1992-2022)”

Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade

Linha de Pesquisa: Patrimônio, Ambiente e Desenvolvimento Sustentável

Orientadora: Roberta Barros Meira

Mestrando: Moacir da Costa

Proposta: Entrevista: com membros da comunidade negra, festeiros e ativistas do movimento social negro e organizadores da Festa de Nossa Senhora do Rosário na cidade de Itajaí –SC, festa da comunidade negra da cidade que foi reorganizada em 1992.

Roteiro para entrevistas:

-Identificação inicial: As entrevistas serão realizadas entre os meses março e abril de 2022 pelo professor e mestrando Moacir da Costa, respeitando todos os protocolos de distanciamento social e medidas sanitárias defendidas pela autoridade sanitária responsável;

- Identificação do Projeto: “QUANDO A FESTA É A RESISTÊNCIA: O MOVIMENTO NEGRO E A FESTA DO ROSÁRIO EM ITAJAÍ (1992-2022)” As entrevistas versarão sobre a investigação do processo de organização da Festa de Nossa Senhora do Rosário da cidade de Itajaí e sob a responsabilidade do Mestrando Moacir da Costa;

Vale aqui deixar registrado que as entrevistas ficarão sob a guarda do pesquisador ora responsável pela pesquisa por um prazo de cinco anos e ao final da pesquisa será disponibilizado ao Laboratório de História Oral da UNIVILLE todo o material resultante das entrevistas.

Uma das preocupações neste momento de agravamento da crise pandêmica é o aumento da letalidade do vírus SARCOV, neste sentido é preciso se pensar na segurança biológica de todos e todas envolvidos no processo de pesquisa, de forma que a realização das entrevistas estará sujeita a aprovação do Comitê de Ética da Universidade da Região de Joinville – Univille. Posteriormente a aprovação do projeto de pesquisa, segundo cronograma apresentado neste projeto, se estabelecerá contato com entrevistados para realização da entrevista. Ressalta-se que a entrevista

poderá ser realizada remotamente, conforme aceite e disponibilidade do entrevistado, através de plataforma de reuniões como Microsoft Teams, Google Meets ou outras formas de encontros virtuais e de entrevistas na qual o entrevistado ou entrevistada tiver disponibilidade. Essa escolha está relacionada ao distanciamento social, entre pesquisador e sujeitos da pesquisa, e também considera as orientações do Conselho Nacional de Saúde, referenciadas na Recomendação Nº 027, de 22 de abril de 2020, acerca do isolamento social frente ao combate a pandemia da Covid-19.

1- Entrevista com Maria da Paz da Silva Benedito (Tia Paz) Maria da Paz da Silva Benedito (Tia Paz) Fátima Regina da Silva, Célia Tereza dos Santos, Salete Aparecida dos Santos, Marília Luiza da Silva. Estes entrevistados são ativistas do movimento social negro que organizam a festa desde 1992 e comandam o ato litúrgico da festa bem como o processo de organização da festa durante todo o ano e a cozinha (ponto chave da festa). O objetivo das entrevistas é levantar dados para problematizar a repercussão e o impacto da reinvenção da festa na cidade de Itajaí e as possíveis transformações na organização social da comunidade negra de Itajaí, bem como perceber nas fontes primárias o processo de organização da comunidade negra em relação a festa de Nossa Senhora do Rosário em Itajaí, para tanto serão formuladas perguntas embasadas na metodologia de História Oral dentro do conceito de perguntas abertas.

Perguntas que serão formuladas aos entrevistados supracitados:

- Qual ou quais os motivos para trazer a festa para Itajaí?
- Qual a sua relação com a Festa de Nossa Senhora do Rosário?
- O que você conhece sobre a Festa de Nossa Senhora do Rosário?
- A Festa sempre foi organizada desta forma?
- Qual a importância da Festa de Nossa Senhora do Rosário para a cidade?
- Qual a importância da Festa de Nossa Senhora do Rosário para a comunidade Negra?
- Qual a relação entre Igreja católica e a Festa de Nossa Senhora do Rosário?
- Você sabe se há alguma relação com outras religiões?
- Qual a relação entre a Festa e o Poder Público?
- A Festa recebe algum apoio financeiro dos poderes público para a organização da festa?
- Qual a importância das mulheres no processo de organização das festas?
- Podes me contar sobre a participação das mulheres na festa?
- Quanto ao alimento, como é recolhido? E de que forma é processado e por quem?

2- Entrevista com Maria Raquel da Rosa de Lima, Mauricio Renato da Rosa, filhos da última festeira de Penha e a primeira de Itajaí.

- Qual ou quais os motivos para trazer a festa para Itajaí?
- Qual a sua relação com a Festa de Nossa Senhora do Rosário?
- O que você conhece sobre a Festa de Nossa Senhora do Rosário?
- A Festa sempre foi organizada desta forma?

- Conte-me como era a festa antigamente.
- Você já foi rei ou rainha da Festa?
- Qual a relação da Festa de Nossa Senhora do Rosário com a Igreja Católica?
- Existem pessoas de outras Religiões na organização da Festa?
- Podes me contar sobre a participação das mulheres na festa?
- Quanto ao alimento, como é recolhido? E de que forma é processado e por quem?

3- Entrevista com Sidneya Silva dos Santos, Matheus Roberto dos Santos da Rosa, Yagnes Kátia da Silva colaboradores jovens no processo de organização da primeira festa.

- Qual a sua relação com a festa?
- Qual ou quais os motivos para trazer a festa para Itajaí?
- Qual a sua relação com a Festa de Nossa Senhora do Rosário?
- O que você conhece sobre a Festa de Nossa Senhora do Rosário?
- A Festa sempre foi organizada desta forma?
- Conte-me como era a festa antigamente.
- Você já foi rei ou rainha da Festa?
- Qual a relação da Festa de Nossa Senhora do Rosário com a Igreja Católica?
- Existem pessoas de outras Religiões na organização da Festa?
- Qual festa ficou marcada em sua memória? A festa tem importância para a comunidade negra?
- Podes me contar sobre a participação das mulheres na festa?
- Quanto ao alimento, como é recolhido? E de que forma é processado e por quem?

4- Entrevista com Davi José Teixeira e Lucimara dos Santos colaboradores e ativistas dos direitos humanos e sociais de Itajaí que colaboram a anos no processo de organização da primeira festa:

- Como e quando você teve contato com a festa?
- Como você costuma colaborar com a festa?
- Você pode contar como é organizada a festa?
- A festa é importante para a cidade?
- Qual a importância?
- Você tem alguma lembrança da festa?
- Podes me contar sobre a participação das mulheres na festa.
- Como está organizada a parte da festa que envolve o patrimônio alimentar?